



José Roveri

Onde canta o sabiá

SONHOS E MEMÓRIAS DE UM
BOTICÁRIO DO SERTÃO

ONDE CANTA O SABIÁ

José Roveri

Quando o sabiá canta, é tempo do amor.

José de Alencar

À Alaíde

Merecida homenagem

Para José Carlos,
Adelice,
Rafael,
Marco Antônio
e Fernando

Dedico este livro, igualmente, a todos aqueles que sofrem.

Aos que clamaram por mim na angústia da morte, numa dor, também de ausência, na hora final.

Estendo esta homenagem ao meu querido amigo Celso Lopes, homem pobre, filho de pais paraguaios, meu ex-empregado, morador no bairro Tancredo Neves, em Rondonópolis: morreu de câncer. No estertor da morte chamava por mim.

Eu estava ausente.

E a outros que também clamaram por mim no martírio de suas dores, nos sertões bravios de minha terra, por onde andei, como farmacêutico, a fim de aplacar suas aflições.

Minha homenagem, minha profunda tristeza, e o maior respeito àqueles heróis desconhecidos.

José Roveri

PREFÁCIO

Este livro nasceu meio de surpresa,

Quando falei com meu tio sobre um livro que estava escrevendo sobre a cidade de Pirangi, onde nascemos, ele me adiantou que estava com outro quase pronto.

Conversando com uma prima lá da terrinha natal, ao citar o nome do tio José Roveri, ela, para mostrar que dele se lembrava, me perguntou se era daquele poeta que estava falando.

Não sabia que era poeta e muito menos podia esperar que estivesse escrevendo um livro de memórias. Parei de mencionar o meu para ficar só com o dele.

- Mande-me os originais para ver...

- Não posso, está tudo embolado e riscado...

Insisti um pouco mais e, menos de uma semana após o telefonema, em Ribeirão Preto, nas minhas mãos estavam os originais pedidos.

Em poucas horas, um fim de noite e pedaço da madrugada seguinte, e já conhecia tudo que havia escrito. Liguei para ele e disse que tinha gostado, boa surpresa.

- Vai publicar? Já viu onde e com quem?

A publicação era apenas um sonho na cabeça dele.

Como conhecia a “fera”, botei fogo e esperei a explosão.

Este “canto do sabiá” é a odisséia de um homem simples do interior de São Paulo, que saiu de sua pequena cidade para enfrentar o mundo longe dela, onde só tinha amigos.

Um luta realmente árdua, mas cheia de saudade.

De Pirangi para Palmeiras d’Oeste e de Palmeiras para Rondonópolis foram desafios em cima de desafios. Se bem que tivesse ao seu lado essa dureza cabocla de nome Alaíde, tia Alaíde, minha tia, sempre a lhe impulsionar em momentos difíceis, não encontrou moleza pela frente, não.

Com o filho Zé Carlos já mais crescido do lado, já melhorou e foi melhorando um pouco.

As vitórias alcançadas compensam sempre os esforços dispendidos.

Eis aqui uma família vitoriosa.

Sou suspeito, reconheço, para alardear tantos triunfos.

Mas, sou também jornalista, dos antigos, que consegue se afastar das pessoas - por mais próximas que estejam - para só se ater aos fatos e tirar, afinal, as conclusões necessárias.

Não é por ser Roveri como Zé Roveri que sou obrigado a ficar cego de modéstia e deixar de reconhecer a beleza do seu trabalho, o brilho de sua passagem pela vida, o exemplo que deixa para a família e aos netos, além do profundo carinho que colocou nisso tudo, ao tratar com as pessoas menos gente da vida.

O homem cumpriu sua missão.

Este livro conta como ela foi cumprida.

A maneira, os lances, o que ele disse e não disse, falando pelas entrelinhas, cabe a cada leitor analisar e sentir.

ONDE CANTA O SABIÁ é o sertão vivido por José Roveri, fonte de tudo que contou, tendo, como centro de tudo, ele mesmo.

É bom, muito bom, ler o que vem do fundo do coração de alguém.

Espera-se somente que outros sintam o que o sobrinho dele sentiu ao conviver com o tio em cada página virada, tanto sonho no princípio e tanta glória conquistada no fim.

Pirangi vai vibrar com seu jovem boticário no meio de suas histórias, histórias de sua vida, tanta surpresa aparece aqui e ali.

O mocinho farmacêutico ganhou mais uma vez com a publicação de seus sonhos e memórias e nós estamos, aqui de longe, batendo palmas para ele, até com um pouquinho de orgulho disfarçado, pela lição deixada, diante de sua determinação e coragem e dedicação, do seu desprendimento até chegar lá.

Se o tio não teve esse propósito de dar lições, quem o lê não pode deixar de dizer que nada se consegue, nesta vida, apenas sonhando, porque, na verdade, só se vence, mesmo, é metendo os peitos.

É a lei do sertão.

Wilson Roveri
Academia Ribeirãopretana de Letras

PRÓLOGO

Comandado por uma vontade imensa de voltar, numa ilusão quimérica dos meus sonhos, em noites de lamentos de minha alma, na fragilidade dos meus conhecimentos, e com a licença dos meus amigos, insone, a conjecturar, me propus a escrever algo sobre a vida: a minha vida.

Mas, nesta vontade indômita de voar no tempo, em vôos altos da imaginação, das minhas lembranças, debruço-me em pensamentos. Na inutilidade das ilusões destruídas, na impossibilidade de rever o tempo que passou, recomponho-me numa atitude estoica de prosseguir, num contrato com a vida, numa trajetória pelo mundo, em reflexões tardias, de decisões débeis, coisa que o tempo não nos devolve jamais, coisas da minha juventude, dos encantos e desencantos que ficaram para trás, na curva do tempo.

Nas tardes quentes de verão, ao anoitecer, quando o céu vai perdendo o azul, para entrar na quietude da noite, compelido pela saudade, numa tentativa de descrever o meu caminhar de reminiscências, de venturas passageiras, sinto-me como o poeta que no seu cantar, exprime uma emoção ardente de que a vida não vai além de uma linda ilusão. E, como Goethe, sinto que **os meus cantos de agora, estes não são amados/ Por quantos os ouviam outrora deslumbrados.**

Então, para que remir o passado?

Mas, a história deve ser narrada.

José Roveri

Rondonópolis, 22 de fevereiro de 1996.

DESPERTAR PARA A VIDA

Nasci numa cidadezinha do interior do Estado de São Paulo, dia 8 de dezembro do ano de 1917. Minha irmã Ermelinda costuma dizer, que no dia do meu batizado, houve uma grande festa: fogos de artifício, bateria de vinte e um tiros, banda de música, muitos foguetes, uma festa de gala. Filho de gente rica e de padrinho maestro de banda de música, homem intelectualizado e muito estimado na cidade, muita empolgação, estava sendo batizado naquele dia, o filhinho caçula da família Roveri.

Ao despertar para a vida, com 4 anos de idade, comecei a perceber em mim o gosto pelo inusitado: aprendendo a nadar e pescar nos rios próximos da cidade, embrenhava-me pelas matas em busca de aventuras, à cata de jatobás, caçando passarinhos com estilingue. Aos quatro anos de idade perdi meu pai. O que ficou dele em minha memória foi o seu enterro. Eu, minha mãe, meus irmãos em pé na calçada, olhávamos o féretro que aos poucos desaparecia sob uma chuva miúda, no fim da rua, rumo ao cemitério. Era uma tarde de março, lembro bem. Outra pequena lembrança que guardo até hoje, bem guardado no recôndito de minha alma, foi quando íamos chegando na cidade de volta da fazenda, num bonito tróle puxado por um garboso cavalo, eu sentado entre meu pai e minha mãe, íamos ver a nova casa que meu pai havia mandado construir lá em cima, no largo de São Benedito. De meu pai, foi tudo o que ficou gravado na memória. Fiquei sabendo também que ele possuía um diploma de contabilista da Itália. Homem calado, taciturno, morreu cedo: 44 anos, dono de três fazendas de café e gado. Ficou minha mãe encarregada disso tudo e mais um grande armazém. Daí em diante começou a carregar a sua cruz. Debacle de 1928/ 29, quebradeiras, perda de fazenda. As riquezas das famílias Roveri e Galletti rolaram água abaixo, a exemplo da minha tia Bite, depois doenças: um verdadeiro vendaval destruindo tudo. Começava então a grande tragédia. Meus irmãos mais velhos já haviam se casado: o Vitório, Antoninho, Olivio, o Albertinho, e por último a Ermelinda, ficando com minha mãe, o Artur, o Zico, o Mário, eu e a Elvira. A família ressentida com a grande crise financeira se dispersava: uns foram para longe, outros, mais para perto dali, mas dispersavam. Lá se foram as fazendas, lá se fora todo o café colhido, todo o dinheiro que minha mãe pusera nas mãos de parentes próximos. Tudo. Mas o pior ainda estava para acontecer: minha mãe e meu irmão Artur adquiriram uma nefasta e estigmatizante doença: Mal de Hansen. Tiveram que ser

internados longe dali. Para a minha família o tempo corria lento e desleal: cruel e desnorteante. Minha irmã Ermelinda se casara com o Antoninho da Farmácia. No segundo dia do seu casamento para lá me mandei, fui morar com eles. Era a vontade de minha mãe. Começava assim a minha odisséia.

Eu caminhava sozinho na estrada, pelo campo, enquanto o sol poente escondia como um avaro o seu ouro derradeiro. O dia mergulhava cada vez mais profundamente na escuridão. Parei um momento em meu caminho solitário sob a luz das estrelas, e ví diante de mim a perder-se de vista a terra escurecida.

Rabindranat Tagore

ADEUS, AMIGOS

Morei com a minha irmã até os vinte e oito anos; anos depois nascia o Ivan, seu filho. Menino bonito e robusto. Terminei o curso primário e logo depois fui trabalhar na cozinha; levantar de manhã, fazer o café, pôr o feijão para cozinhar, em seguida ia fazer o almoço. Entre o jantar eu varria o quintal, um quintal enorme ocupado por um mangueiral, laranjeiras, muitos pés de jambos, a fruta preferida do meu cunhado Antoninho, e um enorme mandiocal, isso tudo cuidado por mim diariamente com muito esmero. Passados 3 anos fui trabalhar na farmácia com ele. Moço decente, educado, ótimo marido, pai zeloso e amigo. Na minha adolescência e mocidade, foi dele toda a orientação recebida. Para mim, pai, amigo, mestre. Filho de pai alemão e mãe cabocla, um Homem. Dava-me muitos livros para ler. Quando fui morar com eles ainda muito criança comecei a gostar da leitura por orientação dele. Comecei lendo obras como As Mil e Uma Noites, O Ladrão de Bagdad, Aladim e a Lâmpada Maravilhosa, Alibabá e os Quarenta Ladrões e tantas outras como os contos de Monteiro Lobato, mais tarde, Éça de Queirós, Vitor Hugo, Alexandre Dumas, Machado de Assis, as poesias de Castro Alves, Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias.

Anos inesquecíveis da minha juventude, anos de plena alegria, anos das festas de São João, Santo Antônio e São Pedro. Na minha cidade e nas cidades vizinhas, meus carnavais que nunca esqueci, meus amores, meus amigos, meus grandes amigos:

Alemão, Filó, Augusto Bailão, Jeremias, Waldemar Crespo, Jarbas Mota e muitos outros como o Minguinho Fini e Zito Couto, dois grandes amigos de infância. O Alemão em momento algum deixou de ser um grande amigo. Com ele conheci as mulheres mais lindas, os lugares mais sofisticados e luxuosos de São Paulo: amigo de gosto refinado, um gentleman. O Filó, meu confidente e fiel amigo. Deles nunca irei esquecer. A década dos anos quarenta descamba. Alguns deles já tinham ido em busca de novas aventuras, outros casaram-se e também se foram. Eu já havia concluído meu curso de farmácia (Provisionamento) e minha intenção também era de procurar novos rumos, titubeava. Minha irmã e meu cunhado não queriam de modo algum que eu me embrenhasse por sertões incultos, mas era essa a minha intenção. Apesar dos suportes que eu vinha recebendo para assumir a responsabilidade para comandar uma das drogarias dos irmãos Raia em São Paulo, com muito boa remuneração, recusei. Num ditado aprendi que **vale mais ser dono de um barco do que comandante de um navio**, razão pela qual o meu caminho seria mesmo rumo ao sertão. Naqueles dias havia aparecido por ali o Ângelo Galletti, meu primo, e que já estava morando com a família lá por aquelas bandas de Jales, uma vila naquele resto de sertão ainda existente no oeste do Estado de São Paulo. Recebi dele uma proposta para instalar uma farmácia numa vilazinha que estavam formando além de Jales. Terras boas mas inóspitas, não possuía sequer estradas, sertão mesmo, sertão brabo. Comuniquei ao Antoninho e acertei minha ida para lá. O património fora cedido pela família Vicente de São José do Rio Preto.

Adeus, pois, Amigos, obrigado pela companhia. Aos lares distantes cada qual de nós, por caminhos diversos, deve um dia chegar.

Catulo

UMA ODISSÉIA

Viajei na carroceria do caminhão do Sr. Thomás Vicente durante 3 dias, guiado pelo seu filho Orlando. Começava aí a grande odisséia. Janeiro, do ano de 1945, dia de São Sebastião, data da minha chegada à aquela vila. Durante a viagem tudo era muito confuso para mim, tudo muito estranho e triste: para trás

ficaram minha família, meus amigos, minha namoradas. Uma viagem talvez sem volta: essa era minha intenção, não voltar.

O caminhão parou diante de uma casinha de madeira que seria a minha morada, onde instalaria também a farmácia, ali naquele lugar diferente que nem sequer era uma vila. Uma única rua denominada General Cândido Rondon. Naquela Rua só existia a minha casa e um pouco adiante uma choupana de pau a pique, só. Seu morador chamava-se João Siqueira, caboclo vindo de não sei onde, desconfiado, mas cordial.

Ainda em cima do caminhão lembrei a família, os amigos, a cidade onde nasci, meus Natais, Ano Novo, minhas festa juninas, minhas namoradas, tudo ficara para trás, tudo. Tudo passou como os carnavais da vida, como as andorinhas que emigram já no fim do verão e que talvez não voltem nunca mais. Pois ali, ainda em cima daquele caminhão eu divagava. Na minha cabeça um redemoinho de pensamentos confusos. Em pé estava o desbravador, Ulisses na sua Odisséia, com um chapéu coco na cabeça que havia ganhado do Chiquinho Jozzolino, antes de partir para a grande jornada. Tudo levava a crer que seria uma jornada cruel de fato, como acabou sendo.

No dia seguinte comecei a montar a minha pequenina farmácia. Na parte da frente a farmácia, na parte de trás, o meu quarto e a cozinha. A pequena vila levou o nome de Palmeira d'Oeste, sua padroeira era Santa Luzia, a santa que nos protege os olhos. Assim me ensinava minha avó Maria Galletti, da mesma cidade do pai da poesia italiana, Dante Alighieri (1265-1321) e de Virgílio, o mais célebre dos poetas latinos, nascido nas proximidades de Mântua, cidade onde nasceu meu pai.

A minha era uma ruazinha modesta como diria o poeta, faltava a deusa que tinha ficado para trás. A farmácia já estava montada: agora era só começar a atender os doentes, que só apareceriam de vez em quando: pernas quebradas, crianças opiladas, mocinhas que se queixavam por intermédio de suas mães, que ainda não haviam sido menstruadas, partos. Tomei-me um bom parteiro por força das circunstâncias. Trazia comigo alguns conhecimentos sobre o assunto. O Dr. Clementino Canabrava havia sido o meu orientador; viajava com ele pelas fazendas e sítios, no seu trabalho de parto, principalmente. Eu olhava com atenção os movimentos hábeis daquelas santas mãos, mãos daquele a quem minha cidade muito devia pelo seu desprendimento para com os humildes e amor aos pobres.

Às vezes sinto necessidade de morrer; como pessoas acordadas sentem necessidade de dormir.

Mme. Du Deffand

DESTINO: BOTICÁRIO

Chovia muito naqueles últimos dias de janeiro. Sozinho, sentado num banco de madeira que mandara fazer, e que conservo até hoje em minha fazenda como lembrança.

Em minha cabeça tamborilavam recordações. Em meus pensamentos surgiam imagens do meu passado distante, quando ainda criança, minha mãe fazendo cafuné em minha cabeça raspada, sentada no assoalho da varanda de nossa casa. E eu deitado ao seu colo, e ela dizendo: **Zezinho, quando você crescer vai ser farmacêutico, se Deus quiser, pois o Antoninho da Farmácia vai casar com a Ermelinda e você irá morar com eles.** Aconteceu. De meu pai, pouca coisa ficou na memória, muito cedo ele se foi, morreu cedo, e eu quase nada lembrava dele, estava apenas com quatro anos de idade. Ficou minha mãe, viúva, mulher de muita fibra e grandes decisões.

Dia 22 de fevereiro de 1946, o tempo passava implacável e lerdo. Passei a conhecer algumas pessoas dos arredores. Meu nome crescia e a notícia corria para longe. Já havia ali na vila um farmacêutico para atender aos doentes daquela região do sertão.

Estão contados os grãos de areia que compõem a minha vida. É aqui que devo tombar. É aqui que ela há de acabar.

Shakespeare

PICADO DE COBRA

Aos domingos, eu passava o dia na fazenda do meu primo Ângelo Galletti. Era um lugar bonito e alegre. Ele havia trazido de Pirangi algumas famílias e ali, então, formara uma colônia onde eu me divertia nas tardes de folga.

O meu primeiro cliente foi Julio Ressude, garoto de 10 anos aproximadamente, trazido pelas mãos de seu pai, Sr. André Ressude. Havia adquirido malária em Auriflama, uma vila distante. O segundo doente foi o Nico Galletti: estava empanzinado.

Apliquei-lhe ali mesmo um clister. Nunca me perdoou por aquela medicação. Do outro lado da vila ficava a fazenda do Sr. Joaquim Moreira, homem de família tradicional de Ribeirão Preto. Aparecia constantemente pela minha farmácia montado em um bonito cavalo rosilho, cavalo de gente rica. Bom sujeito, muito jovial, aparentando uns 50 anos de idade, dono de enormes áreas na região. O Sr. Thomas Vicente possuía uma área menor adquirida do Sr. Joaquim Moreira e resolvera fundar uma vila sob a direção do seu filho mais velho, José Vicente, moço bem casado com a dona Idalina Geraldine, de família tradicional das bandas de Monte Alto, Estado de São Paulo. Seus filhos, Tomazinho, Ivone e Célia viviam com os pais numa chácara próxima da vila.

A vilazinha crescia a passos lentos. Não havia gente suficiente para fazê-la crescer. Áreas enormes nas imediações do pequeno povoado, nas mãos de latifundiários cujas residências eram longe dali, à espera de melhores preços, emperrando o desenvolvimento da futura cidade. Além da minha casa e do rancho do João Siqueira, já surgiram outros casebres de pau a pique. Eu torcia para que a vila crescesse e tudo enfim desse certo. Voltar jamais. O meu amigo Armindo Marques andou por ali para conhecer o lugar, ficou de voltar, mas não voltou. Não era fácil permanecer na terra.

Um dia fui chamado para ver um doente que havia sido picado por cobra, uma cascavel. Ajeitei as minhas ampolas de soro antiofídico e outros medicamentos e parti sertão afora, acompanhado por um guia. Após duas horas de cavalgada, aportamos na casa do Chiquinho Preto, pai do menino picado pela cobra. Chiquinho Preto era um homem de estatura muito pequena, espigadinho e fumava um grande cigarro de palha. O Zé, seu filho, todo inchado, sangrava pelo nariz, pelos olhos e ouvidos, fiquei pasmo. Comecei imediatamente meu trabalho: injeções de soro antiofídico, 5 ampolas ao todo. Passei o resto da tarde e a noite toda ao redor do doente. No dia seguinte, já apresentava melhoras. Voltei para casa certo do dever cumprido, e confiante no resultado do soro. Um mês depois estava curado o meu cliente.

Os dias corriam mais rápidos, agora, mas as responsabilidades aumentavam. Quase não dispunha de tempo para divagações, poucos doentes, mas os poucos que apareciam me punham em polvorosa.

O único meio de libertação conhecido em todos os mundos de Deus é a ação.

Deveis executar vossa obra antes de enfraquecerdes.

Mais importante que a questão da nossa duração, é a questão do nosso mérito.

A imortalidade virá àqueles que são feitos para ela, e para ser uma grande alma na vida futura, é mister que seja agora.

Émerson, do livro Conduta da vida.

OS PRIMEIROS DIAS

Um belo dia, estava eu cuidando da minha horta, quando de súbito ouço uma voz: "Ó de casa. Venha para cá". Respondi: "Dê a volta pelo lado do pé de limão". "Bom dia", disse-me ele. "Bom dia", respondi. "O que há de novo?", perguntei. O homem logo dizendo: "Seu José, minha mulher está para dar à luz e está em gritos, gemendo, se contorcendo toda". "Para quando estão esperando o nascimento da criança"? - "Diz a parteira que até amanhã de manhã, ela desocupa." Entrei para o meu quarto, enquanto o homem me esperava na farmácia. Consultei o meu velho "professor", o livro de Chernoviz. Com certeza, era eclampsia. Partimos: ele na frente montado em seu cavalo branco, entramos por uma estrada estreita que mais parecia um trilho. "Como o senhor se chama?" perguntei. "Me chamam de Alagoano, sou nascido em Alagoas". Após uma hora de viagem, aproximadamente, chegamos. Algumas pessoas vieram ao nosso encontro; eram parentes. Entramos no quarto, uma mulher se contorcia aos gritos. Tudo indicava que a parturiente entraria em coma dentro de algum tempo. Meu Deus, por onde irei começai? De início, apliquei-lhe umas ampolas de um antiespasmódico que levava comigo para acelerar o parto. Seria com forceps. Não possuía um forceps, e nem seria permitido nessas circunstância, nem conhecimento possuía para usá-lo. Romper as membranas seria o remédio mais indicado. Dei o toque: o parto ainda demoraria muitas horas, nesta parte eu tinha absoluta convicção do que fazia, havia aprendido com o Dr. Canabrava. Então o remédio era lutar até que se aproximasse a hora do parto. Fui até à sala consultar o meu Chernoviz, livro de 1104 páginas. Imediatamente solicitei de algumas pessoas presentes mais esclarecidas, que a segurassem pelos braços, pernas e tronco, afim de imobilizá-la, evitando com isso possíveis machucaduras.

Posteriormente, um médico, meu conhecido, havia dito que em alguns hospitais do Brasil, a fim de poupar em parte a vida da parturiente, elas eram colocadas em gaiola de borracha. Se a versão era correta ou não, nunca procurei informar-me. Coloquei entre seus dentes um lenço enrolado afim de evitar danos maiores,

mantendo a sua língua livre no interior da boca. Eu aplicava seguidamente compressas frias na sua cabeça. Após 6 horas de luta contra a morte daquela mulher e da criança que estava para nascer, apliquei outra injeção com a finalidade de diminuir as convulsões. Sua pressão arterial estava muito alta e pela boca nenhum medicamento poderia ser dado. Apliquei-lhe uma injeção de um anti-hipertensivo e outras de Xantinon. As convulsões sucediam-se: será que essa mulher vai morrer? Meu Deus, pedi a Ele que me ajudasse; pedi a Louis Pasteur, um dos maiores benfeitores da humanidade. Na cidade onde nasci, todas as pessoas sabiam da minha devoção por aquele grande homem que muito fez pela Medicina. Pedi para que me iluminasse naquela hora difícil para mim. Mais um hora se passou; naquele recinto havia um ambiente de tristeza e de angústia. Tentei mais um toque e com alegria notei que a criança havia se deslocado mais um pouco. Que bom, vou salvar esta mulher e a criança. Para mim durante aquelas horas, era uma luta desigual; mas a criança estava na posição correta. O Dr. Canabrava havia me ensinado para que eu nunca aplicasse uma ampola de Pituitrina (a finalidade daquele medicamento era de provocar contrações uterinas) antes mesmo de que a cabeça da criança estivesse bem saliente e prestes a ser expulsa da vulva.

A natureza das dores da dilatação do colo anunciavam a proximidade do parto, A parturiente continuava se contorcendo dando saltos violentos sobre a cama, precisando revezar constantemente as pessoas que a seguravam, uma verdadeira luta contra a morte. Isso causava-me um desespero quase incontido, era preciso estar vigilante, as contrações uterinas avolumavam-se; era necessário estar atento aos diversos tempos do parto. Em geral, nas mulheres magras, é fácil reconhecer uma apresentação pela pelve, porque se sente a cabeça do feto através das paredes abdominais. Era o caso daquela mulher.

O seguimento inferior das membranas, impellido pelas violenta contrações, não podendo resistir à impulsão do fluido amniótico, rompeu-se; esse fluido saiu então com ímpeto, trazendo para o orifício do útero a cabeça da criança que se apresentava por esta parte. Com as subseqüente dores, a cabeça da criança avançava e foi franqueando o círculo do orifício uterino e o estreito abdominal, para entrar na vagina, que se dilatava e alongava, o períneo estendia-se e adelgaçava-se. Os esforços tomavam grande atividade; isso acompanhado de tremores convulsivos e a parturiente aos gritos. Finalmente, por uma prolongada dor, a cabeça da criança foi expulsa da vulva; e depois de um curto intervalo, por uma nova dor, menos intensa que a antecedente, foi

expelido o corpo da criança com o restante das águas que o útero ainda continha. Sentia-me aliviado, o pior havia passado, agora era continuar atendendo as convulsões provenientes da eclampsia. Permaneci mais um dia ao lado da paciente, aplicando-lhe anticonvulsivos e desintoxicante, porque a eclampsia nada mais é do que uma toxemia gravídica. Esses sintomas são sempre caracterizados por espasmos convulsivos e epteliptiformes.

Estava terminando meu o trabalho.

O Alagoano não sabia como agradecer-me. Pagou-me com alguns trocados, umas batatas-doces, uma penca de bananas e um frango. Senti-me grato e bem pago pelo dever cumprido.

A recordação de certa imagem não é senão uma saudade de certo instante; e as casas, os caminhos, as avenidas são fugidios, infelizmente, como os anos.

Marcel Proust. “Em busca do tempo perdido”

FAMA DE BOTICÁRIO

Passavam-se os dias, meses, a vilazinha crescia lentamente, mas crescia. Eu havia adquirido um lote na rua Brasil. Já se visualizava uma pequena vila, mas estava muito longe de parecer uma cidade. Como boticário, minha fama aumentava. A família Scarpin já se encontrava lá, quando por ali cheguei. Família de italianos, numerosa e trabalhadora, possuía um sítio nas imediações adquirido de Tomaz Vicente. Os membros daquela família tornaram-se meus amigos e fregueses. O caçula da família, o Zé, viria a ser mais adiante, pessoa de minha confiança. Ainda menino começou a trabalhar comigo na farmácia, menino bom e tudo indicava que teria pela frente, um futuro promissor. Uma família oriunda de Pindorama no Estado de S. Paulo, cidade onde morava uma moça minha namorada, garota bonita, muito inteligente, namoro platônico.

Eu havia pregado na frente da minha farmácia uma placa de madeira onde se lia: **Farmácia Santa Adelaide**, nome que simbolizava para mim algo da maior relevância, era o nome de minha mãe, um dos motivos que me levaram a tomar aquele rumo. Minha mãe cega, doente, sendo transferida para um asilo longe de minha cidade. Aquilo tudo me angustiava, mas que fazer? Doença

que marcava toda a família. Havia naquele tempo muito preconceito em relação àquela doença. Meu irmão Artur também contraiu o mesmo mal e também teve que ser internado. De qualquer maneira eu teria que ganhar dinheiro e mandar um pouco para eles, e assim aconteceu.

Seis meses depois, viajei para Pirangi para rever meus parentes. Corria lento o ano de 1946, mês de junho, fazia muito frio. Peguei um carona no caminhão do Belarmino Galletti, meu primo. Viajamos 3 dias: estradas péssimas, verdadeiras picadas. Passamos por Jales, uma vila que mal despontava, tudo fazia crer que no futuro seria uma bela cidade. Logo adiante, Estrela Doeste, um amontoado de barracos, Fernandópolis a pouco mais de oito quilômetros surgia com sinais de progresso. Votuporanga, cidade ainda maior, caminhava na frente das outras mostrando mais pujança. Depois, Cosmorama, Tanabí, Mirassol, São José do Rio Preto, Catanduva e finalmente Pirangi. Assim que cheguei, percebi que havia perdido um pouco da minha cidade. Véspera de Santo Antônio, padroeiro da cidade. Lá estavam alguns dos meus amigos de tantas alegrias. Minha irmã Ermelinda não queria que eu voltasse para Palmeiras d'Oeste, mas voltei, completamente abatido, combalido moralmente, só procurava não demonstrar. Lá estava o Filó, um dos maiores amigos, o Augusto Bailão outro grande amigo de todos os tempos, o Jeremias Polachine, um gozador, o Arminto Marques, o “desertor”. O Jeremias renunciava a minha volta. O Alemão não estava na cidade, o Jarbas estava morando em Andradina. Waldemar Crespo havia se casado e fora morar em Bebedouro. Permaneci por mais dois dias em Pirangi. Retornei a Palmeiras d'Oeste, levando comigo mais medicamentos, uma tristeza infinda e sem perspectivas. Mais uma vez ficaram para trás meus amigos, a minha querida cidade de Pirangi onde me criei e passei parte da mocidade.

Então com passo tranquilo, metia-me eu por algum recanto de alguma floresta, algum lugar deserto, onde nada me indicasse a mão do homem, que denunciasse a servidão e o domínio: asilo em que eu pudesse crer ter primeiro entrado, onde nenhum infortúnio viesse interpor-se entre mim e a natureza.

J.J. Rousseau, O Encanto da Solidão

FRATURA EXPOSTA

Eram 4 horas da tarde, quando chegou um homem, vinha num carro de bois, com uma perna quebrada (fratura exposta) e necessitava de atendimento médico. Ali mesmo, em frente à farmácia, iniciei meu trabalho. Dentro da farmácia era impossível manter o paciente porque o salão era muito pequeno, taboinhas de caixão de madeira, ataduras, enfim, tudo que era necessário para tal operação. Um homem por trás, mantinha o acidentado imóvel, segurando-o fortemente pelo tórax, enquanto um outra pessoa puxava pelo pé firmemente: assim consegui iniciar e terminar o meu trabalho com relativo sucesso. Um mês depois, o paciente estava andando normalmente. Seu nome era Belmiro.

Daí em diante, encanei muitos braços e pernas sempre com sucesso: mas sinceramente, não gostava de fazer aquele tipo de trabalho, não sei porque.

Quando de volta do meu passeio a Pirangi, trouxe comigo alguns livros interessantíssimos: A República de Platão, a Ética de Spinoza, Assim Falava Zaratustra de F. Nietzsche, A Crítica da Razão Pura, e A Crítica da Razão Prática, de Kant. Leituras exóticas que me atraíam e fascinavam.

HERÓI DO SERTÃO

Numa manhã de sol, fui procurado por um moço que se dizia casado com uma jovem de 16 anos, filha de dona Luzia, uma argentina, mulher de Dom Vasco, também argentino, que por ali moravam já há algum tempo. A Jovem mulher estava grávida e necessitava de recursos médicos. Para lá me dirigi, pouco menos de um quarteirão distante da farmácia. Quando deparei com a parturiente, fui tomado de espanto: a mulher mal se mantinha de pé, anemia profunda, edema generalizado, gravidez, entrando para o nono mês de gestação. Mais um grande "abacaxi", pensei: "Essa mulher não pode voltar para casa." disse-lhes: "Ela tem de permanecer aqui até depois do parto." Eles estavam hospedados numa casa de sapé, pensão do João Siqueira. Sua mãe, uma mulher já idosa, espigada, provocando risos quando falava, sem papas na língua, foi logo levantando as vestes da filha para mostrar em que estado se encontrava sua filha, pálida, descorada, semelhante a cera, só edemas pelo corpo todo, uma falência total de hemoglobinas, de massa vermelha, fiquei horrorizado. Levar para

fora, nem pensar; assistência médica só em Votuporanga, a 120 quilômetros de distância. Como transportar a parturiente, se nem sequer havia um caminhão nas imediações? O caminhão do Angelo Galletti só aparecia por ali no fim do mês. Quem não tem remédio, remediado está. O Dr. Canabrava sempre me dizia: "Zé, nunca faça uma coisa, se você não tiver certeza do que está fazendo." Comecei aplicando 5 ml no músculo diariamente de lloban, produto que estava fazendo sucesso, 20 ml de glicose com vitaminas na veia diariamente e cápsulas de Anemotrat com ferro no almoço e no jantar, punções pelo corpo duas vezes ao dia para extrair a parte líquida que acumulava pelo corpo inteiro, coxas, barriga, pernas, vagina, etc. Tudo aquilo denunciava anemia profunda, isto é, diminuição dos glóbulos vermelhos do sangue. 1000 partes de sangue, no estado de saúde, contém, termo médio, 110 partes de hemoglobina. O número 80 é o limite em que o vício do sangue passa a ser mórbido. A água aumenta no sangue à proporção que os glóbulos nele diminuem. A anemia é caracterizada pela diminuição da cor da pele e fraqueza geral. Naquelas condições, como poderia aquela jovem mulher chegar a um final feliz? Minha luta era sem tréguas. A grande preocupação era em relação ao parto, não havia nenhum indício de sucesso naquele trabalho, mas continuava insistindo: uma transfusão de sangue seria o ideal naquele momento. Tudo não passava de sonho, continuavam as punções, aplicações de extrato de fígado no músculo e medicações à base de ferro via oral.

Certa manhã passou por lá o Anastácio, farmacêutico já de idade, abalizado profissional residente em Votuporanga, irmão da Carmem, minha querida cunhada, uma espanhola natural de Salamanca, casada com o meu irmão mais velho, o Vitória. Levei-o para ver minha paciente. Ficou horrorizado com o que viu e me parabenizou pelo trabalho. Dizia-me ele: "Você deixou sua cidade natal com todo o conforto, para tornar-se herói neste sertão!" Retruquei: "Herói, não, mártir, isso sim..."

A mulher não tinha condições de ser transportada para Votuporanga, certamente morreria pelo caminho e perderia a criança. Aproximava-se o dia do parto. Decorridos 16 dias de trabalho árduo, desconfortante, percebi em suas faces sinais de pequena melhora: ela alimentava-se relativamente bem, mas quando fazia punções nas coxas e vagina, eu caía em desânimo. Como poderia nascer uma criança, com a mãe naquelas condições? Minha cunhada Camila, esposa do meu irmão Antoninho, já falecido, havia me dito que eu nunca seria picado por cobras venenosas, por estar constantemente acompanhado por guias espirituais muito evoluídos. Dizia-me ela: "Zé, tudo o que você fizer nesta terra dará certo." Essas

palavras me estimulavam a prosseguir na minha caminhada: Minha mãe e Louis Pasteur não estariam presentes nessas horas difíceis? Meu sobrinho Wilson Roveri, advogado, moço culto, membro da Academia de Letras da cidade de Ribeirão Preto, jornalista, radialista e espiritualista convicto, disse-me certa vez: "Tio Zé, esse negócio seu de contar com a ajuda do célebre químico é ilusão. Esse espírito é evoluidíssimo, jamais virá em seu auxílio, jamais teria acesso a um gênio como ele, esses espíritos muito evoluídos jamais se comunicariam com o homem da Terra," concluiu meu querido sobrinho. Concordei com a sua bonita exposição, mas continuo até hoje pedindo ajuda ao imortal cientista Louis Pasteur, e também à sua equipe, esta, sim, em contato direto com os seres vivos da Terra, para atender em nome do titular, segundo o sobrinho.

Mais uma semana se passou. Aquela mulher, branca como cera, aparentava relativas melhoras, timbre de voz mais intensa, e o edema diminuía progressivamente. Na ponta de seus dedos já despontava uma tênue cor rósea. O seu débil corpo preparava-se para o parto. Fui chamado às pressas, pois o bebê deveria nascer dentro de alguns minutos. Corri para lá. O parto se processaria naturalmente. Talvez nem precisasse de meia ampola Pituitrina. Nunca aplique essa injeção sem necessidade, dizia o mestre Dr. Canabrava.

A criança nasceu conforme meu diagnóstico: uma menina. A jovem mãezinha apresentava-se calma: nada de anormal. Pelo meu trabalho nada recebi, pois a família era muito pobre. Deram-me, sim, um cavalo: um cavalo branco marchador. O animal fora adquirido de um sargento residente em Andradina. Seria de agora em diante, meu meio de condução, visitaria meus doentes montado num cavalo branco, como um garoto.

Mas, nem tudo eram flores: meu cavalo branco era às vezes um tanto indócil ou então, um saudosista. Fugia, não sei como, mas fugia. Por duas vezes foi ao encontro do seu velho dono, foi parar em Andradina a cento e vinte quilômetros dali. Inacreditável.

Quem salva uma vida, salva o mundo.

Provérbio Árabe

ALEGRIA DO AMANHECER

Amanhecia. Uma barulheira infernal de pássaros anunciando o amanhecer. O ar da madrugada nos trás alegria, a noite nos causa nostalgia.

Naquela manhã entrou em minha farmácia um homem ainda moço e se apresentou: Edílio Ridolfo, dentista, e se dizia cunhado do Sr. Joaquim Moreira. Quando falava, tinha um sotaque piracicabano. Tornamo-nos bons amigos, aparecia por ali, de vez em quando, morava próximo a Ribeirão Preto. Casado com dona Edite, mulher de educação aprimorada, professora de piano. O Dr. Edílio possuía uma grande área no Córrego das Laranjeiras, motivo das suas andanças por aqueles lados. Aparecera também por ali o Francisco Moreira, homem encarregado de administrar a fazenda do professor César Roselino, titular da Escola de Farmácia da cidade de Ribeirão Preto.

Caía a tarde lentamente, algumas estrelas já brilhavam no firmamento, nesta hora tudo era silêncio e tristeza, meus pensamentos estavam muito longe dali. Sentado na soleira da porta, meditava: voltar nunca mais. Teria de ganhar dinheiro, ficar rico, e dar mais conforto à minha mãe; isso tinha de acontecer, o caminho estava traçado. Nas minhas divagações, sentia as incertezas daquele sertão bruto. Com meus olhos umedecidos pela emoção, temia pelo futuro. Naquelas paragens as grandes áreas estavam nas mãos de latifundiários, isso impedia o desenvolvimento da região e da própria vila. Em devaneios, eu nem percebera que a noite chegara avolumando a escuridão da rua deserta naqueles confins de meu Deus, onde a saudade e a tristeza, mesclando no negrume da noite, perdiam-se no tempo, nos sonhos e nas ilusões fugazes.

Já de noitinha, parou um caminhão de mudança em frente a minha farmácia. Era uma família vinda de Jardinópolis no Estado de São Paulo. “O senhor pode me informar o caminho para a fazenda do Sr. Joaquim Moreira?” - perguntou-me o chofer. - “Logo ali no fim da rua, passando a porteira já estarão na fazenda.

Aquela criançada naquele caminhão dava-me mais alento; mais uma família para nos ajudar a cerrar fileiras na abertura daquele sertão bruto. O novo morador chamava-se João Antônio Ribeiro. Na penumbra da noite dava pra perceber em cima daquele caminhão, uma bela garota: apresentava uns 14 anos de idade. Naquela hora foi tudo que identifiquei sobre aquela família

que acabara de chegar. Mal sabia quem podia ser na minha vida aquela garotinha...

O homem arrastará a natureza consigo e fará jorrar a luz em todos os seus segredos.

NOVOS TEMPOS

O Francisco Moreira, não era parente do sr. Joaquim Moreira, era cearense, homem de uma certa cultura, bem falante, homem viajado, e sempre que aparecia pela vila, não deixava de dar um pulo até à farmácia para um bom bate-papo. Permaneceu por ali algum tempo, desaparecendo em seguida com sua família lá pelas bandas de Goiás. Havia criado um caso com o alagoano por questão de terras. O Dr. Edílio, quando estava em sua fazenda, não deixava de passar pela farmácia afim de comentarmos sobre política, religião, etc., sempre acompanhado de seu filho, um garoto aparentando ter uns 10 anos e chamava-se Olinto: e vinha sempre montado na garupa do cavalo do seu pai.

No fim daquele ano, voltei novamente a Pirangi para passar o Natal com minha família, ou melhor, pretendia passar o Natal por lá, mas só fui chegar à querida terrinha no Ano Novo, dia 1º de janeiro de 1947. Estradas ruins e muitos atoleiros, não demorei, voltei em seguida, passando por São José do Rio Preto. Na Drogasil adquirei mais medicamentos e segui para Palmeiras d'Oeste.

A nossa pequena vila deslanchava vagarosamente. De Palestina, chegara com sua família, o Lióvirgílio Cardoso, bom baiano, político, amigo de Ulisses Guimarães, falava com forte sotaque. Sua esposa dona Minervina, mulher esparolada, se dizia pertencer a uma família de homens valentes. Eles tinham três filhas e um filho, o Otaviano. O que aquele garoto iria aprontar dali para adiante, só Deus sabia.

A pequena vila tentava atingir espigão acima, mas diziam que a cidade não cresceria para aquele lado. Pouco me importa, já possuía lá em cima, no espigão, um lote para construir minha casa no futuro. Aos poucos vinham chegando mais famílias, ocupando aquelas enormes áreas de terras férteis: eram os Pazine que chegavam, uma enorme família de italianos que vinha de Jardinópolis. Na verdade eram cinco famílias de cinco irmãs, cada qual com sua prole e o casal de velhos. Logo depois chegava a

família Steka, também numerosa. A chegada da família Pazine, para mim foi uma noite de muita alegria. Ao todo, oito caminhões.

Já noite fechada, lá no alto, no espigão, a estrada recém-construída ligando Jales a Palmeira d'Oeste iluminou-se toda. Era a apoteose de uma nova esperança, a glorificação de novos tempos.

Na manhã seguinte, levantei-me ao romper do dia, com o canto barulhento daquele galo atrevido que cantava desde muito antes do sol nascer, presente do meu amigo Evaristo Preto. Atirei um pouco de milho debulhado para as galinhas e quirela de arroz para os pintinhos. Fui pegar verduras na horta, fiz meu café, e pronto. Agora, abrir a farmácia e começar a trabalhar.

Como o buquê que um viajante nos envia de uma terra a que não mais voltaremos, faz-me respirar, da lonjura da tua adolescência, as flores das primaveras que eu também atravessei há tantos anos.

Marcel Proust, No caminho de Swann
Em Busca do Tempo Perdido

O FILHO DA BAILARINA

Domingo, dia de missa lá em cima na capelinha construída pelo Ângelo Galletti, rezada pela mãe do Chiquinho Preto, aonde o povo ia orar. Era um domingo ensolarado, convite para a oração. Subi rua acima e para lá me dirigi com a intenção de assistir à missa. Lá, encontrei-me com Angelo Steka e toda a família, tornamo-nos bons amigos, eram descendentes de família italiana, lá das Minas Gerais, da cidade de Jacutinga!

Noite fria, eu ali encolhido, debaixo de bons cobertores que minha irmã Ermelinda havia colocado na minha tralha quando vim para cá, pensava no meu futuro. Futuro? Não estava fácil pensar nisso. Lá fora a noite era fria e calma. Um cachorro latiu bem longe, passos de cavalo que se aproximava. Alguém chegou, bateram na porta: “O farmacêutico pode me atender?” - “Quem é?” - “É de bem”, respondeu a pessoa: “Já vou”. Percebi pela fresta da porta, que era moço de cor negra. “Apeia, moço”. - “Obrigado”. Foi logo dizendo o que desejava: “Seu Tiburcio mandou-me aqui para levar o senhor à casa dele que fica pra lá do rio São José. O menino dele está doente e precisa ser medicado.” Olhei o relógio, onze e meia. “O meu cavalo é aquele ali?” “É, sim, senhor”, respondeu-me. “Cavalo marchador dos bons, dentro de três ou

quatro horas chegaremos lá”. “Longe assim, moço?”

Coloquei em minha maleta comprimidos de sulfá, poção de piremido, seringas, agulhas e outros medicamentos como prevenção. “Mas está frio demais, rapaz, vai gear esta madrugada”. Partimos. De quando em quando, passávamos por perto de velhos casebres de palha, cachorros aprontavam um barulho infernal. Viagem comprida e demorada. Havia muitas estrelas no céu. Eu estava com um pulôver, camisa de lã por baixo e com uma capa-boiadeira que me cobria o corpo até os pés, e que me fora entregue pelo moço, a mando do sr. Tiburcio. “Você é filho dele?” “Não, senhor, sou cria da casa. Seu Tiburcio não tem filhos; mora com dona Carlota. O menino doente é filho de criação como eu.” Ele me conta que dona Carlota teria sido bailarina de cabaré lá pelas bandas de Três Lagoas. Quando passávamos por alguma baixada, o frio aumentava. Tudo era silêncio. O barulho das patas dos cavalos faziam lembrar as batucadas da minha terra nas noites de festas. “Moço, está muito longe a fazenda do sr. Tiburcio? Faz horas que estamos caminhando, já é de madrugada!” “Não, doutor, já está perto o rio São José e logo mais estaremos lá”. A noite morria lentamente, e aos poucos anunciava o amanhecer; o frio nos fazia tremer descontroladamente. “Moço, vamos morrer de frio.” “Estamos chegando, doutor”. Suas orientações, eram precisas. Atravessamos uma porteira, entramos por uma internada, passamos por outra porteira, e de longe já se ouvia latidos de cachorros. Não há dúvida, até que enfim chegamos. Cães vinham ao nosso encontro em círculo, latiam sem parar. Lá vem o sr. Tiburcio. Passamos por mais uma porteira e já estávamos no quintal bem em frente à casa da fazenda com o pomar logo atrás e suas enormes árvores, cajueiros, mangueiras dando um toque de beleza incomparável. O sr. Tiburcio era um homem de idade avançada, mas forte, muito alto, com a características do verdadeiro caboclo brasileiro. Quando tirei a capa para poder apear do cavalo, notei nas pontas das minhas botinas, sinais de geada, e não consegui descer do cavalo, estava duro. O sr. Tiburcio e outra pessoa ajudaram-me a descer do animal e fomos para a cozinha nos esquentar à beira do fogão. Senti-me reanimado. Um enorme fogão, numa enorme cozinha, com pedaços de toucinhos dependurados, parecendo bandeirolas de festas de São João. Dona Carlota veio me cumprimentar. Trazia ainda traços de mulher bonita: não muito alta, aparentando ser muito mais nova que o velho Tiburcio. Boa pronúncia e notava-se que fora mulher de muitas “vidas”, conforme diziam por ali. “O meu doentinho está passando muito mal, mas primeiro, o senhor

vai tomar café com leite e comer algumas roscas. O senhor está um pouco abatido. Também, pudera, de lá até aqui, são aproximadamente 50 quilômetros, deve estar cansado”. Havia naquela casa muita comida, requeijão, melaço de cana, coalhada, manteiga feita em casa. O calor do fogão e aquela alimentação haviam me dado um novo alento.

O casarão era enorme, como toda casa de fazenda daquela região. Após examinar com detalhe aquele garoto de 6 anos, depois de auscultar devidamente os seus pulmões, concluí que se tratava de uma infecção grave, estavam comprometidos os seus dois pulmões, tratava-se de uma pneumonia dupla. Permaneci por mais dois dias em volta do meu doente. Quando retornei, levava comigo um bom dinheirinho. Era para mandar para minha mãe.

Possui-te de justo orgulho e coroa os louros de apolo tua cabeça.

Horácio

ADEUS À MÃE ADELAIDE

Tempos depois, o sr. Tibúrcio apareceu em minha farmácia queixando-se de muitas dores no nariz, costumava durante o dia tirar uma soneca lá no pomar, debaixo dos mangueiras, proporcionando, assim, oportunidade às moscas varejeiras depositarem seus ovos na mucosa do nariz, transformando-se então, em larvas. A vareja é formada por uma massa branca de ovos colados à carne. Após ligeiro exame, constatei a presença de numerosos bernes no interior do nariz. Em seguida, com uma pinça, extrai 36 desses nojentos bernes, dos quais nunca me esqueci.

Nisso, alguém gritou lá da rua que o caminhão do Galletti estava chegando.

Fui procurar notícias de casa com o primo Angelo. "Zé, tenho uma notícia muito triste para lhe dar: sua mãe faleceu e o Antoninho mandou entregar esta carta a você." Senti o mundo desabar sobre mim. Encostado na carroceria do caminhão, chorei, era o que restava fazer, só chorar. Fui pera casa, fechei a farmácia, e me isolei no meu quarto.

Neste momento, em memória da minha mãe, transcrevo trechos de Versos do imortal poeta hindú, nascido na cidade de Calcutá no ano de 1861 e aí faleceu a 2-8-1941, Rabindranath Tagore:

O Chamado

"A noite estava escura quando ela partiu, e eles dormiam.

A noite está escura agora, e eu chamo por ela: o mundo está adormecido, e ninguém saberia, se viesse por um momento enquanto as estrelas fitam as estrelas_

Ela partiu quando as árvores floresciam e a primavera começava. Agora as flores desabrocharam por completo, e eu clamo: "Volta, minha mãe."

As crianças apanham flores e as espalham, brincando descuidosamente. E se vieres apanhar uma florzinha, ninguém dará por isso.

A vida é tão prodígia, que aqueles que costumavam brincar ainda brincam."

Ah! A perspectiva que pode mais docemente sorrir ao meu coração é a do aniquilamento.

Klopstock, A Messádia

A GAROTA DA MUDANÇA

Num domingo fui à capela assistir à missa, mas não fui unicamente com a finalidade de rezar, mas também para observar de perto duas garotas que haviam passado em frente à minha farmácia rumo à capela. Não havia nenhuma dúvida, a morena era a garota da mudança que havia passado aquela noite pela farmácia; a loura era filha de um italiano da família Pazine. Ambas muito novinhas e bonitas. À saída da missa, tentei conversar com elas e até consegui. As duas eram da mesma cidade no Estado de São Paulo: Jardinópolis. A moreninha chamava-se Alaíde. Namoramos alguns meses, passei a namorar em sua casa com a permissão do seu pai. Depois de algum tempo resolvi pedi-la em casamento. O casamento foi marcado para o dia 10 de junho de 1948.

O Augusto Brefere e o Angelo Galletti foram escolhidos para testemunhas do casamento. Chegou o dia e fomos morar na minha casa de madeira, num cômodo atrás do salão da farmácia.

"Esta criança está com meningite, seu Garbiato, seu filho está muito mal". Febre alta, pulso batendo 100 vezes por minuto, rosto vermelho, convulsões, contratatura, trismos. Mandeí colocar o mesmo na minha cama de casal, ficaria melhor assim. O rosto da

mãe estava todo arranhado, criança se debatia muito. Não tinha dúvida, era meningite. Essa criança devia ser levada imediatamente para Estrela d'Oeste, lá havia dois médicos recém chegados. "Como, sr. Roveri?" falou-me o pai da criança. "Não existe sequer um caminhão na vila." O jeito era tratar ali mesmo, com sulfas, em doses elevadas, poção de cloral, antiespasmódicos, analgésicos, antipiréticos, e constantemente consultando o meu Chernoviz e outros livro mais atualizados. Uma luta sem descanso. O mesmo ali na cama sempre protegido pela mãe, muito atenta e corajosa. Fomos noite adentro aplicando compressas de pano molhado em água fria sobre a cabeça, poção de piramido para baixar a febre. Trabalho danado estava dando aquele menino, lindo, louro, forte. Tinhamos que lutar, ninguém dormia. Depois de dois dias de muito cuidado, graças às sulfas, o medicamento que salvara milhares de vidas na 2ª Guerra Mundial, estava curando aquela criança. Após 5 dias de tratamento ininterrupto, dei por encerrada minha missão; o garoto estava salvo. Solicitei aos pais que o levassem a um médico, a fim de saber sua opinião. Conseguiram uma condução e partiram para Estrela d'Oeste à procura de mais recursos.

"Qual o médico que tratou dessa criança?" - perguntou. "Não foi médico doutor, foi farmacêutico, foi o sr. José Roveri." "Esta criança está curada, foi muito bem tratada, podem acreditar". E concluiu: "Doença muito difícil de ser curada". Passado algum tempo, tornei-me amigo daquele médico. Chamava se Eduardo Ribeiro do Valle.

Contavam os gregos que Venus nascera da espuma do mar. Nada do que é feio, rijo ou limitado nos interessa: somente o que transborda de vida, o que está em movimento, em esforço, para alcançar um fim mais elevado.

O MENINO CHEGOU

Aparecera por Palmeira d'Oeste um rapaz que se dizia chamar-se Nelson Simão: moço bonito e chegava com uma vontade louca de trabalhar, de ganhar dinheiro. Foi à farmácia para conhecer-me. Sentou-se e foi contando sua saga: vinha de uma vila perto da cidade de Votuporanga, dizia ser tropeador. "Tropeiro?" - retorqui: "Não, é tropeador mesmo." - replicou. "Mas você não leva jeito de quem é do mato", "Não sou mesmo, estou me demorando em Cardoso (demorar na gíria cabocla, significa morar por pouco tempo em algum lugar). "O que trouxe você para estes lados?" "Fui informado que

daqui a 7 quilômetros, vão formar uma vila que levará o nome de Vila Marin". "Deixa disso, moço, lá não tem nada feito, nem uma casa, fique aqui conosco. O José Vicente dará a você um lote para construir sua casa, garanto." Mas o jovem amigo não esperou pelo lote, foi logo comprando uma casa na esquina. Tornamo-nos bons amigos. Nossa amizade aumentou com o passar do tempo. O Nelson era um moço honesto, incapaz de falsear em suas atitudes.

Ali naquele sertão bravio, Nelson era o meu amigo de luta e de confidências. Turquinho danado esse moço! Boa pinta, não estava ali para fazer graça, não, veio mesmo pra trabalhar. Sempre saíamos juntos pelos sítios montados em nossos cavalos e raramente íamos a Votuporanga.

Quando Alaíde ficou grávida pela primeira vez, aos quatro meses de gravidez, quase morreu: começou a sangrar e tudo levava a prever um provável aborto. Aconteceu mesmo o pior, abortou. O Nelson tinha ido a São Paulo fazer compras e veio com ele sua mãe, uma espanhola, mulher ainda muito bonita, alta, de pele muito fina e branca. Logo depois viria seu Elias, seu pai. Dona Rufina foi quem muito nos ajudou naqueles dias terríveis, foram 3 abortos dentro de poucos meses. No terceiro deles, vi que eu ia perder minha mulher. Perdera a noção dos meus conhecimentos de parto, ficando completamente sem ação, imóvel, desesperado. Minha mulher morreria, com certeza: nem um tamponamento sequer ousava fazer. Os médicos costumam dizer que nunca tratam doentes de sua própria família porque ficam apavorados e sem ação. Estava perplexo. Havia mandado buscar um avião em São José do Rio Preto, que falassem com o Zé Baiano e que viesse ele mesmo pilotando. Quando o avião desceu num campo improvisado na fazenda do Galletti, simultaneamente chegava de automóvel um médico de Estrela d'Oeste, o Dr. Paulo Carneiro, recém chegado àquela cidade. Assim, então, ela recebeu os socorros médicos de que necessitava. Depois que ela melhorou e a fim de evitar uma outra gravidez iminentemente perigosa, para evitar um novo risco, levei Alaíde para São Paulo para consultar com o eminente ginecologista Dr. Silas Matos. Daí em diante tudo correu bem; uma nova gravidez, agora com sucesso. Já quase no fim da gravidez levei-a para Pirangi, afim de ser atendida pelo Dr. Canabrava na casa da Ermelinda. Nascia no dia 10 de março de 1953, o José Carlos; menino gordo e forte, moreninho como a mãe, irrequieto como o pai, também filho de Pirangi.

O Antoninho mandou-me uma carta narrando o acontecimento. Dias depois, fui buscá-los: minha mulher e o meu filho. "A beleza é a qualidade que torna as causas duradouras", dizia o poeta.

Começava assim, outra etapa da minha vida: minha mulher, meu filho e uma intensa alegria de viver. Meu lar era ainda aquela casa de tábuas, mas logo passamos a morar num casa de tijolos que mandara construir, lá em cima, na rua Brasil, bem no centro da cidade, onde funcionaria a nova farmácia, nos salões da frente. Bons tempos aqueles. Já havia na cidade várias casas comerciais de tijolos. Havíamos mandado construir uma igreja com sinos que anunciavam todas as tardes a hora da Ave Maria. Meu filho crescia com a cidade. Era um encanto ver aquela criatura, agora, já com dois dentinhos muito alvos e pequeninos.

Minha casa, toda pintada de branco, quase na esquina, perto do jardim era um convite à alegria do sucesso. Na parte interior do prédio, ficava meu lar, o meu mundo.

De repente a voz aguda de um menino subia até o céu: atravessou a escuridão, deixando o vestígio da sua canção através do silêncio da tarde.

Tagore. A Lua Crescente

PANTALEÃO, O PREFEITO

Eu havia criado um círculo de amizade muito bom na cidade. O Magid Calil, meu querido amigo, mais tarde compadre, mudou-se com a família para cá, sua mulher, dona Aurora, seus filhos, Choe, Marão, Walter, Suad e Magida, uma família barulhenta, mas feliz, sempre adorei aquela gente. O Magid deu duro para que Palmeira d'Oeste prosperasse. Outros bons amigos também fizeram o mesmo, João Gurian, João Missone, Dr. Paulo, e muitos outros como o Braz e o Pantaleão. Sempre estivemos juntos em campanhas. Era uma graça fazer política com esses amigos. Criamos uma comissão para tratar de assuntos relativos à emancipação política, a criação do nosso município.

Os dias mergulhavam cada vez mais profundamente no tempo. Fui nomeado presidente da comissão, largaram-me o “abacaxi” nas mãos e parti para a briga. Jales não queria nossa emancipação e com um trabalho por trás dos bastidores emperrava assim os nossos trabalhos. Tive atritos até com jornalistas do Diário de São Paulo, naquele tempo, um dos maiores jornais do país, por não quererem reconhecer-nos como autênticos condutores daquela jornada (eu era, na ocasião, correspondente daquele importante jornal, e ameacei deixar de

representar aquele matutino na minha cidade). Sob pressão, a direção resolveu dar-me total apoio. Assim, depois de uma árdua luta, conseguimos nossa emancipação política. O município foi criado e lançamos o Pantaleão como candidato único. Assim foi eleito o primeiro prefeito da cidade. Tornei-me amigo do prof. Loureiro Junior e de Plínio Salgado, ambos dotados de grande erudição, de políticos, pensadores, escritores e outros grandes idealistas.

O distrito de Paz foi criado pela Lei Estadual nº 233 de 24/12/1949; o Município foi criado pela Lei Estadual nº 5.121 de 31/12/1958.

Palmeiras d'Oeste atravessava uma fase áurea de progresso: eu já possuía uma casa, um sítio onde meu sogro, João Antônio estava plantando sete mil pés de café. O tempo era propício à luta: o estoque de medicamentos da farmácia era enorme, meu compadre Magid vinha todos os dias para falar sobre política. Um belo dia apareceu por lá, o Bico Doce, o irmão Antoninho Roveri. Trouxe com ele, a cunhada Camila. O Antoninho trazia na alma uma infinda alegria de criança. Ficaram cerca de uma semana em minha casa, e a Camila se deliciava com a doçura das laranjas do pomar do meu sítio, e comíamos todos os dias os pastéis que só ela sabia fazer.

O passado e a minha alegre mocidade ficaram longe, muito longe, então para que continuar sonhando? Mas aquelas lembranças nunca mais se apagariam do meu coração. Agora, era o meu filho a minha grande razão de viver, era meu filho que crescia no esplendor de sua infância, sorrindo para a vida, sorrindo para o mundo. Reafirmando Rabidranath Tagore, baixinho eu dizia: ***Do céu te espreita, quando dormes nos braços de tua mãe e a manhã vem na pontinha dos pés até a tua cama e beija-te os olhos.***

DIABO NO CORPO

Estive olhando fotografias da minha infância, cartas e fotos de meu filho, quando já estudante em Monte Aprazível, no colégio do padre Nunes, fotos da minha primeira comunhão entre meus amiguinhos de infância e padre Lourenço em frente à igreja matriz de Pirangi. Outra foto com vista parcial da cidade, outra, equilibrando em forma de pirâmide à beira do rio Tabarana com os meus amigos Filó, Anicio Seba, Mauro Cremaschi e Ivan. Uma

outra do Augusto Bailão na praia da Moreninha do Rio de Janeiro datada de 14 de julho de 1941. Do Mário, meu irmão, com o Angelin Marconanato de 26/11/37. Numa outra foto, o José Carlos na Praça de Maio em Buenos Aires, e entre outras, uma da minha querida irmã Elvira com a Ermelinda e o Antoninho, meu cunhado, o Ivan com seu traje de formatura. Cartas enviadas pelo José Carlos, do internato, onde numa delas se lia: "Querida mamãe, dia 28, saímos, fomos à procissão na cidade e, na volta tomamos guaraná".

Aos sete anos de idade, antes de mandá-lo para a escola, eu e Alaíde fomos com o José Carlos à Argentina. Era a primeira vez que saíamos do país. Embarcamos no navio Corrientes com rota Buenos Aires-Genôva, na Itália, e fomos conhecer Buenos Aires com uma parada em Montevidéu. Permanecemos por lá 10 dias, visitando La Plata, Cidade da República Argentina, Capital da Província de Buenos Aires; fomos também visitar Cidade dos Meninos mandada construir por Evita Perón. Percorremos o delta do rio Paraná, região fértil e muito rica em frutas. Voltamos e recomeçamos a luta na cidade onde alguns anos antes era apenas mato e solidão, as noites eram iluminadas pela luz de velas, depois por motor a óleo diesel.

Desde a minha chegada a Palmeiras d'Oeste, lia muito, Platão, Spinoza, Voltaire, Nietzsche, Kant, Schopenhauer, outros como Beltrand Russel e Shakespeare, a Bíblia, Alan Kardéc, Segundo o Espiritismo, Hegel. Aprendi que o caráter do homem forja-se nas tempestades e asperezas da vida. E um homem só atinge sua plena estrutura moral por efeito de compulsões e sofrimentos. O próprio Nietzsche disse que a vida não foi criada para a felicidade e sim para as realizações. Em qualquer arte, para triunfar dizia Voltaire, é preciso ter o diabo no corpo. Sim, para triunfar é mesmo preciso muita luta e bravura e mais um punhado de conhecimentos.

COMO AS ANDORINHAS

O Dr. Paulo Costa, médico recém chegado a Palmeira d'Oeste, já havia conquistado uma boa clientela graças à sua competência e honestidade. Éramos bons amigos e, sempre que podíamos, batíamos um bom papo sobre filosofia e política.

Conheci em minha vida, um homem que me encantou: chamava-se Mileno da Silva Té, aportou-se em nossa cidade, sem ser anunciado, parou, olhou, ficou. Colocou uma placa na parede do lado de fora de um cômodo que alugara e dizia ser advogado. E era, um autêntico advogado. Cearense, natural de Fortaleza, um

forasteiro que nos encantou. E mais, havia sido num passado recente, o Governador do território de Rondônia, indicado por Ademar de Barros, ex-Governador de São Paulo. Honesto, brilhante como advogado, excelente como amigo, na tribuna era um furacão. Certa feita foi solicitado a discursar num banquete de despedida de um insigne Juiz de Direito da comarca de Jales. No dia da solenidade, esqueceu-se do grande acontecimento. Pela manhã apareceu em minha farmácia como de costume, começamos a conversar. Eis que de repente de um salto, levantou-se, e falou: “Roveri, esqueci-me do convite para discursar no banquete de despedida do Juiz de direito da Comarca de Jales, vou discursar de improviso, até logo”. Vi quando ele dobrava a esquina e tomava um táxi. Lá se foi o distraído andarilho cearense. No dia seguinte, pelas notícias vinda de Jales, soubemos que ele no seu discurso, havia comovido todos os presentes, levando o próprio Juiz às lágrimas. Não muito tempo depois, sumiu o solitário amigo, deixando um recado para mim: “Ao Roveri, o meu adeus com a minha estima e gratidão.” Como as andorinhas que se vão no entardecer do outono, também voou para longe aquela estranha pessoa, que tão bem soube ser amigo.

Um outro inesquecível amigo, o padre João Missone com sua cultura, italiano alto, havia deixado a batina e se casado com a Chafica, filha de libaneses, era um autêntico amigo. Tinha um irmão, contava ele, que na Itália era assessor do Papa. Sentados no banco da farmácia, a conversa rodava sempre em torno de literatura clássica e moderna. Falávamos dos homens que mudaram a humanidade. Louis Pasteur dizia: “Um homem de ciência deve pensar no que se dirá dele nos séculos futuros e não nos insultos ou elogios que recebe em vida”. “O verdadeiro sábio tem um só dever e uma tarefa: procurar aquilo que existe, sem se importar com os outros, nada nasce do nada. Tudo que é vivo nasce de alguma coisa”. O padre João afirmava nas suas teses teológicas certos pontos que eu rebatia, como por exemplo: concordava que Galileu foi muito mais importante pelas contribuições que fez ao método científico do que propriamente pelas revelações físicas e astronômicas em suas obras. Foi violentamente criticado pelo teólogo, pelas descobertas das manchas solares. Havia na tese de Galileu a destruição da perfeição do céu e uma negação dos textos bíblicos. Assim nos divertíamos nas horas de lazer, idos da década de 50.

Já que estou falando da minha vida, da minha aldeia, não poderia jamais deixar de falar de Roberto Rollemberg. Alguém talvez já ouviu falar de pessoas que nasceram com a alma voltada

para Deus? O Dr. Roberto pertencia a essa espécie de homens: fiel, inteligente, sincero e que acreditava nos amigos certos. Político autêntico, de postura inquebrável, idealista. Tenho sobejos motivos para dizê-lo. Sempre afirmava que o seu grande amigo era eu. O orgulho invadia-me ao ouvi-lo. Rollemberg tinha incrustada em sua alma uma paixão capaz de se elevar à grandeza. Faleceu em 21/2/95 e nós ficamos...

Nós, homens inferiores, temos de andar sob suas amplas pernas estendidas sobre o mundo, procurando ao redor para ver se encontramos algum túmulo sem glória.

Caio Cassio Longino (A César peça “Júlio César” de Shakespeare)

RIVALIDADE MORTAL

Não me lembro bem se era agosto ou setembro do ano de 1955, não lembro. Era uma tarde bonita de sol. José Carlos deveria estar com dois anos. Uma tarde amena na nossa cidade de Santa Luzia denominada Palmeira d’Oeste. A cidade, ainda pequena, estava em festa: era dia de jogo de futebol. A Rua Brasil, a principal da cidade, fervilhava de gente. Minha farmácia, toda de roupa nova, pois estava agora num prédio novinho, engalanada de branco com o nome de minha mãe, uma das poucas homenagens que pude fazer a ela ainda em vida, mas que infelizmente já não se encontrava entre nós. Estávamos naquela tarde assistindo todo àquele movimento festivo, era dia de disputa esportiva, era dia de futebol. O campo estava localizado bem lá no fim da rua. Eu, atendendo alguns fregueses, o jogo já havia começado. Palmeira versus Vila Marin, rivais de algum tempo, amigos, amigos, jogo à parte. Vila Marin era uma pequena vila fundada por Antônio Marin e seus filhos José e João. Mas amizade à parte, o jogo foi de uma forma cada vez mais agressiva e os ânimos se inflamavam. De repente... Um grito na multidão. “Mataram um homem”. Na porta da farmácia, eu e Alaíde, avistamos lá na direção do campo uma avalanche humana que se avolumava e se aproximava. “Briga”, disse alguém do meu lado. No auge das paixões, aconteceu o pior: havia mortos e muitos feridos. Os gritos da multidão se misturavam com a poeira da rua, era um vendaval de paixões. Homens, mulheres e crianças em doida debandada se aproximando. Gritos de feridos carregados por homens naquele turbilhão de violência. Na voragem dos ânimos inflamados, eram

aqueles homens impelidos para a luta armada, isto é, para a arma branca. Já se vislumbravam no meio da multidão desvairada, pessoas feridas a facadas, outras pareciam já mortas nos ombros de torcedores. E aquele arrastão se aproximava da farmácia, a única da cidade, uma localidade sem atendimento médico, nada que pudesse atender sete ou oito pessoas ao mesmo tempo. Alaíde advertiu-me para que fechássemos a farmácia imediatamente, era uma multidão de tresloucados que estava prestes, aos gritos, a invadir a farmácia em busca de socorro. Não atendi ao pedido da esposa, porque meu dever era atender aos feridos sem discriminação e na medida do possível. Aquela massa de gente insana, magoada, já havia tomado todo o espaço do salão da farmácia. Entre gemidos e gritos de dor, pediam socorro, eram quatro feridos gravemente, dois deles estavam sendo medicados por mim no laboratório, enquanto os outros dois aguardavam com dores alucinantes. E um outro homem já morto estendido sobre o banco. Tudo era confusão, havia começado a parafernália à beira do gramado entre torcedores. Uma facada atravessara os intestinos de um torcedor visitante. Pressentindo um provável inimigo, e que era seu próprio pai, procurando por trás envolvê-lo com os braços a fim de protegê-lo contra o inimigo que o ameaçava pela frente com um punhal, ele revidou com uma facada, sem olhar quem era, rasgando o ventre do seu próprio pai com um golpe fatal, enquanto outros se digladiavam no meio do campo numa barafunda total.

Eu não sabia como atender a todos: homens baleados, outros com os corpos perfurados por unhas, um rapaz tombado no chão, desmaiado, com hemorragia provocada por uma lâmina que atingira a clavícula, mulheres, crianças e velhos invadiam minha casa, lotando todos os quartos, banheiros e cozinha à procura de um refúgio, tomados por verdadeira alucinação. Uma cena dantesca. Acontecimento triste e lamentável que por certo ficara na memória de todas as pessoas que presenciaram aquele horrível episódio.

Os anos mais frutíferos de minha carreira estavam despontando numa disparada de sucessos graças ao meu trabalho realizado até àquela data. Meu cunhado Esmeraldo já estava trabalhando comigo na profissão. Moço trabalhador, honesto, tudo indicava que teria um futuro brilhante pela frente.

Eu havia adquirido um sítio nos arredores da cidade a um quilômetro de distância, muito perto. Eram sete alqueires ao todo. Desejava plantar sete mil pés de café. Combinei com o meu sogro, João Antônio Ribeiro, e para lá foi ele com a família cuidar da

lavoura com os filhos. Mas o tempo não ajudava, choveu muito pouco durante os três anos de formação do cafezal.

Acertamos, que ele plantaria arroz e feijão intercalados com o café. Todo ano, sobrava muito pouco para as despesas com a família. Três anos minguados, chuvas raras, mas João Antônio não esmorecia, mantinha sua família com a cultura intercalada, passando a colher um pouco de café no terceiro e quarto anos. Homem muito econômico, conseguiu assim guardar um dinheirinho e, no fim do contrato, mudou-se para a cidade, onde instalaria uma loja de tecidos.

A Companhia Cacique iniciaria a venda de terras de propriedade de um morador de Mirassol, terras ociosas num total de sete mil alqueires. Então começaram a chegar muitas famílias procedentes da região de Catanduva, os Secafin, os Sabio, a família numerosa do Zé Pequeno e tantas outras. Com seus pedaços de terras, plantavam café e tornaram-se prósperos. Em vista disso, a cidade ganhou nova onda de progresso. A família Secafin era composta de 8 pessoas: Ricardo, Virgílio, Dioro, Lourdes, - que posteriormente se casara com o Esmeraldo, Emília Narciso. Os pais Antônio Secafin e sua esposa Erculina faleceram muito tempo depois, todos os filhos casados e a propriedade agrícola em plena produção. Da região de: Araçatuba, vieram as famílias de japoneses. Entre elas a dos meus compadres Paulinho Adati, Yamanoi e Massuiama. De outras regiões, vieram os meus amigos Dr. Diógenes e o prof. Silvio.

O Município se tornara um exemplo de comunidade, um verdadeiro modelo de reforma agrária, retalhado em lotes de cinco, dez, quinze, vinte alqueires e uns poucos de cinquenta alqueires.

A cidade já possuía dois médicos, dois dentistas, dois hospitais, um posto de saúde, um posto de puericultura e um grupo escolar.

A cidade sorria vaidosa como uma menina moça, queria crescer, mais e mais, tinha gana de subir, voar alto, ir para bem perto das estrelas, como fazem os poetas, cantar, cantar a poesia que revela a grandeza de ter nascido brasileira, cheia de encantos mil. Queria subir para o estrelato e ser coroada pelos deuses, os deuses do Café.

E com tudo isto, o homem encontra-se sobre a terra abandonado a si mesmo, incerto de tudo, salvo de sua miséria e das suas precisões.

Schopenhauer (O Mundo Com Vontade e Representação)

OS AMIGOS

A década de 50 ia ao meio. A cidade se beneficiara com a onda de progresso. Famílias vindas da região de Catanduva e de outros rincões e que haviam adquiridos seus lotes de terra, produziam muito café e ganhavam muito dinheiro. Meu compadre Magid ia de vento em popa com sua loja "O Dragão das Sete Portas". Eu me regozizava com ele, porque o admirava e via nele um grande amigo, um amigo inesquecível. Tempos depois, tomamo-nos compadres. Quando a Suád, sua filha mais velha, se casou, eu e Alaíde fomos testemunhas de casamento. Seus outros filhos, Choe, Walter, Marão e Magida, completavam sua prole, meninos que muito orgulhavam seus pais. A comadre Aurora, sua esposa, era a mulher ideal, companheira e mãe.

Os anos corriam rápido. Naquela manhã quente de outubro, como de costume, desci pela rua Euclides da Cunha, apanhei a estrada que passava em frente ao meu sítio, e para lá me dirigi. Atravessei o córrego, passei pela sede do sítio, subi carreador acima afim de dar uma olhada no cafezal e conversar com o empreiteiro que se encontrava logo ali no começo do carreador, carpindo. Passava por lá naquele momento o Vitor Preto, domador de cavalos. Conversava com o empreiteiro e sabia que ele gostava de tomar uns tragos de aguardente. "Vitor, você me empresta o seu cavalo para que possa dar uma olhada numas mudas de café recém replantadas lá em cima, no alto do carreador?" "Pois não, seu José, o cavalo é seu", disse-me num tom de amizade. Ao montar no animal, sem ter tido tempo de me assentar no arreio e nem sequer segurar firme nas rédeas, o cavalo saiu numa louca disparada. Sem equilíbrio em cima dos arreios, fui lançado a distância, caindo sentado no meio do carreador. Caí sentado, sentindo que perderia a vida: dores horríveis, o fôlego acabava. E naquele ato, não conseguindo respirar, pressenti a morte, era o fim. Vieram em meu socorro, o empreiteiro e o Vitor Preto. Jogaram-me água fria no rosto e levaram-me até à portaria da fazenda. De lá, fui levado para Jales. Internado na Santa Casa, fiquei sob os cuidados Dr. Eduardo Ribeiro do Valle, meu amigo e companheiro de jornadas políticas. À noite, ele não quis que permanecesse na Santa Casa, levou-me para sua casa. Poderiam descuidar de mim. Colocou-me numa cama na sala, bem em frente à porta do seu quarto. Em razão das fortes dores que me castigavam, me avisou: "Roveri, você está realmente mal, não pode continuar sentindo fortes dores, o tombo do animal foi violento. Bata à porta assim que necessitar".

Passei dores horríveis durante toda a noite. Pela manhã, bem cedo, levantou-se, dirigindo-se a mim, perguntou como eu estava. Pelo meu aspecto percebeu que as dores continuaram noite adentro. "Roveri, porque não me chamou? Você não tem juízo, não tem jeito, não. Trouxe-o para perto de mim para ser atendido quando fosse preciso e olha só o que você me aprontou."

Depois daquele puxão de orelhas, fiquei mais um dia sob seus cuidados e voltei para casa com a condição de, se não melhorasse, ir a Rio Preto passar por exames radiológicos.

Em casa, não melhorei. Meus amigos aconselharam-me a sair imediatamente. O Renê Barbur, amigo de lutas políticas, amigo sincero, quando por lá aportava, era em minha casa que ele ficava, foi logo dizendo: "Roveri, sobe devagarinho no meu carro e vamos para São José do Rio Preto". Partimos, meu sogro nos acompanhou. Lá recebi tratamento adequado: radiografias, outros exames, enfaixaram-me, mas ainda sentia dores. Voltei com o Renê, e tive que permanecer em repouso por muitos dias.

Dias depois soube que o animal estava sendo amansado, era chucro. E quem pagou por isso?

Desejo dar-te alguma coisa, meu filho, porque vamos arrastados na torrente do mundo. As nossas vidas serão levadas para lugares diversos, e o nosso amor será esquecido.

Rabindranath Tagore, do livro Lua Crescente

NOVOS HERÓIS DO SERTÃO

O ano de 1958 morria lentamente.

A década de 50 descambava para o fim.

Noite alta. Eu não conseguia conciliar o sono. Chovia lá fora.

Aqueles homens que estiveram aqui na semana passada, ficaram de voltar a fim de combinarmos uma viagem a Mato Grosso, na região do Alto Araguaia com a finalidade de mostrar-me terras baratas da região para que eu pudesse adquirir umas áreas bem maiores que as minhas.

Sempre foi minha intenção obter uma grande fazenda naquela região. Minha caminhada prosseguiria, com certeza. O que importa é a luta, sonho que nasceu comigo. Desvendar novas fronteiras. Borrascas, depois vitórias deveriam acontecer em novas terras.

Dizia Emerson: *“Em toda parte onde há insucesso, há qualquer inflexão, qualquer ciência, supersticiosa na sorte, qualquer esquecimento de detalhe que a natureza nunca perdoa”.*

A VIAGEM

Naquela manhã chuvosa de dezembro, apareceram em minha casa os homens que estavam incumbidos de me levar a conhecer as novas terras. Eram três os corretores: Antoninho, genro do Avelino, meu amigo, tratei de uma pertinaz moléstia de sua esposa, graças a Deus, com muito êxito; os outros dois eram de São José do Rio Preto. O motorista que nos levaria às planícies de Mato Grosso, também era corretor. Como chovia muito, fiquei indeciso, iria ou não para aquela viagem? Diante da minha indecisão, a esposa Alaíde me incentivava: “Vai, sim, já prometeu, tem que ir.”

Partimos naquele mesmo dia com muita chuva, muita lama, caminhos ruins que nos levariam a uma viagem muito difícil. Difícil, mas que nos proporcionava uma das mais belas da natureza; rios caudalosos com águas límpidas e claras como o sol das manhãs de maio.

Atravessamos de balsa, o grande rio Paraná na divisa de São Paulo com Mato Grosso. Atingimos a pequena cidade de Aparecida do Taboado, já no Estado de Mato Grosso. Logo em seguida aportamos em Santana do Paranaíba. Pernoitamos sob uma chuva incessante, bem ali, onde os personagens do romance “Inocência”, obra imortal do Visconde de Taunay, vinham se abastecer na compra de alimentos. Lembrei-me de Cirino, do “seu” Pereira, do Manecão, do alemão Meyer com suas caças às borboletas e de Inocência, a infeliz menina-moça.

Chovia. Na manhã seguinte, retomamos nossa viagem. Será que compensa seguir viagem? Eu meditava, eu cismava. Tem que dar certo. Tocamos. Atravessamos o rio Aporé ou rio do Peixe na divisa de Mato Grosso com Goiás. Para atingirmos a cidade de Alto Araguaia, era necessário adentrarmos o Estado de Goiás e retornarmos ao Estado de Mato Grosso, atravessando riachos, serrados, imensos atoleiros, estradas ruins, passando por dentro de velhos currais de velhas fazendas, com suas casas antigas, algumas feitas de reboco, outras de pau-a-pique, pequenas criações de gado reboleiro pastando em volta das casas, o canto

da passarinhada nos mangueirais, enormes aves pernaltas, com seus cantos tristes a chamar pelos seus filhotes, quando se distanciam do abrigo e da segurança de sua mãe.

O cantar alegre e barulhento das araras que passavam por cima de nós em bandos, como que a saudar àqueles estranhos visitantes, extasiados com tanta beleza que Deus criou para este país tão lindo que se chama Brasil. O Deus, não permita nunca, que acabem com essa beleza que nos faz tão bem. Quando olho para o alto, vejo o buritizal com toda sua estrutura harmoniosa e resplandecente, querendo alcançar lá em cima, o azul do céu, deste céu azul, presente de Deus a este país tão belo, tão nosso e que tão pouco sabemos preservar, por pura insensatez do homem.

O FORDÉCO

“você estão vendo bem lá no infinito aquele pindaibal?” disse o Antoninho, conhecedor da região, apontando com o indicador o horizonte. “É por lá que vamos passar, lá está uma outra parte da divisa dos dois Estados, uma outra parte”.

O fordeco estava em ordem, ia dando conta do recado. Estávamos deslumbrados com a amplidão daquelas paragens, daqueles rios, como o Correntes que acabamos de atravessar, o Verde, rio Claro, afluentes da bacia do Prata.

Caminhávamos em direção à cidade de Alto Araguaia por caminhos tortuosos e arenosos. Retornamos ao Estado de Mato Grosso, deparamos com o planalto mato-grossense, o chapadão.

De Cassilândia a Alto Araguaia eram 330 quilômetros de distância, sendo quase 300 quilômetros de planícies, verdadeira obra prima da natureza. Nunca havíamos visto paisagens tão deslumbrantes como aquelas. O horizonte, longe, muito longe, lá no fim de terra, encantava nossos olhos. Dizia o poeta que **não há bosque nem tufo de ervas que não tenha uma razão, uma história e um destino.**

O fordeco rodava horas em busca do horizonte sem encontrar sequer uma elevação. Em busca do horizonte, o fordeco engolia chão. Este era o chapadão que os homens iriam destruir em futuro próximo. E destruíram levando com as lâminas de seus tratores todos os ninhos de emas e seriemas, tamanduás e veados, quase tudo. Toda espécie de aves com seus filhotes. Quando clareava o dia, eram vistas aves e animais mortos pela estrada que as máquinas haviam levado durante a noite, mortos

diante da luz dos potentes faróis, por não poderem se defender. E suas mães morriam por não quererem abandonar seus filhos.

O fordeco corria, o tempo corria, o espetáculo fascinante daquele mundo maravilhoso me envolvia e me fazia pensar em Deus, fazia esquecer que o tempo corria. As maravilhas semeadas por Deus naquele mundo infinito se misturavam com os bandos de emas espavoridas que atravessavam a estrada numa corrida louca, fugindo do ronco do motor do carro. Veados galheiros, catingueiros, mateiros, campeiros, lobos guarás e tantos outros, davam um toque diferente à natureza. Os tamanduás-bandeira, com a nossa presença, abriam enormes braços ameaçando-nos de frente, em proteção aos seus filhotes, catetos, queixadas, com a nossa presença, em disparada, pareciam uma verdadeira cavalhada em dias de festa. Papagaios, maritacas e periquitos, de fortes cores verde-amarelo, com tantos encantos, faziam a festa dos deuses, uma obra do Criador!

Quão pobres são aqueles que não têm paciência.

William Shakespeare

O ALEMÃO

Já era noite. Aportamos a casa do Fritz, um alemão que se dizia austríaco casado com uma mulher brasileira, relativamente bonita, jovem, já mãe de alguns filhos.

Aquela região ele chamava de Paraíso, nome muito bem adequado pela sua beleza, um rio que passava nos fundos do quintal com linda cachoeira. Na sala de jantar da casa do Fritz, uma placa de madeira dependurada numa das paredes com os seguintes dizeres: É proibido cuspir no chão. Casa de sapé, mas muito bem cuidada. Era um homem sisudo de poucas palavras, mas tratava com muita educação os seus hóspedes. À noite, ao deitar, iam para seus quartos em cômodo separado da casa. Pernoitamos. Pela manhã, numa manhã bonita de sol, retomamos nosso caminho, deixando para trás a linda cachoeira com suas águas claras a cantar, uma grata recordação. Com saudade e promessa de voltarmos um dia à casa do Fritz, o fordeco sumira na poeira da estrada do chapadão.

Numa das paradas, disse o Antoninho que o Fritz lhe havia dito que a distância de Paraíso ao Alto Araguaia era aproximadamente 150 quilômetros, passando pela serra do Baú, a única existente naquele trecho. De um lado da serra, de suas

entranhas, nasce o rio Taquari, que cai na bacia do Prata. Do outro lado, nasce o Araguaia, com vertente para a Bacia Amazônica. Descemos a serra e retornamos ao chapadão sem fim até Taquari, uma vila debruçada à beira da estrada. Faltava combustível para o fordeco, conseguimos o precioso líquido, jantamos e partimos. Alcançamos 20 quilômetros dali até o rio do Sapo e depois com mais duas horas de viagem, atingimos Alto Araguaia. Estávamos chegando ao ponto alto da jornada. Mas não terminaria ali a minha odisséia, muita coisa ainda iria acontecer.

Cansados, mas revigorados psicologicamente com a viagem, eu como comprador e os corretores como vendedores, estávamos contentes.

Alto Araguaia, uma cidade antiga, pequena, onde o traçado da rodovia federal que liga Brasília a Cuiabá passa por dentro de sua principal rua. Seus moradores, são quase na sua maioria, nascidos ali. A outra parte da cidade recebe o nome de Santa Rita do Araguaia e está situada do outro lado do rio Araguaia, já no Estado de Goiás. Essa rodovia leva também a Rio Verde de Goiás, Jataí, Alto Garças e Rondonópolis, cidade que dava seus primeiros passos.

Pernoitamos na cidade e na manhã seguinte fomos ver as terras, não gostei, só serrados e furnas. Já estava disposto a voltar, quando surgiu um outro corretor da cidade, o qual se prontificou a mostrar-me terras verdadeiramente boas. Fretamos dois aviões e voamos rumo a Rondonópolis, onde estavam as tão almejadas terras. Já havíamos deixado para trás a pequena cidade de Alto Araguaia e sobrevoávamos a cidade de Alto Garças. Minutos depois, lá do alto, começávamos a vislumbrar um panorama diferente. Começavam a surgir matas ao invés de serrados. O avião, como um falcão, sobrevoava a região em busca de terras férteis, e estas surgiam cada vez melhores assim que nos aproximávamos da cidade de Rondonópolis.

Pouco depois, já sobrevoando a cidade, senti-me reanimado com o que estava vendo, uma comunidade com futuro certo. Seria, sem dúvida alguma, uma grande cidade.

Naquele mesmo dia alugamos um jipe e fomos para o local das terras prometidas, eu e os corretores. Para chegarmos até lá, enfrentamos uma péssima estrada, onde as pequenas pontes de pequenos riachos eram feitas de dois troncos de árvores, o suficiente para trilhar os pneus do carro. Um pequeno erro era o suficiente para o carro resvalar e ficar encavalado em um dos troncos que servia de passagem.

À beira do rio Juriguinho, já descalço, tentei atravessar o rio,

mas a mata bem na minha frente era intransponível. Agradava-me aquela inospitalidade, pois meu sonho era desvendar novos mundos. E enfrentar desafios...

Na minha volta ao Alto Araguaia, encontrei-me com o proprietário da área visitada, sr. Joaquim Salgueiro. Homem bom, educado na Suíça, tinha na alma a grandeza dos homens nobres, tinha nos seus filhos, o seu mundo. Entabulamos negociações e fechamos negócio, dois mil e quatrocentos e vinte hectares, oito mil cruzeiros. A escritura foi lavrada no Cartório de Registro de Jales e registrado no Cartório de Rondonópolis.

Aproximadamente dois anos depois, comecei a abrir minha fazenda. Iniciava-se assim uma nova etapa de minha longa jornada de trabalho. Foram vinte anos de renhida luta, sucessivas viagens sem descanso, sem as minhas costumeiras férias em Poços de Caldas, Caxambú, sem praias em Copacabana, Ipanema e Leblon.

Continuar lutando era a minha meta, rumo ao oeste, “rumo ao sol” como diria o poeta. Meu filho era ainda uma criança, precisava de minha ajuda, de minha orientação. Minha mulher era o meu leme; sempre com uma vontade louca de me ajudar, lutava sem trégua, não tínhamos nenhuma fada, nenhum duende para nos guiar, acreditávamos em nós mesmos, trilhávamos o mesmo caminho, pressentíamos que a estrada era aquela, a estrada que iria conduzir também o nosso filho a novas fronteiras, onde, com certeza, com o nosso apoio, com muita luta, forjaria o seu caráter afim de conquistar um mundo melhor.

*Que importa minha paixão e a minha compaixão?
Acaso aspiro a felicidade? Eu aspiro a minha obra.*

“Assim Falava Zaratustra” F. Nietzsche

BRASILIA: NOVA ERA

No planalto goiano, a uma altitude de 1000 metros, florescia a futura Capital do Brasil: BRASÍLIA, a maior obra da engenharia dos tempos modernos. Iniciada em 1956, durante o governo do então Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

No dia 21 de abril de 1960, partimos para Brasília na sua inauguração: eu, Alaíde, José Carlos e o meu compadre Magid. Um evento memorável. Ali mesmo, dentro do meu carro, nos alojamos como pudemos, pois acomodações em hotéis era

impossível, todos lotados. À noite, após a posse do novo Presidente da República, fomos assistir ao maior espetáculo da terra, os fogos de artifícios, um turbilhão de estrelas produzindo vistosos jogos de luzes, reboando lá em cima no céu perto das estrelas, anunciando O surgimento de uma outra estrela, cá na terra.

O resto da noite, passamos como pudemos. Retornamos no dia seguinte. A minha perua Willys, nova em folha, adquirida em Votuporanga por intermédio do Nico Galletti, rodava veloz, devorando estradas. Durante parte da viagem, eu contava ao compadre Magid a história heróica da minha coupê 46, também adquirida em Votuporanga, anos antes de comprar as terras em Rondonópolis. Com ela fiz várias viagens a Mato Grosso, mas depois de algum tempo começou a dar problemas nas estradas, enguiçava muito, nos meses chuvosos a coisa piorava muito. Certa feita, ela enguiçou na principal rua de Alto Araguaia e não havia meio de fazer a danada “pegar”. Eu, Alaíde e a Cida, uma adolescente que morava conosco, filha do meu estimado e companheiro de luta, o compadre Bento Damião, começamos a empurrar o carro para ver se pegava no tranco, mas qual nada, ele não queria nada com a dureza, nem descida abaixo, nem colocando gasolina no carburador, nada. Enfim, cansados, resolvemos pernoitar na cidade, depois de termos sido chamados aos gritos pela molecada da rua, de Mazaroppi, quando empurrávamos a velha coupê. No dia seguinte, desanimado, resolvi fazer uma rápida visita ao Sr. Salgueiro em sua fazenda a pouco mais de um quilômetro dali. Em conversa com ele, aconselhou-me a comprar uma picape Willys, um lançamento que estava dando certo. Durante quase dez anos foi minha segunda morada. Aquele carro consumia horas a fio nas estradas, subindo ribanceiras, rampas íngremes, enfrentando atoleiros, engatando a reduzida e rompendo o caminho. Tempos difíceis, mas compensadores, proporcionando, nessa loucura, a alegria de viver.

E a renúncia?

Em 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros, renunciava à Presidência da República. Dizia em carta ao Congresso ser vítima das forças de opressão que trabalhavam contra ele. Alguns congressistas desejavam a volta imediata de Jango que se encontrava na China. Mas em 1º de abril de 1964 foi deposto pelo Supremo Comando da Revolução Democrática. Assumiu o poder o Marechal Humberto Alencar Castelo Branco, parente do famoso romancista José de Alencar.

Naquele 1º de abril, saímos de Rondonópolis a caminho de Palmeira d'Oeste. Encontramos em todas as entradas e saídas das cidades e divisas de Estados forças federais. O país estava passando por uma fase de transição. Minha picape devorava estradas na sua voracidade. Eu, Alaíde e Donato éramos os ocupantes do veículo. Sentia nessas viagens, que a minha querida cidade de 36 anos, iria perder um dos seus mais antigos moradores, dentro de mais alguns anos. O Donato era o meu carpinteiro e tomava posição como administrador temporário. Ele já havia construído sua casinha provisória junto à tulha de madeira que eu havia trazido da cidade de Andradina.

Na fazenda as derrubadas se sucediam.

Consciente de que seriam poupadas as madeiras de lei, árvores que levariam até 80 anos para se tornarem adultas, era uma atitude muito séria de minha parte, não ia derrubá-las. As faixas de matas à beira dos rios seriam conservadas intactas, com a finalidade de proteção à fauna e peixes.

Em meio à mata virgem, recordava-me as palavras de Cícero, nascido no ano 106 a.C. na cidade de Arpino na Itália:

Primeiramente, dividiu entre os cidadãos as terras que Rômulo adquirira na guerra, e ensinou-lhes que, sem a devastação e sem a pilhagem, podiam obter-se todas as vantagens como cultivo assíduo dos campos; inspirou-lhes o amor à paz e à calma, garantias da fé e da justiça, com cujo patrocínio prosperam as colheitas e os cultivos.

Cícero - Livro Segundo, XIV. "Da República"

JUNTO DE DEUS

Eu e Alaíde ficávamos meses na fazenda, acompanhando o trabalho dos empreiteiros, enquanto o José Carlos estudava num internato em Monte Aprazível, no colégio do padre Nunes. Tempos difíceis para nós, mas era preciso dar continuidade à minha obra, era preciso dar outro destino à minha vida. Às vezes Alaíde ficava em Palmeiras d'Oeste afim de dar ajuda ao Esmeraldo, na farmácia. Em outras ocasiões ela me acompanhava, então tornava-se tudo muito difícil. Deixar o filho era doloroso, mas necessário. Padre Nunes dizia que o canarinho estava bem guardado na gaiola, mas a saudade nos torturava. Padre Nunes era a exata personificação de Deus. Para nós foram os melhores anos que o nosso filho passou

fora de casa, bem juntinho do padre Nunes, bem juntinho de Deus, orando todos os dias na capela, mandada construir pelo próprio padre, onde ele seria sepultado, posteriormente.

Muitas vezes quando estávamos na fazenda, ele nos escrevia que iria passar as férias por lá, junto de nós e assim fazia. Quase sempre vinha com o meu amigo Manoel Tavares a quem eu dedicava grande admiração, vizinhos que éramos em Palmeiras d'Oeste. Com seu caminhão, vendia suas mercadorias pelas bandas de Rondonópolis e de outras cidades e vilas daquela região. O José Carlos, descia num vilarejo chamado Inhumas, que margeava a rodovia Brasília - Cuiabá, distante apenas 8 quilômetros da fazenda e de lá ele chegava até nós montado no cavalo do vendeiro Waldemar, para nossa alegria.

Perseverar, confiando na própria esperança, é a coragem de um homem. O covarde se desespera.

Eurípedes - dramaturgo grego

A PONTE E AS ENCHENTES

Na fazenda, além de tantas outras coisas, teria de construir uma ponte de madeira medindo 37 metros de comprimento sobre o rio Juriguinho. Mas para que pudéssemos interligar a área adquirida com o outro lado do rio, onde uma estreita estrada atingia suas barrancas, não era nada fácil, um desafio à natureza. Com todas as características que a área possuía, tornava-se difícil elaborar planos, partes muito acidentadas, rio, cujo leito era muito profundo, produzindo enchentes violentas. Quando caíam fortes chuvas nas cabeceiras, nós aqui, mais em baixo, sofríamos sérias consequências. O rio subia muito acima do seu leito, transbordando para todas as áreas adjacentes, invadindo parte das pastagens, levando consigo animais de grande e pequeno porte, como cavalos, bois, porcos e aves domésticas. Na iminência de serem tragadas pelas águas, algumas galinhas e galos, voavam para as cumeeiras dos casebres à procura de abrigo, parecendo casinhas de presépio, os galos cantando seguidamente ante o perigo à vista.

No turbilhão das águas, os casebres acabavam por se deslocarem, e levados para a correnteza no centro do rio, transformando tudo em pedaços de paus roliços, tábuas e folhas de palmeiras num autêntico pandemônio. Era o Paraíso Perdido,

de Milton, poeta inglês.

“Donato, venha cá. Do modo que está não pode ficar. Vamos construir essa ponte?” disse-lhe. “Você entra com o seu conhecimento de carpinteiro, eu com um pouco de dinheiro e boa vontade, madeira nós temos.” E ele: “Zé Roveri, vou lhe dizer a verdade. O duro mesmo é conseguir as ferragens, vai muito ferro nessa ponte”, respondeu-me. “Conseguiremos, se Deus quiser” - respondi. Dirigimo-nos à Prefeitura de Rondonópolis, falamos com o prefeito Dr. Castilho, engenheiro, moço educado, liberando todo o material, para espanto nosso, quase um caminhão de ferragens.

Mas como nem tudo são flores, a muito custo havíamos plantado quase todos os palanques, enormes toras de árvores, uns lampinados, outros lavrados encravados em concreto no fundo d'água, num trabalho muito difícil na perfuração com alavancas, ponteiros, picaretas, tarefa árdua junto às pedras, no leito do rio, dentro de manilhas, a fim de isolar o trabalhador das águas. Eis que sobreveio uma forte tempestade, levando de roldão, rio abaixo, todo o trabalho realizado, restando apenas os mourões que já estavam fincados.

Naquele dia, estava em Rondonópolis, fazendo compras, quando alguém me levou a notícia do acontecido. Donato havia abandonado o serviço. As pressas voltei à fazenda, lá estava o Donato dispensando os empregados e a Alaíde muito brava com ele, incitando-o a voltar ao trabalho. Naquela mesma tarde, ele reiniciou sua tarefa, começando por recolher rio abaixo, o resto do que ficara do material: madeiras roliças dos andaimes, tábuas, que agarradas às árvores também arrancadas pela força das águas e arrastadas pela correnteza, algumas delas enroscando nas barrancas do rio, retinham os restos do material.

Foram gastos oito meses para a construção da ponte.

Nada se consegue neste mundo sem muito sacrifício!

PORTAL DA AMAZÔNIA

Rondonópolis possuía tudo para, num futuro próximo ser uma grande cidade. Para a Amazônia, só existia uma rodovia. Essa rodovia margeava a cidade descambando rumo ao grande Eldorado ainda inexplorado.

Rondonópolis era conhecida como o “Portal da Amazônia”. Cantada em prosa e verso, pelas riquezas de suas terra e pelo

seu vasto potencial diamantífero, pelas enormes áreas de cerrados incultos, agora já aproveitados inteiramente para o cultivo da soja e do algodão, tem seu lugar seguro comuns dos baluartes na produção da soja, sustentáculo das nossas riquezas. A pecuária é uma das maiores do país pela sua genética, ramo da biologia que estuda as leis da transmissão dos caracteres no gado, pela sofisticação do cruzamento de raças oriundas de países superdesenvolvidos dando uma performance ímpar ao nosso rebanho, um dos melhores e maiores do planeta.

O futuro não depende só da natureza, mas do trabalho, também.

PROPOSTA E RECORDAÇÕES

Um belo dia, chegou a minha casa em Palmeira d'Oeste sem que eu esperasse, o meu querido amigo José Lourenço dos Santos, o Zé Baiano. Vinha com uma proposta: levar para a minha fazenda, 300 vacas para repartirmos o lucro. Zé Baiano era meu conhecido há muitos anos, lá de Pirangi. Homem rico que começou a sua luta trabalhando como servente de pedreiro na construção da Igreja Matriz da cidade. Tempos depois, com o fruto do seu trabalho, comprou um automóvel e foi trabalhar como motorista de praça. Estimado por toda a população, honesto, não era homem de mentiras, nunca foi. Preferido pelo médico e prefeito da cidade, Dr. Canabrava Filho, e por nós todos, mocidade atuante nas festas e bailes das cidades vizinhas. Zé Baiano fazia ponto com seu automóvel ao lado da farmácia do Antoninho onde eu trabalhava. Certa vez, estávamos conversando dentro do seu carro, à noite, quando alguém me procurou, ansioso para me propor o seguinte: fazer a apresentação de dois artistas argentinos, no palco do Cine Brasil, Del Négri e Cavaliere. Eram componentes da Grande Companhia Brasileira de Revistas que se desfizera em nossa cidade por motivos financeiros. Pois ali estavam os dois artistas, sem dinheiro e precisavam voltar para São Paulo. Cinema lotado, faltava um apresentador. Os moços que estavam incumbidos de apresentá-los, recuaram em virtude das promessas de vaias por parte dos estudantes que estavam de férias, todos na primeira fila, numa algazarra maluca diante dos dois grandes artistas que se despediam. Queriam vaiar os apresentadores e não os artistas, tudo por troça, tudo por caçoada, coisas de estudante.

“Tem que ser você o apresentador”, falou-me o professor Bernardo Bailão. “Eu não sou de teatro e nem pretendo ser, não vou”. Procurem o Álvaro e o Adelino que estão acostumados a fazer teatro amador e são os encarregados de fazer a apresentação. “Eles fraquejaram”, retrucou o Bernardo Bailão. O Zé Baiano, que tudo ouvia e nada falava, disse-me incisivo: “Vá sim, Zé Roveri, é um favor que você faz aos artistas”. Assim fiz. Atravessei a calçada, fui para o meu quarto, tomei um banho rápido, troquei de roupa, e lá fui eu para a ribalta.

Acostumado a falar no Serviço de Alto-Falantes da cidade, muitas vezes, o amigo e poeta, Aldo Campos me telefonava da cidade de Jaboticabal para ajudá-lo nas programações da Rádio Clube, eu tinha assim, um contato diário com o microfone.

Del Negri era um artista portenho, conhecidíssimo em toda a América do Sul. Possuía um guarda-roupa de fazer inveja a qualquer artista de projeção internacional. Gay, carismático, versátil e de uma sensibilidade incrível, cantava tangos e principalmente músicas mexicanas. Cavalieri cantava boleros, tocava concertina, bandoneón e piano.

Entrei pelos fundos do cinema levado pelo Bernardo Bailão, aos quais fui apresentado. Eu tinha naquela época, vinte e dois anos. Del Negri ofereceu-me um conhaque. Recusei: “Obrigado, não bebo nessas ocasiões”.

Da ribalta, expiando pela fresta do pano de boca, pude ver como fervilhava de vozes, numa expectativa inédita. A sala de espetáculo estava repleta. Como iria se apresentar o Zé Roveri? Essa era a grande atração. Del Negri com a sua fina vestimenta, mais parecia um artista dos grandes palcos parisienses.

Soou o primeiro sinal, o segundo, o terceiro e aos poucos abriam-se as cortinas. O palco tomado por um fecho de luzes multicores, anunciava o espetáculo. Dentro daquele turbilhão de vozes e palmas, me apresentei. O cinema parecia vir abaixo, ao invés de vaias, aplausos. Numa das frisa, ao lado, o Dr. Canabrava aplaudia de pé em cima de uma poltrona. Os aplausos eram dirigidos a mim, principalmente, eu era o espetáculo!

Uma apoteose. A minha presença era a surpresa. Ainda muito moço, nascido e criado ali, sem ter nunca aparecido em palcos, acabei sendo o ponto alto da festa que se iniciava.

Com muita calma, esperava que as palmas diminuíssem para que pudesse dar início ao espetáculo, graças a minha experiência com o microfone. O que mais encantava a platéia, era a minha elegância e tranquilidade durante as apresentações. Possuía boa dicção e a usava com meticulosidade e um charme

que não conhecia. Para mim, foi uma noite de gala. “Dona Clarisse”, esposa do Dr. Canabrava, veio me cumprimentar e dizer da minha vocação para o teatro. Eu nunca havia dito nada a ela sobre o assunto. Na verdade, não era a ribalta que me seduzia, mas sim, o microfone.

Tantas foram outras pessoas a me cumprimentar e para trazer seu incentivo para que me iniciasse na carreira artística. Na verdade, naquela noite não subi ao palco para apresentar-me como galã, mas apenas para prestar um favor àqueles dois artistas que bem mereciam sair dali com algum dinheiro.

Bem, deixemos de vãs recordações... Voltando ao assunto, naquele dia, não era esperada a chegada do amigo Zé Baiano em minha casa. Contou-me que estava permutando um dos seus aviões com 300 vacas, mas o negócio só seria feito se eu aceitasse a sua proposta de deixar as vacas em minha fazenda, repartindo os lucros. Estava acompanhado de um senhor, dono da fazenda de onde viriam as vacas e pretendia concluir ali o negócio. Disse-lhe que eu já havia formado muitos alqueires de pastos, mas não estavam cercados, ele insistiu. Teria que dar um jeito. “Zé Roveri, alguém tem que ir lá e construir a cerca provisória. Depois de muito relutar, consenti em mandar uns homens comandados pelo Esmeraldo, meu cunhado, afim de levantar as cercas. Fiquei incumbido de levar para a fazenda as mencionadas vacas, por terra, isto é, levaria o Brás, meu peão, com alguns homens, para tocar o gado da fazenda Aricá, no Pantanal, até a minha fazenda em Rondonópolis. Assim concretizava aquele negócio que muito interessava ao Zé Baiano, e também a mim, que não esperava por tal acontecimento.

No ano seguinte, aumentou consideravelmente o número de cabeças de gado em minha fazenda. Continuava a derrubada de matas para formar mais invernadas. Assim exigiam as circunstâncias, assim exigia a situação nesse caso a minha mudança para Rondonópolis. Minha intenção era mandar o Esmeraldo morar em Rondonópolis, onde eu montaria para ele, uma farmácia. Ele recusou. Então o remédio era mesmo mudar-me para lá.

Foi assim que o venerável Enéas, no meio da atenção de todos, retratava os destinos enviados pelos deuses e narrava suas navegações. Ele se calou enfim e terminada sua narração, descansou.

Eneida, de Virgílio

AFINAL, RONDONÓPOLIS

Já decorridos dez anos da compra da fazenda. Aproximadamente metade já estava desbravada: invernadas, ponte, um curral muito bom, cercas e cochos cobertos, trechos de estradas concluídos, gado sadio, que aumentava, sem grandes perdas, para minha alegria. Um trabalho constante desenvolvido por mim, na profilaxia e cura das doenças do gado, muito particularmente dos bezerros, porque esses eram mais suscetíveis a doenças. Mas para dar continuidade ao trabalho com mais eficiência, era necessária a minha permanência efetiva no trato do gado e da fazenda, o que não acontecia, pois apenas alguns meses do ano eu me fazia presente ao trabalho de campo. Por essa razão, minha mudança para Rondonópolis, era inadiável. Um ano decisivo para mim e para minha família.

Conversei com Alaíde e José Carlos, concordaram, alugaríamos uma casa em Rondonópolis e levaríamos também a farmácia. Assim fizemos.

Um belo dia, numa manhã de julho de 1971, partimos. No meu carro, eu ia na direção, do lado a Alaíde e atrás “Dona Josefina”, minha sogra, e o João Antônio, meu sogro. Partimos rumo ao Oeste, era agora a outra grande jornada. Para trás ficava a cidade que ajudei a criar e que tanto amei. Ali ficara meu filho também. Comigo levava apenas a saudade de tudo aquilo que me era caro, levava a tristeza de um sonhador que quase sempre paga um preço muito alto pelos seus sonhos, talvez por sonhar demais.

Em Rondonópolis, alugamos uma casa e um salão onde seria instalada a farmácia. José Scarpin, menino ainda, seguiu com o caminhão de mudanças e ficaria morando conosco definitivamente, com a permissão de seus pais.

José Carlos havia ficado em Ribeirão Preto para continuar seus estudos.

Estava definida uma nova etapa de minha vida. A fazenda era a minha meta, a farmácia, meu arrimo, o filho, meu sucessor, minha esperança.

Corria célere o ano de 1971. Rondonópolis crescia bela e pretensiosa. A farmácia estava instalada na Avenida Amazonas, nº 1231. Eu e minha equipe atendíamos a todos, com muita vontade de servir e de vencer. Zé Scarpin despontava como um ótimo profissional, meu filho por opção. Outros funcionários muito contribuíram para o sucesso da minha farmácia. Foram eles:

Oswaldo, Luis Dinei, Beto, Dilso, Vera, José Carlos, Jucelino, Dinho e Naia.

No início dos anos 70, na minha incansável luta, levava muito a sério a formação da fazenda. Era uma fazenda modelo, divulgada em filmes por todo o Brasil por ordem do Governo de Brasília e como fazenda exemplar em todo o Estado de Mato Grosso. Fazia me lembrar de uma frase encontrada num alfarrábio: **Mesmo que seja uma pequenina flor à beira do caminho, mas que seja a mais bela.** Inspirado nesse preceito, seguia em frente com determinação, procurando sempre dar bom exemplo aos que me acompanhavam.

Quando vier a prosperidade, não a use de uma vez.

Confúcio

O PASSADO E A PSICANÁLISE

Não sei porque as memórias do passado me assaltam intensamente, sem tréguas, martelando minha cabeça, revelando coisas, desde a infância, passando pela adolescência até à mocidade, trazendo imagens nítidas do que fui e do que fiz. Não as provoço, elas fluem, afloram com se fossem puxadas por um fio de recordações perdidas no tempo.

No começo do século XX, Sigmund Freud e C. G. Jung, já procuravam buscar respostas à estas perguntas. Freud como médico especialista em neuropatologia dizia: **“O inconsciente encerra vestígios de experiências antigas”**. Jung em seu livro “Memórias, Sonhos, Reflexões” diz: **“Duas vezes passei em revista toda minha vida e em todos os seus pormenores, detendo-me particularmente nas lembranças da infância, pensando em encontrar em meu passado algo que pudesse ser a causa de uma possível perturbação. Mas esta introspecção foi infrutífera e tive que confessar a mim mesmo a minha ignorância”**. Encerra assim esta dissertação: **“Cada vida é um desencadeamento psíquico que não se pode dominar, a não ser parcialmente. É muito difícil, por conseguinte, estabelecer um julgamento definitivo sobre si mesmo ou sobre a sua própria vida”**. Já o sistema freudiano parte das predominâncias das relações da vida inconsciente com a consciente, conjugadas no aparelho mental humano.

Léon Bonaventura, nas suas considerações, explica: **“O que Goethe dizia de si mesmo pode-se perfeitamente aplicar à obra de Jung. Se suprimisse tudo o que devo aos meus predecessores,**

restaria pouco. Minha obra é a de um ser coletivo que se chama Goethe”. Por sua vez Jung escreve: Nós não somos os criadores de nossas idéias, mas apenas seus porta-vozes, são elas que nos dão formas... e cada um de nós carrega a trocha que no fim do caminho outro levará.

Depois dessas rápidas explicações desses célebres cientistas da alma, só nos resta continuar nos indagando: Por que as lembranças do passado nos perseguem tanto”?

BONITA COMO A FLOR

“Zé Scarpin, traga-me o termômetro que está aí na gaveta, vou medir a febre desta criança”. “Já vou”, respondeu ele, “estou atendendo vários fregueses ao mesmo tempo, a farmácia esta cheia”. Era assim, farmácia sempre cheia, era assim, jovens mães com seus filhinhos doentes ao colo à espera de lenitivo aos seus pupilos, velhinhas encarquilhadas, ávidas por contar as suas antigas mazelas, procurando encontrar alívio para as suas dores, num vai-e-vem de queixas interminável, num entra-e-sai contínuo de pessoas com receitas médicas para serem atendidas. Era assim, uma estrela brilhava em meu caminho. O caminho que minha mãe traçara para mim em suas orações, preces que ela fazia a Deus para que seu filho José fosse farmacêutico, que pudesse dar muito de si aos doentes e necessitados. Talvez por isso, aquela estrela iluminava minha estrada.

Ao lado da minha farmácia, havia um consultório médico, um médico recém chegado da cidade de Mineiros, em Goiás. Chamava-se Nilton, um grande cirurgião, sem sombra de dúvidas. Tornei-me seu amigo. Durante alguns anos lutando lado a lado, eu como farmacêutico, e ele como excelente profissional. Certo dia, chamou-me para ajudá-lo numa operação cesariana da qual me saí muito bem, pois, como já havia dito, eu possuía muita prática de parto. O operador foi ele e eu, seu assistente. Naquele dia, seu colega havia viajado e o caso exigia urgente operação.

A cidade crescia vertiginosamente. A rodovia que ligava Brasília a Cuiabá, já estava toda asfaltada. Levas e mais levas de capixabas aportavam na região, aqui e acolá. Mais tarde vieram gaúchos, catarinenses, paranaenses e pessoas de outros estados do Brasil. Surgiram cidadezinhas como Pedra Preta, Jaciara e tantas outras, tudo porque Brasília crescia bela, imponente e majestosa. Estávamos na era do 50 em 5, era de Juscelino Kubitschek.

Rondonópolis continuava bonita como a flor. Continuava crescendo com aquele orgulho de menina-moça sempre a sorrir para o futuro e para a vida. Queria ser adulta, mulher feita, mas não era. Ela queria ser a mais bela entre as mais belas, sonhar alto, com o primeiro lugar, aspirar ser a donzela mais brilhante que as estrelas do céu, no entanto, ela deveria continuar caminhando com seu andar bem brasileiro, seu caminhar de mulata bem Brasil, só que ainda não era adulta, era apenas uma adolescente com seu vestido todo verde, verde da cor da folha de soja, salpicado de grãos ouro e diamantes colhidos na terra pródiga. Pródiga como os caminhos que ela vai trilhando com o seu rebanho de gado multicolorido, caminhando para o seu próximo e notável triunfo. Aí, sim, ela será adulta, nossa adorável Rondonópolis.

Todos os dias eu lanço meus barcos de papel, um por um, na célere corrente. Em grandes letras pretas escrevo neles o meu nome e o nome da aldeia onde moro. Tenho esperança de que alguém numa terra estranha, os ache e saiba quem eu sou.

Rabindranath Tagore - do livro Lua Crescente

CIRCOS E PALHAÇOS

Da porta da farmácia eu olhava o circo “Orlando Orfei” instalado na Praça dos Carreiros. Delineavam em minha mente passagens de minha infância, numa sequência de lembranças dos circos que passavam pela minha cidade, em Pirangi, com seus palhaços, acrobatas, equilibristas, trapezistas, mocinhas que andavam no arame, num verdadeiro desfilar de recordações.

O circo sempre fascinou os jovens. Eram liberadas minhas fantasias quando por lá apareciam com seus palhaços cheios de laços e balões, como dizia o grande Lamartine Babo: **“Me perdia em longos devaneios, num mundo de fantasias”**.

Os circos, quase sempre eram instalados no largo de São Benedito, em Pirangi, e era para lá que a meninada se dirigia com curiosidade.

Para anunciar o primeiro espetáculo, o palhaço saia pelas ruas da cidade, caminhando a pé, acompanhado por um grupo de crianças, anunciando a chegada do circo. Em cada esquina, o palhaço com seus trejeitos, parava e perguntava à molecada em voz alta, quase gritando: “E o palhaço o que é?” A molecada respondia: “E ladrão de mulher”. Novamente o palhaço dizia: “O raio de sol surpreende a Lua”. A meninada respondia: “Olha o

palhaço que está na rua”. E assim, num desfile de perguntas e respostas, a meninada tinha suas entradas garantidas para o espetáculo. Na minha alegria ingênua de criança, também acompanhava o palhaço, mas nem sempre era aquinhoado com uma entrada grátis, pois era sempre o menor da turma.

Um dos primeiros palhaços que conheci, foi o palhaço Piolin, talvez até hoje, o mais famoso da história do circo. Depois vieram outros, mas não tão famosos como ele. Que saudade do Piolin! Eu era tão criança e amava tanto o palhaço Piolin.

Na minha adolescência, já ia sozinho ao circo para ver as mocinhas andarem na bola, outras que trabalhavam no trapézio com suas saínhas bem curtas e rodadas. E eu enamorado por elas, me apaixonava rápido. Quando o circo partia com elas, partia meu coração de adolescente. Num vendaval de paixões e angústias, de novo ficava sozinho com a minha saudade.

Que saudade do Piolin, do circo Universal, do Circo ONI, Seyssel, Irmãos Queirolo, e tantos outros que passaram pela minha cidadezinha querida.

O tempo é como o vento não para, não ouve as nossas queixas carregadas de sonhos.

Nas minhas lembranças batidas pelo tempo, lembro-me da minha amiga Cordélia Canabrava, que nos arroubos de suas fantasias de criança, certa feita, escapuliu de sua casa para, só, acompanhar o circo que se despedia da cidade. Queria cantar. Era o seu sonho. Mostrar ao mundo o seu canto, um canto, talvez contido na garganta e escondido na sua alma de criança. O seu pai, o Dr. Canabrava Filho, saiu no seu encalço e a trouxe de volta.

Assim, eram as crianças de outrora. Sentiam, como as aves migratórias, a necessidade de voar, soltar-se em busca de outras plagas para mostrar ao mundo, no eco do seu canto, o enlevo, a ternura ingênua de sua alma. Eu, perdido na solidão dos meus sonhos de adolescente, sentia a inutilidade, o vazio dos amores impossíveis que se iam com os circos e não voltavam mais.

Os circos da vida continuavam chegando e partindo. Os anos, também, como os circos continuavam passando, carregando com ele, os nossos sonhos. E eu, tropeçando nas recordações, tropeçando nas realidades da vida, caminhava sozinho, pisando nos espinhos furtivos que ia encontrando. Mas a vida ainda assim, era bela, porque bela era a minha mocidade que já despontava diante de novos amores, agora sim, correspondidos, tendo de ir, porém, buscá-los sempre mais longe, como esta minha caminhada de agora.

**O último horizonte da razão
É a arte, não a lógica.**

Peter Sloterdijk - Filósofo alemão

O FACÍNORA

Nos idos de 1946, ainda solteiro, tentando vida nova naqueles confins, morando em uma casinha de madeira em Palmeira, onde instalei, no salão da frente, a minha farmácia, procurava deste modo, um motivo para escalar mais alto, mas não era nada fácil pela razão de ali não existirem sequer meios de locomoção. Tudo se resumia em encontros com amigos, à noite, em minha farmácia: Edílio Ridolfo, José Vicente e seu irmão Orlando, o Evaristo Preto, para batermos um papo. Evaristo Preto morava nas terras do Nenê Miranda, que vez ou outra, aparecia por ali para dar uma olhada em sua fazenda. Morava em Taquaritinga, cidade vizinha da minha, lá no Estado de São Paulo. Evaristo quase não parava lá, vivia bebendo suas cachaças. Era tido como homem valente e o tínhamos como bom amigo. Algum tempo depois mandou construir uma casinha de sapé na vila e quase não ia olhar as terras do Nenê Miranda, passava o tempo, bebericando sua pinguinha, na venda do João Siqueira.

Certa noite, conversávamos em casa, alguém bateu à porta. Lá dentro perguntei: “Quem é”? Do lado de fora uma voz respondeu: “É o Juca”. Eu não conhecia nenhuma pessoa com aquele nome. Perguntei-lhe se desejava alguma coisa e ele respondeu que sim, queria remédios. Corria boato de que um facínora, por nome Juca, havia sido escorraçado pela família Castilho, lá da vila de Estrela d’Oeste, e aportara ali pelas bandas do Córrego dos Coqueiros, numa gleba pertencente ao Dr. Euphly Jales. Meus amigos, estarecidos, em silêncio, pressentiram algo diferente. Abri a porta e com o clarão da lamparina pude notar que se tratava de um moço loiro e forte, com duas facas na cintura.

Sem pedir licença, dizendo ser um novo morador do Córrego dos Coqueiros, foi entrando. Encostou numa pequena grade de madeira que separava as armações de remédios da outra parte do pequeno salão onde eram atendidos os clientes. Foi pedindo uma escova de dentes, uma pasta dental, cinco nozes-moscadas e pacotinhos de erva doce. Eu estava embrulhando aquela mercadoria, quando ele me alertou que não iria pagar aqueles embrulhos. Olhando bem para ele, respondi: “Então não vai levar”.

Para espanto dos meus amigos, tudo levava a crer que se tratava com certeza, do famigerado bandido tão comentado na nossa pequenina vila, com apenas uma rua e duas casinhas, a minha de tábuas e a outra de sapé do João Siqueira. “Vou levar esses bagulhos e não vou pagar”, repetiu. “Sem pagar não”, retruquei. Meu coração batia forte. Tratava-se na verdade de um homem mau e perigoso, meus amigos, atônitos, nem se mexiam. Do lado de fora estava o seu cavalo branco, muito bonito, talvez roubado e nós, ali desarmados, à espera do pior. Imaginei não deixar tomar de assalto aquilo que era meu, e a minha dignidade? Em minha vida nunca havia passado por momento tão desagradável como aquele. Naquele ínterim, ele aguardava que eu entregasse o pacote dos produtos solicitados, só que não conseguiu. Eu segurava fortemente o embrulho, quando ele me disse: “Você é teimoso”. Eu revidei: “Você, um atrevido”. E naquele leva-não-leva, o Edílio levantou-se da cadeira e pediu-me para que entregasse o embrulho, que ele pagaria a compra. Aquele moço forte, corado como escandinavo, olhando fixo para mim, disse: “Eu vou voltar”! E lá se foi o temido bandido, intruso e mau caráter. Em toda minha vida, foi o homem mais perigoso que conheci.

O Edílio me repreendeu pela inconveniência da minha atitude. “Gesto inconveniente e com risco de vida por bagatelas e petulância de minha parte”.

Mas o caso não foi dado por encerrado, ele voltaria. Dias depois a boataria corria solta, o valente Juca marcara até o dia. Começaria pela fazenda do Joaquim Moreira, cunhado do Edílio, saquearia tudo que encontrasse pela frente e, se preciso fosse, mataria pessoas, faria uma limpeza geral nas fazendas e também na vila. Fomos avisados que ele chegaria à noite. No dia determinado por ele, foi um corre-corre dos diabos, apesar da diminuta população existente. José Vicente, armado até os dentes, levou para sua casa fora da vila o Evaristo, que também não estava disposto a enfrentar a “fera” sozinho. João Siqueira e os três filhos, todos armados de espingardas e um revólver, trancaram-se dentro de sua casa à espera do homem. Edílio foi para sua fazenda distante da vila 15 quilômetros e me aconselharam a ir para a fazenda do meu primo Ângelo Galleti, distante dali, 8 quilômetros, assim eu ficaria longe de qualquer surpresa. Optei por não ir, ficaria ali, dentro de minha casa, onde estava a minha farmácia para defender o que era meu.

Engraxei bem as minha garruchinha cabre com óleo Singer e fiquei aguardando. Abandonar minha casinha, isso nunca. Demoradamente analisei a atitude que iria tomar e as

consequências. A possibilidade dele me atacar seria pela porta da frente. Medi a grossura das tábuas da porta, as duas balas passariam facilmente por elas e atingiriam com toda certeza o famigerado facínora. Eu sempre, desde criança, fui muito tímido, até me faltava coragem nas horas difíceis. Mas agora, naquela aflição, naquele suplício, eu rezava. Recuar, isso não.

Anoiteceu, insulado ali naquela casinha de madeira, aguardava por aquele momento, que eu não desejava. Do lado de dentro, em frente à porta, eu esperava o valente Juca. Passei a noite esperando-o, e o forte moço loiro não apareceu.

Um belo dia ele ressurgiu acompanhado de uma bela mulher, jovem, loura e dizia querer morar na vila, mas sem ameaças. Vinha montado em pêlo no seu cavalo branco com aquela mulher na garupa. Armou às pressas um barraco lá na ponta da rua, arranchando-se por lá.

Ele não aparecia nunca para ninguém, e ninguém também o procurava. Dias depois passou a surrar a mulher constantemente. Não se demorou muito por ali. Certo dia na penumbra da noite, as pessoas viram aquele moço com a mulher na garupa, sumir lá na estrada a caminho do Porto Taboado, onde foi construída, posteriormente, uma maravilhosa ponte de aço, ligando o Estado de São Paulo ao Estado de Mato Grosso do Sul.

Diziam que o perigoso bandido havia atravessado para o outro lado do rio e que fôra morto por pistoleiros a mando de fazendeiros de Estrela d'Oeste. Havia uma outra versão de que ele teria sido morto pela sua própria mulher.

Terminava a história triste de um moço de olhos azuis, valente, temido, mas com certeza, um frustrado, talvez por nunca ter tido um carinho de mãe, abandonado, sem rumo, fruto de uma sociedade omissa, caduca, pretensiosa e decadente.

Dorado Monteiro afirmava que nos bancos dos réus deveria sentar-se a sociedade.

Cesare Lombroso (médico e criminalista italiano, nascido em Verona, em 1835), segundo as suas teorias, o criminoso é muito mais um doente de que um culpado.

CHATÔ, O REI DO BRASIL

Lendo sua biografia, minuciosamente traçada por Fernando Moraes, meus pensamentos se voltavam para aquelas quatro décadas que, no auge de sua atividade, causavam verdadeiros terremotos nos altos escalões da sociedade brasileira. Assis Chateaubriand era um verdadeiro malabarista na arte de lidar com as pessoas. Extremamente inteligente, exótico, excêntrico, extravagante. Meus conhecimentos sobre Chateaubriand batiam com as palavras descritas por Fernando Moraes no seu livro “Chatô, o Rei do Brasil”. Relembrei tudo do seu passado, obra, glória e crucificação. Ensinava aos seus discípulos, a divina sabedoria de como ser um príncipe no estilo crítico de Maquiavel, com uma mão entregava e com a outra, tirava. Na verdadeira acepção da palavra, ele não tirava, exigia e conseguia tudo que desejava. O MASP foi um exemplo. O terrívelíssimo, Chatô recorria aos amigos toda vez que necessitava de ajuda para suas campanhas. Mas, quem eram os amigos na época? Francisco Matarazzo (depois, seu inimigo), Baby Pignatari e tantos outros como Alberto Alves Filho, do Mappin e a oferta de um lote de Bailarinas, de Degas, arrematado por 55 mil dólares de uma casa de Londres, três anos depois, o mesmo sócio da casa oferecia pelo quadro 500.000 dólares.

Outros quadros famosíssimos como de Portinari e de outras celebridades, como Francisco Boticini que figurou como nº 8 na Exposição de Pinturas Itália Antiga e Renoir, Ticiano e Goya, foram adquiridos por Assis Chateaubriand, numa narração empolgante de Fernando Moraes.

Assis Chateaubriand era o diabo em forma de gente, mistura de Mefistófeles e Voltaire, figura amada e odiada, controvertida, cruel e temida.

Num trecho do seu livro Fernando Moraes cita nas páginas 609 e 610, uma passagem pitoresca do incrível Chatô:

“Quando não desconcertava os ingleses, Chateaubriand costumava deixar em maus lençóis os brasileiros que passavam por Londres. Juscelino registrou, em suas memórias, o relato de sua filha Márcia, do acontecido durante uma peça de teatro a que compareceu em Londres, acompanhada de sua mãe, “Dona Sarah”, da Duquesa de Kent e de Chateaubriand: “No teatro ele sentou-se entre a duquesa e mamãe e, quando o espetáculo ia pelo meio, começou a dormir. Não dormia simplesmente, mas ressonava alto, chamando a atenção de todos. Mamãe, preocupada, tentou acordá-lo, sacudindo-o pelo braço, sem que à

duquesa o percebesse. Chateaubriand roncou, então com mais força, o que provocou esta observação da duquesa. “Já estamos habituados com as excentricidades do embaixador. Ele é um homem encantador”.

Esses eram um dos inúmeros predicados do velho Chatô. Eu sempre o seguia de longe, admirando-o, procurando em seus lances de criatividade e sabedoria, algo que fosse proveitoso para mim. Aprendi com ele, que o Brasil deveria sair da monocultura e optar para à policultura. Café, dizia ele, é um produto de sobremesa, a carne e o trigo, sim, eram alimentos-base no mundo todo. Ele estava certo. Suas fazendas de café em Campinas e de algodão no vale São Francisco, eram fazendas modelo, das mais produtivas do país.

Dono de um império: quase cem jornais, revistas, estações de rádio e de televisão - os Diários Associados - e fundador do MASP e grande criador do gado Hereford.

No dia 4 de abril de 1968 morria o intrépido Assis Chateaubriand de colapso cardíaco.

Lá pelos idos de 1960, enveredei pelos caminhos da pecuária, lembrando-me das sábias palavras do velho comandante: **carne e trigo são os alimentos-base de que o mundo tanto necessita**. Investi com sucesso.

No objeto, em suma, amamos o que nele pomos de nós mesmos, o acordo, a harmonia que estabelecemos entre ele e nós, a alma que ele adquire somente para nós e que é constituída das nossas lembranças.

Pirandello, O Falecido Mattia Pascal

CARTA DE NATAL AO ANTONINHO

Ano de 1976. Dia de Natal.

Sempre me fascinou este dia, para mim muito feliz e de um certo modo, triste. Lembranças dos meus pais, dos meus irmãos, que não mais estão entre nós, com exceção da irmã Ermelinda.

Mas por onde andaré Papai Noel? Nem eu mesmo sei! Talvez com vergonha da postura do homem moderno que perdeu a noção da história, dos nossos mitos sagrados, perdeu a elegância do comportamento dos nossos ancestrais, que deixou escapar o amor de si próprio, enveredando pelo caminho cada vez maior da cobiça, da ganância e do poder. Papai Noel que amávamos em nossas fantasias de criança, nos nossos sonhos

das noites de Natal, que amávamos nas nossas figurinhas das balas de chupar, nos nossos sonhos, na nossa imaginação. Nas figurinhas que nós costumávamos trocar com as outras crianças, ele tinha sempre um olhar de santo. Papai Noel, talvez tenha fugido deste mundo moderno tão pecaminoso e tão desleal, com vergonha dos homens. Como eu o queria, eu tão puro e tão criança e ele tão velhinho e tão santo.

Hoje, dia de Natal, escrevi esta carta ao meu estimado cunhado Antoninho:

Rondonópolis, 25 de dezembro de 1976.

Meu querido cunhado Antoninho.

Hoje é Natal.

Dia do Senhor.

Vou tentar escrever uma carta.

Talvez uma mensagem de fim de ano.

Talvez uma manifestação de saudade.

Talvez a lembrança do tempo que aí vivi.

Talvez a saudade de que eu possa estar sentindo de vocês.

Divagando, lembrando... coisas que por aí deixei.

Esta carta é dirigida ao senhor.

Sim, esta é a minha mensagem de Natal enviada ao senhor e às minhas irmãs.

Que o ano que se aproxima seja para vocês bastante feliz.

Que o senhor continue rindo das coisas da vida, rindo das incertezas dos homens, rindo dos vendavais que, eventualmente, por nós passam, rindo da própria filosofia dos sábios, rindo dos que dizem que sabem, rindo para Deus. Rindo, rindo, feliz.

Os homens do futuro (futuro este ainda muito distante) serão iguais ao Sr. Antoninho Prado da Cunha. Porque só num tempo muito distante o homem viverá num mundo maravilhoso, como escreveu Aldous Huxley. Nós outros, estamos numa fase ainda muito primitiva, temos muito a realizar, muito a caminhar. Digo, o homem. Muito. Gerações e gerações se sucederão até chegar o advento do mundo maravilhoso. Ainda muito distante está, como lhe disse há pouco: O homem não melhorou. Só a tecnologia evoluiu. E, agora, meu querido cunhado? - como diria o poeta: E agora José? Antoninho, como é bom falar do senhor, falar com o senhor.

Antoninho, esta minha carta é uma singela mensagem ao homem que tudo fez pela minha família, que tudo fez por mim.

Muito obrigado, “Antoninho da Farmácia”, muito obrigado. Romantismo? não, não. Um pouquinho de reconhecimento, isto sim, tá?

Hoje é Natal.

Vou despedir-me, pois como dizia o velho Cornélio Pires: estou sentindo um nó nos gorgomilos, uma vontade danada de chorar.

Até breve.

Zé Roveri

Mensagem de Natal da rainha da Suécia: No mundo atualmente existem quatro bilhões de homens, todos egoístas. Referia-se ela a toda a população da terra.

Consultei os meus botões: menos um... porque não quero.

Um ano depois morria o grande mestre Antoninho, caráter inquebrantável, amigo dos pobres, que muito choraram a sua morte. Morria o “Antoninho da Farmácia”, o homem que sorria para a vida e nunca temeu a morte.

Seis meses antes da morte do Antoninho, havíamos perdido Elvira, a nossa irmã caçula.

Partiu tão cedo, numa manhã de sol de inverno, quando nem mesmo ela esperava partir. Partiu tão só como uma andorinha solitária. Amava a vida. E tinha sempre um sorriso nos lábios. E na alma, a beleza das flores.

Quando minha mãe adoeceu, ainda mocinha, Elvira foi morar com O Olívio, um dos mais velhos dos meus irmãos, em Pindorama. Tempos depois, passou a morar com a Ermelinda, em Pirangi. Casou-se alguns anos mais tarde com o Rodolfo Passalongo, um exemplo de marido. Desse matrimônio, nasceu o Rodolfinho, o único filho. Hoje, homem feito, engenheiro, casado com a meiga Mariza, pai de dois filhos, Andressa e Jairo.

Ela se foi. Tão distraída estava, e quase sem perceber, partia para o eterno mundo dos que nunca pecaram na terra.

O Rodolfo também não demorou muito entre nós. Certamente, sentindo a falta da companheira, não resistindo à solidão, partiu para junto daquela a quem muito amou na vida.

Mal clareou o dia desceu pela escada adormecida, atravessou a vaga luz irreal da sala, despertando, abriu a porta, recebeu o vento fresco da manhã.

Clarisse Lispector (O Lustre)

E a lua surgiu. E era estranho que ela, assim, tão pequena, tão triste, pudesse derramar sobre a Terra tanto de sua luz prateada.

Gorki, Pequenos Burgueses

CIRANDA LOUCA DO HOMEM À PROCURA DE IDENTIDADE

Às vezes ponho-me a perguntar. por que viemos ao mundo? Conforme os ensinamentos que recebemos, as respostas. Ao nascermos, ao nos inteirarmos de que somos gente, os nossos pais começam a nos ensinar, o que aprenderam desde a mais tenra idade. Lições de vida que os seus ancestrais ditaram, uma ciranda de indetermináveis ensinamentos calcados em teorias, conjunto fundamental da arte de amar, noções de vida, como amar nossos pais, amar a Deus, amar o próximo como a nós mesmos, ser bom amigo. Ir à escola para aprender as lições de conduta e que nem sempre se consegue. Na idade adulta, claudicando pela vida afora, na busca do reconforto, do amparo de Deus, botando a cabecinha em seus ombros, para então cobrar desse Deus, Todo Poderoso, “o reino do céu e da terra”. Os que sobem economicamente na vida, os que alcançam o tão almejado sucesso, quase sempre são pretensiosos e astutos, sempre descontentes por querer mais. Propõem receber suas benesses, mas não terão o reino do céu, porque usam de todos os meios para enriquecer. Abrigar-se-ão apenas no reino da vaidade e da hipocrisia, do orgulho e das simulações, dos aparatos ostensivos e enganosos, curtindo uma tristeza íntima e infinda, numa constante angústia, sabendo que aquela subida para o enriquecimento, na verdade, não é uma dádiva de Deus, porque, quando obtido, por meios espúrios, ele é fugidio como o tempo que lá longe ficou.

O homem está aqui dentro, nesta enorme esfera que é o mundo, à procura de algo. Poderia ser bem feliz se pautasse por uma conduta mais séria e menos egoísta. Enquanto isso não acontece, os homens, amparados uns nos outros, para caírem no mar nebuloso e sombrio das trevas psicológicas e mental, apelam para a prece. Assim aprenderam, assim vivem neste mundo de lágrimas conforme a doutrina do bem e do mal. Não estaria dentro de nós, na nossa mente, a nossa salvação? Com certeza, sim. O

homem não é um pecador, é um ser a ser definido. Definindo o homem, definir-se-á o mundo. Enquanto espera, o homem será sempre um insatisfeito, mesmo quando atinge o alvo das suas ambições. Devemos manter acesa a chama da esperança. Já é hora de começarmos a pesquisar os mistérios da nossa mente a fim de encontrarmos as maravilhas que ela possui. Ela nos revelará um mundo novo onde o homem encontrará o seu destino, a sua identidade, sem medos, sem fobias, sem doutrinas enganosas e preconceituosas, sem estresses, sem neuroses.

Dizia Spinoza: **Percebi que tudo aquilo que me provocava ansiedade ou medo não possuía em si mesmo, coisa alguma de bom ou ruim, exceto na medida em que a mente se deixava influenciar.**

Na página 36 “DA REPUBLICA”, Marco Túlio Cícero, o mais eloquente dos oradores romanos, adverte: **Quanto às ciências abstratas, se têm alguma utilidade, consiste esta em preparar a infância para discernir coisas mais importantes.**

Dentro desta ciranda louca, o homem nunca conquistará a si próprio sem a compreensão do poder da mente e de suas maravilhas.

Muito cedo apagamos a chama da nossa esperança e da nossa reverência. Mudemos de ídolos e reacendamos as velas!

Will Durant

Quando entrar no aposento pense nos meios de tornar a humanidade mais bela. Dizia um velho que reunia uma alta cultura e uma grande experiência de vida.

Emerson

VOLTA À PALMEIRA D'OESTE

Passados dois anos, voltamos a Palmeira d'Oeste para rever a família e visitar amigos. A cidade crescera, achei-a mais bonita. Cidade que eu vira nascer, ali dei os primeiros passos para o futuro, ali que me casei, minha mulher engravidou e gerou meu filho. Naquele tempo, Palmeira d'Oeste era uma vilazinha pequena com apenas duas ruas e cinco casas. Em São Paulo, segundo o Dr. Silas Matos, a Alaíde tinha uma retroversão uterina, motivo porque ela no quarto mês de gravidez, abortava. Não era doença, mas apenas uma posição viciosa do útero, muitas vezes causada por uma queda ainda na infância, provocando uma retroversão ou

genuflexão, posição viciosa, deslocando o útero para frente ou para trás. Contava-me, a Alaíde, quando criança, caíra da garupa de um cavalo montado por seu irmão Esmeraldo, um garoto apenas, e que talvez teria sido essa a causa de tudo. Em virtude da recomendação do médico, levei-a um mês antes do parto para a casa de minha irmã Ermelinda, em Pirangi, onde ficou sob cuidados do Dr. Canabrava, nosso médico de confiança. No dia 12 de março de 1952, nasceu o José Carlos, criança robusta, pesando 4 quilos.

Dois dias depois da nossa chegada a Palmeira d'Oeste, fui com meu sobrinho Juninho, visitar o querido amigo padre João, o João Missoni, culto e bondoso. Chegando ao sítio, onde morava, fomos recebidos pela Chafica, sua mulher. Mandou que nos sentássemos, foi chamá-lo, estava no quintal tratando de suas galinhas, consertando e limpando o galinheiro. Fui ao seu encontro, abracei-o fortemente. Conversamos longo tempo sobre nossas vidas em Palmeira. O padre João já estava com mais de 80 anos, conservava muita saúde. Ele fora, na Itália, amigo da atriz Sofia Loren e tinha um irmão padre, pessoa de inteira confiança de sua Santidade, o Papa, que autorizou, após muito custo, o seu casamento com Chafica.

Contou-me que dias depois da nossa mudança para Rondonópolis, passando com o seu carro em frente à casa onde eu morara, freou o veículo e, não suportando os soluços, chorou. Naquele momento senti que estava definitivamente concretizada nossa amizade, clara, definitiva. Amizade como essa, desse velho amigo, nos deixa raízes, nos consome de saudades e de tristezas.

Anos depois, soube de sua morte. Rezei. Sempre acreditei que a verdadeira obra de DEUS, consiste numa grande amizade, difícil de encontrar como diria outro inesquecível amigo, Dr. Roberto do Valle Rollemberg, falecido também no mês seguinte.

Somos formados e talhados pelo que amamos.

Johann/Von/Goethe

NINGUÉM PARA CHORAR POR “QUELÉ”

Vou contar uma história inédita sobre o desconhecido, “Quelé”. Lá pelos anos 70, já em Rondonópolis, minha fazenda ainda em fase de abertura, eu tinha duas frentes de trabalho, a fazenda e a farmácia. Certa feita, fui chamado às pressas para atender um desconhecido apelidado por “Quelé” e já por alguns

dias trabalhando com o Donato, na fazenda, na construção de cercas, currais e de casinhas para empregados. Chegando lá com a caminhoneta C10, constatei que o homem estava morrendo, teria de ser atendido imediatamente por um médico. Às pressas, fomos para Rondonópolis, levei-o à uma clínica médica ao lado da farmácia, mas já era tarde, o homem estava morto. Dr. Nilton constatou ali mesmo dentro da carroceria da caminhoneta que o “Quelé” havia morrido de colapso cardíaco.

Não poderia ser enterrado em Rondonópolis por não possuir nenhum documento que o identificasse. O recurso era levá-lo de volta e enterrá-lo num canto qualquer. Mas, antes, eu teria que ir até a farmácia atender alguns fregueses que estavam à minha espera. O defunto ficaria ali mesmo na carroceria da caminhoneta e eu voltaria já, já... Na farmácia, comecei a atender as pessoas que me aguardavam, outras mais iam chegando, o morto poderia esperar um pouquinho mais, não tinha pressa, eu sim, não tinha tempo a perder. O tempo foi passando e eu atendendo, assim acabei esquecendo o morto. Passaram-se horas e um empregadinho da farmácia entrou correndo e dizendo que, na carroceria da caminhoneta tinha um homem deitado de costas com os olhos abertos e o corpo estatelado, rodeado por uma multidão de curiosos. Só então notei que havia passado mais de duas horas. Saí às pressas, passei por aquele amontoado de gente em torno do defunto, tomei a direção da caminhoneta e sai desembestado rua afora, em direção à fazenda.

Chegando lá, num pequeno cercado, não muito distante da fazenda, enterramos o “Quelé”. Ninguém ali para chorar por ele. Apenas o velho Donato fez o sinal da cruz. Só isso. Terminava ali a saga triste do andante “Quelé”, vindo talvez de Minas Gerais ou quem sabe, da Bahia, possivelmente da bandas de Goiás.

O INFERNO SEDUTOR

Nos anos 60, durante todo o tempo em que dei assistência à fazenda, transitava quase que unicamente pelo chapadão.

Voltei a falar novamente sobre esse assunto, porque o chapadão sempre me empolgou. Era o caminho mais curto para chegar à fazenda. Ao contrário, eu teria que dar uma volta de mais de 100 quilômetros passando pelo “Trevão”, Itumbiara, Rio Verde de Goiás, Jataí e Mineiros. Pelo chapadão, eu entrava por Alto Araguaia e saía em Cassilândia, já bem mais perto do Estado de São Paulo. Mas, como nem tudo eram flores, na época das

chuvas o panorama mudava. Nos meses chuvosos era quase impossível transitar por lá. Por causa dos atoleiros e buracos enormes que se formavam pelas cargas pesadas dos caminhões com seus pneus gigantes, ocasionando seguidos encravadouros, era obrigado a mudar de rota, através das cidades mencionadas. Quase sempre arriscava passar por aquele deserto de lama e atoleiros, levado talvez pela ânsia da aventura, tentava e passava dormindo muitas vezes ao relento, mas valia a pena. Era o fantástico mundo dos meus sonhos aquelas planícies sem fim, tendo o horizonte bem lá no infinito como companheiro para enfeitar o mundo dos animais silvestres, das aves, da vegetação e das minhas fantasias.

Na ocasião das chuvas, quilômetros e quilômetros, o que a vista alcançasse, de buracos e de lamas, causavam pânico ao desconhecido que por lá passava. Nós, muitas vezes, ficávamos por ali perdidos, com o carro atolado, à espera de um outro veículo que passasse para nos dar ajuda. Os caminhoneiros na tentativa de encurtar 200 quilômetros de estrada, também ficavam atolados durante dias. Um desafio que fascinava. Recursos eram escassos, mesmo na Primavera. Quando saíamos dos atoleiros e encontrávamos um casebre de sapé, e que na maioria das vezes era um bolicho, (bolicho era o nome que os caboclos da região davam aos botecos, para vender cachaça, carne seca, arroz, feijão, botinas, açúcar, balinhas, doces, rapaduras, fumo de corda, às vezes cigarros e quinquilharias que os caminhoneiros traziam de São Paulo) e dava refeições, arroz, feijão, carne seca e ovos estrelados, tudo muito bem gostoso, feito na hora, não faltando nunca a carne de frango caipira que era pego na hora. Pança cheia, lá íamos nós, estrada afora em busca de novas aventuras e novos horizontes. Bandeirantes desconhecidos, anônimos, mas carregando no peito um sentimento pátrio, sentimento de gratidão a esse Brasil querido.

Com toda essa loucura dos meses chuvosos, O chapadão possuía atrativos e era também um convite ao desafio, desafio que levará os nossos filhos e netos ao novo mundo, das gerações futuras, à Amazônia. O Eldorado que o mundo sonha com ele e que será sempre nosso. É por aqui que passarão os futuros desbravadores em busca da outra grande parte do Brasil, na corrida louca pela nacional dignidade e por dias melhores. Trabalhos árduos que orgulharão as atuais gerações, que aí estão à espera da ordem de partir. Essas ordens terão de ser dadas por nós, os homens que amam o trabalho e, assim também, amam sua pátria. Aí deverão nascer outros descendentes.

Dentro em pouco, entregaremos o bastão a esses novos Ulisses, os quais saberão tirar da terra virgem o seu sustento diário e se tornarão prósperos como nós, nesse novo milênio que se aproxima, quando o homem saberá respeitar e amar a natureza, aprenderá a conhecer muito mais seu corpo, sua razão de viver, descobrirá um mundo melhor dentro de si mesmo, derrubará tabus, terá pensamentos de paz, saberá amar com fervor sua esposa e sua família, encontrando no recôndito de sua mente a imagem de Deus. Dizia Nietzsche que o mundo tem que ser encarado como espetáculo estético. Por que, então, não encará-lo?

Muitos homens devem a grandeza de sua vida aos obstáculos que tiveram de vencer.

Charles Heldon Spurgeon - escritor

LENÇOL VERDE DE SOLIDÃO

Nos meses de chuva, passávamos semanas sem ver o brilho do sol.

Não havia quem deixasse de sentir uma grande atração por aquela região: caminhoneiros, fazendeiros, mascates, forasteiros, que passavam por ali para atingir outras regiões mais distantes. Era o caminho mais curto para quem ia para Cuiabá, Rondônia, Acre e Amazonas ou Pará, era o “grande nortão” do estado de Mato Grosso.

Diziam, naquela época, que o cantor astro de renome internacional, o grande Frank Sinatra, de quem sou um fã, havia sobrevoado uma área de 50 mil alqueires de dois amigos residentes na cidade de São Paulo, onde possuíam algumas indústrias de produtos farmacêuticos. Contavam que o grande astro sobrevoara a região do Paraíso. Diziam também, que o fato teria acontecido numa das vezes em que Sinatra viera ao Brasil e que não se apresentara em lugar nenhum. Depois, não se falou mais no caso. A verdade, é que a área supostamente negociada por Frank Sinatra, não fora adquirida por ele, só que ficou conhecida como...

Certa ocasião, saí de Rondonópolis, com Alaíde, na Pick-up, com destino a Palmeira d’Oeste. O gerente de um banco de lá pediu carona. Queria ir a Jales visitar a família, o que fazia regularmente. Nem sequer lembro o seu nome, lembro apenas que era um bom sujeito, alegre e comunicativo, bom amigo,

sempre conversávamos sobre assuntos de negócios. Quando chegamos em Alto Araguaia já era noite fechada. Chovia muito. Disse-lhe que não podíamos seguir viagem por causa do mau tempo. Eu conhecia bem a região, por isso não me arriscaria. Ele insistiu, estava ansioso para ver a sua filhinha. Tentou convencer-me a atravessarmos os 300 quilômetros de pura escuridão, atoleiros e lamas. Era um inferno. Ele . tornou a insistir, guiaria a Pick-up Willis. “Ficaremos atolados nesse mundo sem fim”. “Eu guiando, chegaremos logo pela manhã em Jales”. Olhei para a Alaíde com um gesto, concordou. Coloquei-a sozinha no banco de trás. No banco da frente, com ele, partimos. Ele na direção, sumimos na escuridão daquela noite tempestuosa. A Pick-up Willis era adaptada para estradas ruins, mas sair aquela hora, naquela noite, seria loucura.

Tudo correu bem até a vila de Taquari, dali para frente a chuva aumentou torrencialmente, aumentaram os atoleiros. Meu amigo estava certo de que chegaríamos no dia seguinte, eu pensava diferente. Nos capítulos anteriores, eu falava de uma serra, ali por aquelas bandas denominada Serra dos Baús, aproximadamente 80 quilômetros distante de Taquari rumo a Cassilândia. Aquela serra era um divisor de águas, uma vertente, que descia lentamente para a Bacia do Prata, nascia ali o Rio Taquari. Do lado do Estado de Goiás, descia a outra vertente, descambando para a bacia amazônica, o Rio Araguaia. Atravessamos a serra, e retornamos ao chapadão. Relâmpagos e uma chuva incessante nos perseguiram. Não demorou muito o veículo caiu num buraco relativamente grande, encaixando a parte traseira no fundo do buraco, ficando a parte dianteira para cima, contando estrelas, que não existiam. E agora? Onde dormir? Cada um se arranjou como podia. A Alaíde estava bem acomodada, porque tinha o banco traseiro todo à disposição. Do meu lado, o carro desceu mais um pouco, melhorando para mim, e até pude cochilar um pouco, mas o meu amigo, quando amanheceu o dia, encontrei-o dependurado na direção do carro. Posição difícil para um gerente que queria ver sua filhinha, só que não foi possível. Disse-lhe depois que ficara a noite toda segurando a direção, para não cair.

Ao amanhecer, deparamos com três caminhões atolados, logo adiante. Atingimos a cidade de Santa Fé do Sul, dois dias depois. Ele prosseguiu viagem de trem e nós seguimos rumo a Palmeira d'Oeste.

Hoje, passados vinte e cinco anos, ponho-me a pensar, o que será dos nossos filhos, dos nossos netos, bisnetos, sem essa

beleza toda da natureza que Deus nos preparou com tanto carinho e harmonia? O encanto do chapadão acabou-se, a fauna e a flora, também, restando apenas do lado de Goiás o Parque das Emas, criado durante o Governo de João Goulart.

Iniciava-se, então, impiedosamente, a era da soja, tornando-se o chapadão um lençol verde de solidão.

Advertência do The Economist:

Platão costumava olhar para as colinas acima de Atenas e chorava as árvores perdidas. Cartago e Tróia foram desaparecidas pela desertificação, pelos cultivos inadequados daquelas áreas.

O professor Sacata adverte: O satélite japonês, num rastreamento sobre diversas partes da Terra, partindo de Roma sobre diversas regiões do planeta e de outros países da Europa e USA, numa rota ligando estes países até o Japão, na cidade de Nara, constatou áreas desérticas ocasionadas pelos cultivos seculares da terra, causando o desaparecimento de toda atividade humana em regiões aos poucos transformadas em deserto.

Quando alertamos ninguém se lembra. Quando erramos, ninguém se esquece.

Ditado irlandês.

O RIACHO

No fundo da fazenda, existe um riacho. O velho, Donato Bota, deu-lhe o nome de Lambari, quando desbravamos aquela parte da fazenda. Encontramos o pequeno córrego serpenteando entre as matas, tão solitário com suas águas cristalinas, refletindo ao sol a sua alma. Nascia, ali mesmo, no começo da grotta, enveredando logo adiante, pela fazenda Frivale, para sumir nas ribanceiras até alcançar o Rio Juriguinho, afluente do Rio Jurigue, que deságua no Rio Vermelho, onde vai se encontrar com o São Lourenço, desembocando afinal no Pantanal.

Nos dias quentes de verão, costumo passar por ali e me molhar em suas águas frescas, onde contemplo no meu rosto, o passar do tempo. Ele é tão sincero e tão puro que espelha em suas águas, a minha saga, a minha vida como ela é, com um começo e um fim. Assim, como o seu curso, onde nas cálidas

tardes de sol, as araras com suas cores azul-amarelo, em bando, vão se alimentar das polpas dos coquinhos dos bacurizais. E ali, que vou buscar alento, na mansidão de suas águas, na busca de dias melhores para minha família e muito particularmente para os meus netos, neste conturbado mundo de drogas e desonestidade, de ganância, de incertezas quanto aos dias vindouros, pelas incertezas das horas que nos cercam, pelas incertezas das que nada possuem, neste mundo louco, onde prevaricar é uma arte, a arte da destruição da humanidade.

Assim é o pequeno Lambari, assim sou eu. Ambos na busca da paz interior, que nos reconforta, procurando ambos, a independência íntima para enfrentarmos este mundo preconceituoso, enganoso e injusto. Assim é a vida, não me importa o tempo que passa lento, porque estou constantemente em contato com a natureza, em contato com minha fazenda, sempre bem cuidada, com a cooperação de meu filho e dos meus netos.

Erich Fromm, no seu livro, **Análise do Homem**, citando Aristóteles, diz que: **a maior e mais duradoura felicidade resulta da mais elevada atividade humana, que é similar à divina, qual seja a atividade da razão, e, visto como o homem tem em si um elemento divino, ele se empenhará nessa atividade.** Mais adiante, é ele mesmo que afirma: **O postulado de que é nosso caráter que dirige nossas decisões não é de maneira alguma fatalista. O homem, embora como toda as outras criaturas esteja sujeito a forças que o dirigem, é a única criatura dotada de razão, o único ser capaz de compreender as próprias forças a que está subordinado que, por meio dessa compreensão, pode tomar parte ativa no próprio destino e reforçar os elementos que anseiam pelo bem. O homem é a única criatura dotada de consciência. Sua consciência é a voz que o convoca de volta para si mesmo, permite-lhe saber o que deve fazer para se tornar ele mesmo e auxiliá-lo a permanecer a par das metas da sua vida e das normas necessárias à consecução dessas metas. Consequentemente, não somos vítimas indefesas das circunstâncias, somos capazes, de fato, de modificar e influenciar forças dentro e fora de nós mesmos e de controlar, pelo menos em certa medida, as condições que atuam sobre nós. Podemos fomentar e reforçar as condições que desenvolvem nosso anseio pelo bem e ocasionam sua realização.**

Na leitura final do seu livro, podemos observar que a felicidade é uma conquista ocasionada pela produtividade interior do homem e não uma dádiva dos deuses.

A decisão está nas mãos do homem. Está em sua capacidade para levar a sério a si mesmo, a sua vida e felicidade, em sua disposição de enfrentar o problema moral seu e de sua sociedade. Está em sua coragem para ser ele mesmo e por si mesmo.

Naturalmente, as pessoas que nada sabem da Natureza são neuróticas, pois não estão adaptadas à realidade.

CG Jung - Memórias, Sonhos, Reflexões

VIVALDI E AS NOVILHAS

Passo horas na fazenda observando no seu intrincado complexo, um mundo de curiosidades. Ponho-me a ouvir demoradamente o doce trilhar da patativa no galho de um arbusto balançando com o vento, num perfeito equilíbrio que só a natureza pode proporcionar. Fico ouvindo a sinfonia de sons que vem da floresta ainda inculta, gosto de andar pelas invernadas com a minha camioneta C-20 vistoriando o gado que pasta distraído. Em algumas invernadas (ao todo são trinta repartições, uma área de 2420 hectares), ao transitar com a camioneta, costumo estacionar o veículo, e passo a observar o gado (novilhas em alguns pastos) de longe, o movimento lento e descuidado daqueles animais tão dóceis. Ao perceberem o barulho da camioneta, de onde estão pastando, erguem as cabeças, olham para onde estou, e continuam a pastejar. Mas, se coloco uma fita cassete no toca-fitas e aumento o volume, de lá, elas, levantam novamente a cabeça como que a quererem ouvir algo. Lentamente, movimentam-se, para em seguida se dirigirem para mais perto de mim, deixando transparecer preferências pela música. Vão chegando em lotes para bem perto do veículo, silenciosas, formando um círculo ao redor da camioneta, muito atentas. Dentro da alguns instantes, são quase cem rezes curiosas, como que a se deliciarem com a música.

Como todo homem que observa, cheguei à conclusão, após alguns anos de experiências, que mudando os ritmos musicais, elas mostram suas preferências, em especial pela música clássica. E mais: Vivaldi, creiam, é o favorito. "Four Season

Spring”, deixa as vacas mais novas em êxtase. Quando me vou, elas, aos poucos também se vão, dispersando-se.

O verdadeiro teste moral da humanidade (o mais radical, num nível tão profundo que escapa ao nosso olhar) são as relações com aqueles que estão à nossa mercê: os animais.

Milan Kundera - A Insustentável Leveza do Ser

VIAGENS

Em setembro de 1979, fiz minha primeira viagem à Europa. Levava comigo um mundo de curiosidades acumuladas durante uma vida de esperanças na ânsia de conhecer o mundo.

Naquele mês, começava a minha vida de andante pelo planeta, sonho de menino pobre, que só se concretizou aos 62 anos de idade. Percorri, com a Alaíde e amigos, oito países europeus, entre eles: Espanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra, Suíça e Áustria.

Começamos pela Espanha, demos um pulo até Portugal, retornamos à Espanha, onde visitamos belíssimas catedrais e as obras de seus insígnis pintores, como do surrealista Salvador Dali, Velásquez, El Greco, de origem grega, discípulo de Ticiano e de outras celebridades espanholas como Pablo Picasso. Depois, a França, pátria do célebre químico Louis Pasteur, de Voltaire, Rousseau, Diderot, Flaubert, Marcel Proust e de outros nomes famosos da cultura universal.

Se a Itália é o berço da arte, a França é o berço da cultura.

Da França, fomos à Inglaterra. Os ingleses é, antes de tudo, um “gentleman”. Londres é sempre um convite ao passado pelas suas obras de arte, suas catedrais góticas, o esmero na manutenção de seus prados, cheios de encantos. O Parlamento, suas cidades tradicionais. De Londres a Oxford está a força que move o mundo. Stratford, terra natal de William Shakespeare, o maior poeta dramático inglês. Suas tragédias são consideradas quase todas obras primas.

De Oxford, com sua Universidade célebre, surgiram Disraeli, Winston | Churchill, a “Dama de Ferro”, Margaret Thatcher e muitas outras celebridades da cultura inglesa. Na Suíça, tudo é belo. Eternas montanhas cobertas de neve, chalés tipo bibelô, ricas pastagens. A Suíça é banhada pelo Rhodano, Reno e outros rios que a embelezam e que a colocam como um dos belos países do planeta. Entre rios e montanhas, encontramos o maravilhoso

Tirol com sua linda capital Innsbruck, conhecida pelas suas montanhas, onde se praticam os esportes de inverno, refúgio aristocrático dos Orleans de Bragança, nobres que ainda restam na França.

Quem viajar pela Europa entre o Tirol e a Suíça, passará com certeza por um principado denominado Liechtenstein, pequeno país autônomo governado por um príncipe. É uma atração das mais belas e originais. Todas suas casas são rigorosamente conservadas. O palácio do príncipe governante é uma graça para os olhos do turista que passa por lá, encantando com sua originalidade. Para se viver lá, dizem, é preciso ter muitos dólares nos bancos. Três milhões, pelo menos. Sua capital, é Vaduz, uma jóia incrustada nos Alpes. O país é grande produtor de uvas e vive da agricultura.

Do nosso retorno à França, despedimo-nos de Paris rumo à Itália onde a encontramos com suas catedrais espetando agulhas no infinito, como diria Proust, num aspecto morno de verão com suas belezas que rompem séculos, nos encantando sempre com o eterno resplendor da eterna Roma. A Itália é para recordar. Veneza, nos seduz com suas gôndolas construídas sobre as lagunas do Adriático. A Praça de São Marcos, a Catedral, os seus moradores muito cordiais e comunicativos nos recebiam em suas casas para um bate-papo sobre Sócrates e Pelé. O futebol, principalmente, é o assunto predileto dos venezianos. Conversar com aquela gente era uma festa.

Veneza, cidade de Marco Pólo, o jovem itinerante, de nobre família, que em 1271, acompanhado por seu pai e um tio, viajou para a China, atravessando a Pérsia, Ásia Ocidental, a Tartária e o deserto de Gobi, chegando à cidade de Hangzhou (cidade visitada por mim e Alaíde em setembro de 1985). Ao deparar com toda aquela beleza, dos seus “Jardins Encantados”, de uma natureza tão pródiga, quiosques coloridos e enormes lagos, exóticas plantas aquáticas, assemelhando à nossa vitória régia, O herói viajante exclamou: **Eis o céu transportado para a terra.**

De volta a Veneza, depois de uma longa ausência de 5 anos, Marco Pólo e o pai não sabiam mais falar seu próprio idioma e não foram reconhecidos pelos seus concidadãos.

Conhecer a Itália é conhecer a História da Renascença, é conhecer Leonardo Da Vinci, Maquiavel, Gioto, Rafael, Michelangelo e uma infinidade de outros gênios da pintura, escultura, das letras e das ciências.

Florença, Pisa, de Galileu, Nápoles, Milão, cidades medievais, como tantas outras que não cabe a mim enumerá-las.

Conhecer a Itália é conhecer muito da história da humanidade. Florença é cognominada Atenas da Itália com suas obras de arte. Em frente ao Palácio de La Senoria, construído em estilo gótico florentino, estão reunidas numerosas esculturas, entre elas algumas célebres onde se vê o Rapto de Polixena, uma entre as mais famosas, obra de Pio Fedi, ao centro, Menelau sustentando o corpo de Patroclo, Davi, a famosa escultura de Michelangelo, de Bandinelli, a estátua de Hércules.

De Florença, partimos para Pisa, com sua célebre torre inclinada do século XII. Depois, Gênova, principado de Mônaco e Nice, na França. Partimos no dia seguinte para a Espanha, num retorno que fecharia nossa viagem.

Outros mundos existem, mas é neste que a gente está.

Paul Eduard - poeta francês

A VOLTA E A EPOPÉIA DO NEGRO NO BRASIL

Viajamos naquela manhã de Nice a Madrid, em companhia de um intelectual espanhol. Falamos de literatura, política e arte. Como não podia deixar de acontecer, veio à baila a evidência do Brasil no mundo contemporâneo. Falamos de sua história, de sua gente, dos valores e do negro na formação da família brasileira. Falamos também da cultura espanhola, de Picasso, Cervantes (Miguel), o mais célebre dos escritores espanhóis, autor do imortal D. Quixote de La Mancha. Dizia da primazia dos brasileiros, ao levarem para o palco a obra daquele escritor, figurando como Sancho Pança, um negro a quem chamamos de Grande Otelo. “Um negro”? (exclamou admirado). “Sim”, retruquei, “um gênio na arte de representar, que certa feita foi carregado nos braços por outro gênio da cinematografia norte-americana, chamado Orson Welles, quando em visita ao nosso país”. Calado, fitou-me por alguns instantes, filosofava. Notei um brilho de admiração em seu olhar. “Estou deslumbrado com o que acabei de ouvir, o vosso Grande Otelo será, doravante, também muito nosso”. E acrescentou: “O Brasil será ainda o berço de uma nova geração, o coração do mundo”.

Recordava-me de trechos da grande obra do sociólogo brasileiro, Gilberto Freire, Casa Grande e Senzala: **“Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma e no corpo a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. Do**

litoral do Maranhão ao Rio Grande do Sul, em Minas Gerais principalmente, do negro. A influência direta ou vaga e remota do africano. Na ternura da mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera da vida, trazemos quase todos, a marca da influência negra. Da escrava que nos deu de mamar. Que nos embalou. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na boca o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e mal assombrados”.

Desde a época colonial, foram as negras, as melhores doceiras, as melhores quituteiras. O homem negro que quase tudo resolvia nas lidas do campo e do engenho, plantava e colhia a cana, fabricava o melaço, a rapadura, o açúcar; nunca, o ameríndio, o indígena, este sempre arredio ao mando do branco, pois nascera na liberdade da selva, era avesso à obediência. Do negro no Brasil, nas suas relações com a cultura e com o tipo de sociedade que aqui se vem desenvolvendo, deve ser considerado principalmente o critério de história social e econômica.

Grandes vultos como José do Patrocínio, jornalista, orador e romancista, membro da Academia Brasileira de Letras, foi chefe eloquente e fervoroso do movimento abolicionista. Marcílio Dias, herói da armada brasileira. De hoje, João do Pulo e Pelé (o imortal), as mulatas do Sargenteli que vi numa das noites paulistanas, em uma das suas representações, dialogando com um Ministro de Israel, em francês, quando este a elas se dirigia para cumprimentá-las. Belas, dengosas e políglotas. Do cantor Edson Lopes, negro, brasileiro, umas das mais belas vozes do mundo, mas pouco conhecido entre nós. No Moulin Rouge de Paris, o maior espetáculo da terra, quem comanda o show é a brasileira Watuza, mulata grau 10. Foi chamada pelos críticos franceses de “o mais jovem talento negro feminino surgido em solo francês, desde Josephine Baker”.

Ao longo daquela viagem, sentia dentro de mim, a grandeza do Brasil, considerando que as conquistas do negro na formação da família brasileira foi uma verdadeira epopéia.

Observação: Esta parte da minha viagem, que se relaciona com a Volta e a Epopéia do Negro no Brasil, foi escrita por mim, na Folha de Rondonópolis, no dia 30 de setembro de 1981.

MEU NETO, MINHAS FLORES

São 8 horas da manhã do dia 1º de abril de 1995, aniversário do meu neto Fernando.

Sentado na varanda, vejo flores plantadas pela Alaíde, em caixas de madeira e em canteiros. São flores vermelhas, azuis, brancas e róseas. Estou há mais de meia hora, olhando a beleza de suas cores e me encanto com a natureza de cada uma.

Em devaneios, perco-me num turbilhão de fantasias. Elas, que nos recebem ao nascer e estão sempre presentes, do nosso nascimento à morte, e que enfeitam a nossa longa caminhada, elas que dão encanto às nossas roupinhas de criança, nosso primeiro presente, à menina moça, nossa primeira namorada, a flor que entregamos à nossa mãe, à nossa esposa, E flores que nos acompanham até a quietude da campa fria, onde descansaremos da luta árdua da vida, são elas, que ainda continuam ao redor da nossa campa, ao guardar o nosso silêncio. As flores são as quimeras do amor ardente da nossa mocidade, das nossas vidas. São elas que tornam as coisas duradouras como o amor, do amor que não morre, no tempo que se foi.

A flor de Champaca.

Suponhamos que eu me transformasse numa flor de champaca, e crescesse num ramo lá em cima daquela árvore, e balançasse ao vento, a rir, e dançasse nas folhazinhas tenras. Tu me reconhecerias, Mamãe?

De Rabindrath Tagore

N.A. - Champaca, árvore sagrada e ornamental da Índia.

DEUS

Ao meu neto Fernando

Deus na sua essência,
Criou a excelência da raça humana,
Criou Chaplin, Pasteur e Michelangelo.
Criou a beleza do céu, criou a mulher.
Criou os cânticos e os lamentos dos negros.
Criou o sorriso das crianças, o murmúrio das águas,
o silêncio dos mortos, o aroma da flor.
Criou a alma dos puros, criou a música que embala o amor.

Criou a doçura que se foi, de minha mãe querida,
da alegria dos meus netos que chegaram.
Criou o canto dorido de minh'alma,
pranto que acalenta minha vida
com a ardente dor por um ser que perdi,
e que não morreu em mim.
Criou o canto triste da cotovia
dos tristes dias de minha vida.

Rondonópolis, 12/10/1996

VOLTA AO PASSADO

Num passado distante, na meninice de Pirangi, lembro-me bem das minhas alegrias de criança nas festas de Santo Antônio, padroeiro da cidade, nas alegres madrugadas quando era acordado por minha mãe e pelos estampidos da bateria de vinte e um tiros, anunciando o início das festividades em louvor do Santo Casamenteiro.

Manhã ainda, muito escura, com a permissão de minha mãe, eu me levantava com o estrondar das bombas, em companhia de meu irmão Mário, saíamos correndo rua afora para acompanhar a banda de música em passeata, marchando pelas ruas da cidade, num convite à população para participar dos festejos do padroeiro. Depois de ter percorrido as principais ruas, a banda retornava, agora com um número maior de crianças e muitos adultos, para o seu ponto de partida em frente à casa do leiloeiro, Aníbal Rosa. Ali, num amplo salão eram servidos em pratinhos, doces de leite, cidra e laranja, que tanto deliciavam o paladar da criançada.

Eram dias de festa que antecediam a gloriosa data, 13 de junho. A cidade em festa, engalanava-se toda. As bandeirinhas multicoloridas feitas de papel de seda, enfeitavam o coreto, o palanque do leiloeiro, estendendo-se assim, a toda área da praça, provocando um barulho muito original quando batidas pelo vento, um deslumbramento para os olhos da garotada. Assim iniciava-se a tão aguardada quermesse em louvor a Santo Antônio.

Todas as noites, havia leilões com banda de música que se prolongava-se até o dia 13, data do encerramento das festividades. Mesinhas, por toda parte, com quentão e gengibre, pão doce, cocadas e uma infinidade de guloseimas. As barraquinhas da sorte me fascinavam com suas atrações. Prateleiras apinhadas de bugangas, brinquedos, vasos de louça

e porcelana, gatinhos, cachorrinhos de argila, um mundo de fantasias para a meninada e para a curiosidade das mulheres.

Naquelas ocasiões, minha mãe me dava alguns níqueis para que eu comprasse o que quisesse durante a festa. Para lá saía correndo à procura da minha barraquinha preferida da sorte. Dentro de caixões com areia, eram fincados peixinhos de lata, onde, com uma varinha amarrada na ponta por um barbante com anzol de arame, do lado de fora da barraca, debruçadas no balcão, as pessoas tentavam fisgar os peixinhos numerados que davam direito a prêmios expostos nas prateleiras. Mas o meu brinquedo preferido, era um revólver de madeira, bem envernizado, que eu adorava.

Depois de gastar todo o meu dinheirinho e sem conseguir o sonhado revólver, o dono da barraca, percebendo o meu desapontamento, propôs-me trocar outro prêmio que eu havia ganho, pelo revólver. Em louca disparada, saí correndo com o revólver na mão pela praça afora, enquanto continuava ouvindo de longe o dono da barraca e exclamar para as pessoas que tentavam a sorte, discou, piscou, uma linda barra de sabonete. Mas para mim e meus dois irmãos mais novos, essa alegria não ficava só nos nossos divertimentos, minha mãe nos impunha outros compromissos. A mim, com sete anos de idade, ao Mário com nove e ao Zico com onze anos, tínhamos que ir todas as noites à reza, acompanhar a Via Sacra durante a Semana Santa, confessar e comungar regularmente e assistir a Santa Missa aos domingos.

As lembranças daquelas festas perduram em mim com saudade nos meus sonhos de criança, os sonhos de minha vida.

Saudade é um afeto, excelso amor, o melhor e o mais incorruptível que o passado nos herdou.

Camilo Castelo Branco - escritor

O ÍNDIO

Há alguns quilômetros, distante da cidade de Rondonópolis, está a reserva indígena, nas margens do Rio Vermelho, onde habitam os índios Boróros ou Borós. Vivem da pesca e da caça e na venda de quinquilharias como arcos, flechas, cocares enfeitados com penas de aves silvestres.

Quase nada fazem. Eles, como todo índio, ainda não têm mantida a sua tutela, pelas nossas autoridades. O Estatuto do Índio deverá garantir a sua proteção e regulamentar a sua emancipação.

Para que o nosso indígena se integre à coletividade nacional, repito, não é só emancipá-lo, é preciso ser protegido na sua integridade. A demarcação das suas terra é o ponto alto do problema. É preciso dar a eles condições de vida digna de sobrevivência para que sua integração seja feita. Isto não é nada fácil, mas, é possível. Diz o nosso Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva, num trecho de “Apontamentos”, que enviou à Assembléia Constituinte de 1823: **Se quisermos vencer todas as dificuldades em compreendê-los, temos que mudar o nosso comportamento, estudando-os, transmitindo a eles a nossa compreensão, virtudes, talentos e não moléstias e vícios. Se o achamos preguiçoso, é porque tem pouca ou nenhuma necessidade. Valendo-se da caça e pesca e frutos silvestres, porque vivendo o dia todo exposto ao tempo, não precisa de vestimentas e casa de luxo. Ele não tem idéia de propriedade, vaidades sociais, o que põe o homem civilizado em atividade.**

Estes últimos apontamentos são baseados na leitura de Orlando Villas Boas e Darci Ribeiro.

MINHA TERRA, MINHA GENTE

No dia 1º de maio de 1980, o jornal A Folha d’Oeste da cidade de Jales, homenageava a cidade de Palmeira d’Oeste, no 36º aniversário de fundação com uma ampla reportagem, onde ressaltava o trabalho de sua gente, reafirmando sua solidariedade ao povo daquela comunidade.

De Rondonópolis enviei mensagem, congratulando-me pelo evento, num destaque de página inteira onde eu recompunha sua obra e sua história, cidade onde vivi durante 27 anos, município próspero, um dos mais destacados do extremo oeste paulista, e de maior poderio sócio-econômico da região, do qual fiz parte como um de seus incansáveis desbravadores.

Na íntegra a mensagem dizia:

- De Rondonópolis, neste 36º aniversário da sempre lembrada Palmeira d’Oeste, José Roveri, a quem lhe foi dada a ventura de

vê-la nascer, escrínio onde guarda nostálgicas lembranças, envia às autoridades e ao seu povo, o mais caloroso abraço, formulando votos do mais auspicioso porvir.

Felicidade, Palmeira d'Oeste.

José Roveri e família.

No mesmo jornal, em outro caderno, era ressaltado o meu trabalho e a minha contribuição na formação daquela cidade que tanto amo, pelo jornalista Edílio Ridolfo.

No contexto, o jornal dizia:

No caminhão em que veio “Chico Bizéli”, veio também a “traia” de José Roveri, que se constituía em alguns caixões, onde foi o primeiro a instalar uma farmácia em Palmeira d'Oeste, portava todo o seu capital, amostras de medicamentos, que havia trazido de Pirangi.

José Roveri instalou sua farmácia Santa Adelaide, em modesta casa de tábuas, na Avenida Gal. Cândido Rondon (atual Avenida Antônio Fernandes Garcia), quase na esquina da Rua Brasil.

Era o farmacêutico e também era o médico. Atendia a todos com carinho e solicitude. Auscultava corações e media pressões. Os sertanejos encontravam no farmacêutico solícito, o refrigerio para os seus males corporais.

José Roveri lutou com perseverança e desesperada obstinação, em busca dos alicerces em que haveria de construir seu futuro. Encontrou-os, não por acaso, mas porque soube lutar, porque foi perseverante.

O sertão age em quem o desvirgina, principalmente naqueles tempos, como “lixa grossa”, raspando suas economias, o que levou-me a grudar novamente no boticão, instalando meu gabinete dentário na casa do José Roveri. Dele tornei-me amigo sincero, e quantas vezes, juntos, à luz de um lampião, confidenciamos nossas venturas e... desventuras. Eram momentos em que encontrávamos lenitivos aos nossos espíritos.

Mas, José Roveri vai lutando obstinadamente, vai saltando sobre os “mata burros” que se lhe antepunham, e transfere a sua farmácia, agora sim, podia chamar-se farmácia, para a Rua Brasil.

Já havia adquirido em Rondonópolis, mil alqueires de terras, por oito mil cruzeiros, pagos a prestações. Com a mesma

obstinação e perseverança, consegue transformar a gleba inculca em modelar fazenda.

A mesma persistência com que este cidadão empenhou-se na luta pela criação do distrito e município de Palmeira d'Oeste.

Tente ser uma pessoa de valor, não de sucesso.

Albert Einstein - cientista alemão

O ÍNDIO E SUA CULTURA

A índia, quando ainda em seu habitat, em seu estado primitivo, diz o estudioso antropólogo brasileiro, Darci Ribeiro, banha-se de quatro a cinco vezes por dia no riacho mais próximo da sua morada. Faz o seu parto conduzido por ela própria, sozinha, sempre à beira do igarapé pouco distante de sua choça, voltando logo após ao completo trabalho do parto. No entretanto, ao contato com os brancos civilizados, quase sempre se prostitui, os quais por interesse, dão à toda tribo, aguardente. Dai por diante, o indígena se perde. Torna-se um paria, sujo, abandonado, um molambo de gente, como diria Darci Ribeiro. Aí então começa o que chamamos de “civilização”. Mas, nem tudo está perdido, os homens da Funai estão atentos, com a cooperação de etnólogos, sociólogos, clero e de outras entidades sociais.

Vejamos o que diz o sociólogo, Gilberto Freire, num trecho do seu livro, *Casa Grande & Senzala: a mulher gentia*, temos que **considerá-la não só a base física da família brasileira, aquela em que se apoiou, rebustecendo-se e multiplicando-se a energia de reduzido número de povoadores europeus, mas valioso elemento de cultura brasileira, pelo menos material.**

Mas na obra de devastamento e de conquista dos sertões, de que foi ele o guia, o canoeiro, o guerreiro, o caçador, o pescador, muito auxiliou o índio ao mameluco, os dois excedendo ao português em mobilidade, atrevimento e ardor guerreiro, a sua capacidade de ação e de trabalho falhou, porém, no rame-a-rame tristonho da lavoura de cana, que só as reservas extraordinárias de alegrias e robustez do africano toleraria tão bem, conclui o autor.

Cláudio Villas Boas, em um dos seus trabalhos, diz: o índio não danifica o meio ambiente, pois o meio ambiente é sobretudo o seu meio de vida. Se dependesse apenas da atividade indígena, nosso planeta seria paraíso perdido ainda por muitos milhões de anos.

Quando o músico Egberto Gismonti e seu grupo, **Academias de Danças**, fizeram uma representação para os índios do Xingu, ocorreu a seguinte cena: encenada a apresentação, o músico notou que permanecia o mais completo silêncio na platéia. Aquilo foi criando um mal-estar entre os músicos, se entreolhando, sem saber como reagir no silêncio total e imóvel do público. Só sossegaram quando perceberam que aquela atitude significava o mais absoluto respeito pela arte ali representada.

O mais curioso, porém, ainda estava para acontecer. Um dos índios da tribo se aproximou, pôs as mãos no ombro de Gismonti e comentou: “Caraíba muito bom, Caraíba ainda vai amadurecer mais.”

Aí está um pouco do que é o nosso índio: inteligente, intuitivo, possui cultura própria e até já presenciara os não identificados discos voadores, circulando sobre as matas do Xingu, fato que não escapou também das investigações do grande sertanista.

Só por isso, ele escreveu um artigo para a revista Atualidade Indígena. Ajudemos, pois, o governo, nessa árdua tarefa da integração e de proteção ao nosso indígena. É tarefa também nossa.

O índio da Amazônia (...) vive em contato direto com a natureza, e isso o torna um dos homens mais primitivos que existem.

Emil Schulthess - The Amazon

APOCALIPSE

No dia 6 de agosto de 1945 o **Enola Gay**, um bombardeiro especial, assim batizado em homenagem à mãe de seu comandante, coronel Tibbets, deixou a base da ilha de Tinian, no arquipélago das Marianas, carregando uma bomba de novo tipo. O engenho media 3,28 metros de comprimento, oitenta centímetros de diâmetro e pesava aproximadamente 4.400 quilos.

Em seu interior dormiam 62,3 quilos de urânio 235.

Enquanto o avião voava sobre o Pacífico, a cidade de Hiroshima, no Japão, despertava para enfrentar mais um dia de trabalho. Um dia como os outros.

O tempo estava bom e o sol, já quente, prometia um tórrido dia de verão.

Às 8h11, o **Enola Gay**, já estava sobre a região, a uma altura de 9.632 metros. O apontador, major Thomas Ferebee, curvou-se

então sobre o mecanismo de tiro, preparava-se para o lançamento. Às 8h14 viu uma cidade branca iluminada pelo sol. Apertou o botão de lançamento. O Little Boy, como tinha sido batizada a bomba, precipitou do céu em direção à cidade. As 8h15 deu-se um relâmpago sem nome. E uma chama de 900 mil graus centígrados, juntamente com uma onda de choque com a potência de 7 mil toneladas por centímetro quadrado, atingiu a cidade lá embaixo. Aquela pequena equação, $E=m.c^2$, publicada em 1905 por um pacífico funcionário do Registro de Patente de Berna, tinha sido transformada pelos homens na maior arma de todos os tempos.

Não me parece haver qualquer incompatibilidade entre a aceitação da teoria evolucionista e a crença em Deus.

Charles Darwin, naturalista britânico

RELEMBRANDO

Em sua edição do dia 18 de fevereiro de 1980, a revista “Visão” publicava uma notícia em que eu contestava as idéias de Carl Gustav Jung, o mais destacado discípulo de Freud, de que os tão discutidos discos voadores, eram meras projeções da imaginação das quais os homens se socorrem em épocas de crises.

Num destaque de meia página, a referida revista publicava o teor de minha carta, a qual transcrevo na íntegra:

Discos Voadores

Carl Gustav Jung é considerado um dos mais respeitados discípulos de Freud. Mas na matéria de VISÃO de 02/01/1980, sobre “Discos Voadores”, ele só falou asneiras. Disse que os discos voadores são uma versão contemporânea “dos signos celestes dos antigos”, meras projeções da imaginação das quais os homens se socorrem em épocas de crises. No mesmo artigo foi citado Michael Thorton. Também só disse tolices. Para ele, a maioria das pessoas que asseguram ter visto discos voadores estaria desiludida dos ensinamentos das religiões tradicionais, etc.. Discordo. Não sou neurótico, não sou inclinado à solidão, minha infância não foi tumultuada, leio Erich Fromm, Maquiavel, Spinoza, Kant e gosto das mulatas do Sargentelli. Mas, por incrível que pareça, creiam-me, vi os tais discos voadores. No dia 21 de outubro de 1977, a noitinha, voltava de minha fazenda, distante 67

quilômetros de Rondonópolis, deparei com os tão comentados discos voadores. Quatro grandes objetos de forma redonda, cor vermelha, com ruídos fortíssimos, semelhantes aos aviões a jato. Parei espantado e senti medo. Instantes depois, surgiu outro objeto do mesmo tamanho e cor. Um espetáculo maravilhoso, mas que me infundiu medo. Aos poucos, foram desaparecendo aqueles objetos que pareciam enormes sóis. Chegando em casa, meu filho de 27 anos contou-me que na fazenda Velha, próximo daqui, ocupantes de quatro caminhões de transporte de gado haviam, em disparada, abandonado os seus veículos, ao se defrontarem com aqueles aparelhos. Depois, soube que famílias residentes em sítios e fazenda vizinhas se trancaram em suas casas, aos gritos.

Assim, de nada adianta os Jungs, Thortans, Muschketovs, Deoulins e outros “bichos” se julgarem os donos da verdade, achando que todo mundo é neurótico e mentecapto.

José Roveri
Rondonópolis, MT.

Em razão, daquela reportagem, recebi vários telefonemas de amigos, congratulando-se comigo pela coragem e destemor com que contestei opiniões de alguns psicólogos, conforme carta enviada e publicada por um leitor da cidade de Belo Horizonte do dia 7 de abril de 1980, na mesma revista, na qual ele concluía que os referidos senhores citados, se consideravam donos e senhores de todas as galáxias. Embora o talento humano tenha alcançado um expressivo progresso científico e tecnológico, está longe de provar a não existência dos ÓVNIS.

NASCE UMA ESTRELA

Quase todas as manhãs do centro-oeste brasileiro são de sol. Numa dessas manhãs ensolaradas, nascia uma grande estrela, uma estrela que determinaria ao homem rumos a seguir: o “Eldorado Brasileiro”, pródigo em riquezas, na região amazônica. Nascia cintilante como uma estrela a brilhar no firmamento. Iria acolher os futuros desbravadores que ocupariam aquela grande faixa do outro lado do Brasil. Passariam por ali muitos jovens itinerantes que se embrenhariam pela região adentro na busca de novas aventuras, prosperariam e se casariam, teriam filhos e seriam felizes.

Ela que já se considerava uma amazona, nasceu tão bela como nos contos heróicos de Homero, com o destino traçado pelas deusas das verdes campinas, que costumam cantar à tardinha nas selvas bravias, junto aos rios e cachoeiras do nosso rincão, onde nascem as flores, as mais belas. Na imensidão deste céu azul, nasceu, cresceu, tomou forma de cidade e passou a se chamar Rondonópolis, em homenagem ao engenheiro militar, Cândido Mariano da Silva Rondon, um dos maiores vultos da História do Brasil, nascido neste Estado de Mato Grosso, ali no Mimoso. Sua vida é a mais bela, entre todos os mais notáveis brasileiros, pelas suas lutas em prol do Brasil. Talvez por isso, Rondonópolis deve ter o mesmo brilho do imortal sertanista.

Nos idos da década de 60, pisando sua terra quente, um forasteiro, vindo de outras plagas, aportava em terras de Rondon, onde o solo era fértil e as chuvas eram dádivas de Deus. Chegou, asteou sua bandeira, a bandeira da esperança, e assim o forasteiro se tomou seu filho e, posteriormente, nasceram seus netos.

Seus ancestrais, filhos de imigrantes, vindos das terras do Lácio, no começo do século, na ânsia de realizar seus sonhos no labor da “terra nova”, beijaram todos a mesma bandeira e tornaram-se brasileiros, também. O forasteiro José Roveri, integrado à terra como filho daqueles imigrantes, procurou honrar com trabalho e obstinação este país em que viveram, antes, lá no Estado de São Paulo.

Hoje, a pujança de Rondonópolis se destaca entre as demais. Quando, lá de cima da estrada, olho a cidade, me envaideço de sua grandeza, de uma beleza que se fez pelo trabalho de uma plêiade de homens, que vieram para cá e ergueram esta cidade.

Então, abraçando meus netos, num hino de glória, bendigo essa gente, a mulher brasileira, nossas mães, nossas esposas, nossas noras, nossas irmãs e cantaremos como o poeta:

Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá.

Gonçalves Dias

EXALTAÇÃO AOS MOÇOS

Evidentemente, com o crescimento da cidade, aumentou o número de jovens. Eram jovens mulheres, loirinhas de olhos azuis, outras de olhos verdes, filhas de pais que migraram do sul,

deitando suas sementes nestas terras, moreninhas, mulatas e escurinhas, filhas de pais que também vieram de estados do norte, nordeste, centro sul, salpicando de cores, numa mescla de raças, que enfeita a cidade e os campos, formando uma nação urbana, a fazer inveja a muitos países, pela beleza incomparável da mulher brasileira. A mulata, que tanto se destaca no exterior, com seus trejeitos, com sua elegância, com seu andar que seduz e atrai, com seu sorriso legitimamente brasileiro. Nossas lindas louras brasileiras, que brilham nos concursos de beleza de outros países, provando aos olhos do mundo, que são mesmo as mais belas. As morenas já foram exaltadas em prosa e verso pelos nossos poetas, mostrando que sua formosura é da cor do Brasil. A mulher negra, brasileira, é o símbolo da nossa raça, quanto à sua beleza, é só conferir nas passarelas, tanta magia junta. Ela tem nas mãos, a taça conquistada em um concurso de Miss Brasil, ao ser considerada, na época, a mais bela do planeta. Os homens são moços fortes dados ao trabalho árduo do campo, nos sítios ou fazendas de seus pais. Outros, com vocação para os estudos serão doutores. Cada jovem, seguirá seu caminho, o caminho que construirá a grandeza do Estado deste grande País.

Amar é colocar a nossa felicidade na felicidade dos outros.

Wilhem Leibnitz

ADVERTÊNCIA DOS MILITARES

Para que uma nação seja forte e poderosa é preciso que seus filhos sejam trabalhadores saudáveis e honestos. Nestas últimas décadas, uma grande parte da nossa população tem sido pretensiosa, egoísta e personalista. Isso é ruim para a grande maioria do país. Nós temos que pensar juntos e agir com patriotismo.

Em um país como o nosso, onde já estamos sentindo uma grande crise que está se apoderando da nossa economia, e que se avoluma com muita intensidade, causando grandes prejuízos à nação, corroendo os alicerces da estrutura sócio-econômica, talvez por falta de comportamento exemplar dos políticos, na sua maioria, tem que haver um sentido só de trabalho por parte da nossa população e dos nossos homens públicos. A política contraditória dos nossos parlamentares emperra a máquina governamental, trazendo transtornos para o país, podendo levar a

nação à ruína, descambando para a decadência, insatisfação e repulsa popular.

As nossas fronteiras estão quase desguarnecidas. Os nossos militares vêm alertando constantemente nossos governos para os inconvenientes dessa situação, podendo trazer sérios problemas para o Brasil, pela cobiça de países super desenvolvidos, chamados usualmente de “primeiro mundo”. Pela falta de riquezas do seu solo, são países que, certamente um dia quererão partir em busca de novas alternativas para continuarem dominando o resto do mundo, e assim mantendo o seu poder, sua opulência, sua soberania.

Nossas fronteiras deverão ser mais fortemente guarnecidas, advertem nossos militares. Nossos governos terão que ocupar ordenadamente a região amazônica com nossa gente, para evitar possíveis aborrecimentos, antes que seja tarde. Compreender, ajudá-los nessa grande tarefa é a obrigação de todos nós e dos políticos que, em grande parte, pouco se importam com o que está acontecendo na Bacia Amazônica.

Temos que louvar uma iniciativa privada como a empresa “Itamarati” (de Olacyr Francisco de Moraes) que, no afã de compartilhar com o governo, está levando até o porto da Arica (Chile), passando pelo Peru, a nossa ferrovia, buscando saída para o Pacífico, em busca de moeda forte nos países asiáticos, como o Japão, China, Coréia e muitos outros países que compõem a região, oferecendo em troca, produtos brasileiros, principalmente da região amazônica e do centro oeste, exportando para lá, alimentos e produtos extraídos da terra.

Em Singapura, quando visitei o Oriente Médio, vi montanhas de barras de ferro do Brasil no cais da cidade.

Precisamos preservar nossas matas, nossos rios, como o Amazonas, um potencial em riquezas, o maior do mundo em extensão e volume de água. Na sua foz, a ilha Caviana, é do tamanho da Suíça, com 84 km de comprimento, e sua largura atinge até 40 km. A largura da sua foz principal é de 92 km de comprimento. Recebe um número considerável de afluentes. Ao todo, são 1100 rios interligados. Se somarmos esses afluentes, darão dois terços de toda a água doce da Terra. Na ocasião das cheias, o Amazonas penetra até 400 km no Oceano com a influência da maré, estende-se até 790 km acima da foz. Seu comprimento é de 6.200 km.

Numa visita ao rio Amazonas, eu e Alaíde no barco, encontramos alemães, italianos, norte americanos, japoneses e uns poucos brasileiros. Os outros nossos patrícios, perdidos no

tempo, lá se vão a caminho de Miami, nos Estados Unidos, para gastar com compras. “Ok”? Diz o escritor Paulo Setúbal no seu livro “O Sonho das Esmeraldas”: **O caminho para as esmeraldas era comprido e áspero.** Fernão Dias Paes Leme, seu genro, Borba Gato e outros grandes sertanistas se embrenhavam pelos sertões brasileiros em busca de diamantes e ouro, fundando povoações e contribuindo, assim, para a formação da nação brasileira, dando provas de um estoicismo invulgar. Mas, e a maioria dos moderninhos brasileiros, acha que valerá a pena enfrentar a rica região amazônica, numa imitação dos nossos admiráveis sertanistas? Não parece! Continuarão, com certeza à beira mar, banhando-se nas deliciosas praias brasileiras, sonhando com as deusas do “dolce far niente” na terra do “plantando dá”.

Um dia ao acordarem, encontrarão um Brasil menor que no dia anterior, graças aos seus sonhos com as suas ninfas que os embalavam numa cantiga suave e doce que dizia: **O caminho para as esmeraldas era comprido e áspero, então não valeu a pena.**

WHITMAN, O GÊNIO

Transcrevo neste breve espaço de tempo que é a vida, versos de Whitman, poeta americano, nascido na cidade de West Hills, Estado de New York aos 31/05/1819, e faleceu aos 27/03/1892 em Camden, Estado de New Jersey. Poeta de espírito nômade, viajou muito pelo seu país. Compôs suas primeiras obras, sem sucesso, sendo recebido com hostilidade pelo público da época. Popularizou-se depois em virtude do pronunciamento favorável de Emerson, Thoreau e Alcott.

Nos versos de Whitman, não encontrei a literatura vã dos pseudos poetas. Antes, porém, vamos transcrever as palavras e Will Durant, num relato comovedor e triste, do grande pensador.

Whitman já se foi. Viveu quando éramos crianças.

Mas provou que mesmo em nossa era podem aparecer gigantes e mesmo na América, tão jovem e grosseira ainda, pôde surgir um poeta único, digno de ombrear-se com os grandes. Meses atrás estive em sua casa de Camden, na qual a paralisia o conservou inválido por tantos anos, entristeci-me diante de tantas provas de que os gênios também morrem. Mas tomei o seu livro, e uma vez mais, li as linhas que não me saem da cabeça e aqui transcrevo para que continuem pelo mundo na sua missão:

**Eu parto com o ar - sacudo minha neve branca
ao sol que foge;**

**Desfaço minha carne em redemoinhos de espuma.
Entrego-me ao pó para crescer nas ervas
que amo;
Se queres ver-me novamente, procura-me sob teus
sapatos.
Difícilmente saberás quem sou ou o que significo;
Não obstante serei para ti boa saúde
E filtrarei e comporei teu sangue.
E se não conseguires encontrar-me, não desanime;
O que não está numa parte está noutra;
Nalgum lugar estarei à sua espera.**

Na singeleza dos seus versos, encontro o mais puro pensamento poético, de uma beleza invulgar. O poeta há muito se foi, mas conosco ficaram seus versos que nunca se vão.

O homem passa, sua obra fica para sempre.

LEPERA E GARDEL

Bem pouca gente deve ter ouvido falar de Lepera. As pessoas mais jovens, com certeza desconhecem esse nome.

Alfredo Lepera, filho de pais italianos, nascido no bairro da Mooca em São Paulo, muito cedo sonhava em conhecer outras plagas. Sonhador, queria voar mais alto. Seu destino, Argentina. Em Buenos Aires, conheceu Carlos Gardel. Naturalmente, um sonhador como ele, fizeram-se amigos. Apesar de desconhecer de perto os seus passos e sua vida e como nenhum “expert” se interessou pelo assunto, me dispus, como seu admirador, a dizer algo sobre pequena parte de sua vida.

Naquela convivência, tornaram-se além de amigos, parceiros de tangos portenhos, mas nem passava pela cabeça dos dois astros que suas composições alcançariam tanto êxito no mundo todo.

Um coisa é certa, Carlos Gardel nasceu na França e muito cedo foi para a Argentina com sua família, onde foi naturalizado argentino. Com Carmem Miranda aconteceu o mesmo, nascida portuguesa, se naturalizou brasileira, aos 5 anos de idade. Duas personalidades artísticas consagradas, longe de seus países de origem.

As obras musicais dos dois compositores tornaram-se célebres: “El dia que me quieras”, “Volver”, “Cuesta abajo”, “Mi

Buenos Ayres querido”, “Sus ojos si cerraron” e uma infinidade de outros sucessos. “Por una cabeza” correu mundo. Há pouco tempo deu brilho a um filme ganhador do Oscar, Perfume de Mulher, com Al Paccino, onde o destacado astro dança com a maior bailarina de tangos da Argentina, aquele tango. Num outro filme, ganhador de oito Oscars, A lista de Schindler, o mesmo tango de Lepera e Gardel aparece em destaque. Schindler dança tango num cabaré com uma outra mulher, quando surge sua esposa. Representação magnífica daquele artista numa cena que se desenrola durante a 2^o Guerra Mundial. Para os menos esclarecidos no assunto, o nome do Brasil brilha dessa maneira, indiretamente, numa página musical extraordinariamente bonita, o selo leva o nome de Lepera como compositor ao lado de Carlos Gardel.

Essas músicas me acompanham desde a adolescência. Na mocidade, nas noites frias da Paulicéia, vagando pelas boates famosas da época, com meus amigos, encontrávamos alento ao som de grandes orquestras e sentíamos na alma o ritmo nostálgico da música portenha.

Naquele tempo, noites de boemia, não víamos que o tempo era implacável.

O ultimo whisky era sempre seguido do último tango. Assim, os tangos de Gardel e Lepera nos acompanhavam nas nossas noites de esperanças vãs de amores que partiam, outros, apenas nos acenavam e se perdiam no tempo. O tango era o nosso amigo e consolador nas nossas desesperanças de adolescentes e nos sonhos comuns da mocidade.

Hoje, quando vou a Buenos Aires, reencontro-me com os tangos de Lepera e Gardel, entre turistas e altas personalidades artísticas ou políticas e literárias do mundo inteiro ao ouvir vozes de cantores famosos como Hugo Marcel e típicas orquestras.

Em países como a Argentina, Estados Unidos e Europa, seus mitos são sempre lembrados e aplaudidos, enquanto no Brasil, os nossos ídolos populares que não se encontram mais entre nós, nem sempre são lembrados ou nunca o são.

No Brasil, Lepera continua para a quase totalidade de brasileiros um estranho.

Existe atrás da Assembléia Legislativa de São Paulo, pelas bandas do Ibirapuera, um local, uma pequena praça, com o nome de Carlos Gardel. Passo por ali sempre que estou em São Paulo. O nome de Gardel foi bem lembrado, sempre me emociono. Homenagem justa.

Mas, e as eternas queixas de Alfredo Lepera? Ele se lamentava que só o nome do consagrado Carlos Gardel aparecia.

Então pergunto, onde está a pracinha do nosso imortal, Lepera?

Enquanto houver um tango triste, tu te lembrarás, também, de Lepera e Gardel.

A VOLTA AO MUNDO

Dia 18 de setembro de 1982. Voando num avião a jato, muito surrado, pela empresa aérea Royal Air Maroc, linha marroquina, chegamos a Casablanca no dia seguinte ainda cedo. Após umas voltas pela cidade, partimos de ônibus para Marrakech, ponto alto da visita a Marrocos.

Marrakech é uma cidade exótica, grande, bonita e tumultuada, em virtude do grande fluxo de turistas que aporta por ali. Na enorme praça se compra de tudo que se refere aquele país: produtos artesanais, bijuterias, roupas para mulheres, principalmente, sob os olhares furtivos das vendedoras, mulheres bonitas como quase toda marroquina.

A maioria de homens usa turbantes e oferece ilusões, domadores de serpentes, cobras dançantes ao som de suas flautas, para chamar a atenção dos turistas sempre curiosos por conhecer mistérios, praça para vender, desde anéis que atraem riquezas e felicidade, até burricos, cavalos e camelos.

Na cidade de Casablanca as casas são pintadas de branco. Marrakech é marron, cidade das “Mil e Uma Noites” como nos contos dos livros que se lia na infância.

Nos mercados de Casablanca, O turista se delicia com uma variedade de frutas nativas, principalmente a tâmara, de uma doçura tão deliciosa como a beleza daquele país.

Marrocos é um país localizado ao norte da África, ocupando uma área de 458.351 quilômetros quadrados, entre o mar Mediterrâneo, o estreito de Gibraltar, o oceano Atlântico e o deserto do Sahara.

Encanta-me acreditar-me imortal.

Charles Montesquieu - escritor francês

EGITO

Cairo, 29 de setembro de 1982.

Da janela do meu apartamento no Hotel Hamses Hilton, o caudaloso rio Nilo nos proporcionava uma das paisagens mais bonitas, que jamais tinha visto. Deparando com o vale do Nilo, constata-se a grandeza daquele rio, onde quase tudo se resume à uma faixa relativamente estreita, dominada pelas cordilheiras arábicas e núbicas, fecundando suas terras para plantar arroz, cana de açúcar, algodão e criação de aves domésticas.

Visitamos a Mesquita do Sultão Ali, onde estão expostas as urnas de ouro maciço do deus Amon.

Suas cidades medievais nos levam a um eterno mundo de lendas e mistérios.

Em vôo opcional de uma hora, visitamos Thebas, a cidade das cem portas, a mais célebre da antiguidade, com imponentes ruínas sobre as quais se elevam as cidades de Luxor, Kamak e Abud.

Nas suas ruínas, entre as enormes arcadas, pedestais e obeliscos, deparamos com a eternidade incorporada a grandiosidade de Tebas.

Naquele mesmo dia chegamos ao Vale dos Reis para visitarmos as tumbas subterrâneas onde eram escondidas as urnas com seus reis mortos para protegê-los dos sequestradores.

Pudemos ver também, as suntuosas estátuas dos deuses egípcios, obras monumentais construídas 3.000 anos antes de Cristo.

O Egito, a mais antiga civilização das civilizações humanas, terra dos faraós: Menés, Tutancâmon, Akhenaton... Há marcas de seus impérios, com ruínas que ainda hoje se acham disseminadas em seu solo.

Ramsés II foi o mais célebre faraó. Nas ruínas de Tebas existem inscrições que datam de 3.500 anos antes de Cristo. Terra de Cleópatra, célebre pela sua formosura, uma das mulheres mais extraordinárias que a história tem.

As Pirâmides eram consagradas aos seus mortos, serviam de sepulturas aos seus reis. A maior é Quéops, a maior e a mais célebre. Nessa Pirâmide, subimos pelo seu interior por uma escada de madeira, onde fomos visitar os túmulos dos seus reis.

Deixamos o Egito rumo a Jerusalém.

Em Jerusalém, Cidade Santa à beira do rio Jordão, antiga capital da Judéia na Palestina, visitamos os lugares que mostram os sinais da passagem de Jesus Cristo, da Via Sacra pelo

calvário. Em Belém, visitamos o local do seu nascimento. Fomos ao Santo Sepulcro, no Jardim das Oliveiras. Depois para Jericó, passamos pela Galileia por estradas asfaltadas até atingirmos a cidade de Haifa. Subimos o Monte Carmelo, onde visitamos o local, onde o profeta Elias meditava nos tempos bíblicos. Depois de 5 dias de visita àqueles locais históricos, voamos para Roma.

Em Jerusalém, as crianças vão à escola acompanhados pelos alunos mais velhos que carregam armas a tiracolo, de primeira geração, para a proteção dos coleguinhos de possíveis ataques de palestinos. No hotel Shalom se encontra a melhor culinária do mundo, mostrando o grau de cultura dos israelenses. Uma nação tão jovem e pequena que serve de exemplo pelo seu alto nível de trabalho, em qualquer setor. No deserto, sua agricultura é incomparável, seu sistema de irrigação é de fazer inveja a muitos países desenvolvidos, como os Estados Unidos. Tive a oportunidade de olhar de perto esse sistema de irrigação por aspersão e gotejamento. De grande destaque são as culturas de oliveiras, parreiras, melões, laranjeiras, milharais, aveia e amêndoas, destacando-se os rebanhos de carneiros, cabras e camelos.

Não se pode ensinar nada a um homem, só é possível ajudá-lo a encontrar a coisa dentro de si mesmo.

Galileu Galilei

Num vôo de algumas horas, chegamos à Itália. Permanecemos na terra do poeta Virgílio por dois dias.

Na Grécia de Atenas, sua capital, seguimos para as ilhas gregas no transatlântico Hellenic Cruises. Nossa chegada a Rhodes se deu pela manhã, visitamos a parte medieval da ilha, Templários de São João, o majestoso Castelo dos Cavaleiros e a Acrópole de Lindos. Subindo por escadas de pedras em caracol, lá em cima junto à Acrópole de Lindos, avistava-se o Mar Egeu. Lindíssimo panorama, contraste da natureza. O Mar Egeu tem uma história: na mitologia grega, Egeu era filho de Pandião, rei de Atenas, vencedor, graças a Tezeu, seus sobrinhos, os Palhantidas, que o tinham destronado. Julgando que Tezeu havia sido devorado pelo Minotauro, afogou-se no mar, que passou a chamar-se Egeu. |

Em Creta, não foi diferente. A maior de todas as ilhas gregas, foi o centro da antiga civilização de Minos, terra de Doménikos Theotokópoulos, o famoso “El Greco”, um dos maiores

pintores de todos os tempos. Viveu em Burgos, cidade espanhola, onde se naturalizou espanhol.

Em Miconos ficamos encantados com as suas belíssimas praias, suas casinhas brancas, moinhos de vento e belas igrejas. É impressionante o artesanato que as distingue pelo bom gosto. Na sua Universidade de Filosofia, Retórica e Direito, estudaram grandes romanos como Júlio César e Cícero. Em Rodes, visitamos o local onde existiu o Colosso de Rodes, uma das sete maravilhas do mundo, uma enorme estátua de Apolo, a entrada do golfo, deus grego e romano dos oráculos, da medicina, da poesia, das artes, dos rebanhos, do dia e do sol. Celebravam em sua honra os Jogos Apolinários.

Prosseguindo nossa viagem pelo Mar Mediterrâneo e Jônico, rumamos para a Ilha de Santorini. Pelo apito do navio e pelo alto-falante da cabine do meu apartamento, a voz do comandante convidava a olhar pela janela um espetáculo impressionante, em cima da montanha toda branquinha, parecendo um presépio das festas de Natal. Do porto, por uma estrada cheia de curvas, alguns turistas subiram montados em burricos, enquanto outros foram de teleférico. Chegando à Aldeia de Thera, descortinava-se uma das paisagens mais belas do mundo. Santorini foi um centro famoso da civilização.

No século XV antes de Cristo, uma grande parte da Ilha foi destruída por uma erupção. Dizem que Santorini foi o lugar da lendária “Atlântida”.

De volta a Atenas hospedamo-nos no Hotel Royal Olympic. Após o café da manhã do dia seguinte, partimos para um passeio ao Olympo, morada dos deuses, segundo a mitologia, numa planície com várias montanhas consideradas sagradas.

Visitamos o Teatro Olímpico, o estreito de Corinto, saboreamos deliciosas uvas numa cantina ao lado. Entre os eternos deuses e ninfas das planícies olímpicas, despedimo-nos, de volta a Atenas. Na manhã seguinte, visitamos a cidade, incluindo a Acrópole com seus monumentos, onde Sócrates ensinava os seus discípulos. Tinha de Deus uma idéia sublime e proclamava a unidade do Ente Supremo. Seus discípulos eram Platão, Antístenes, Xenofonte e ainda outros de igual renome. Observamos atenciosamente todos os Monumentos, Teatro Dionísio, Museu Arqueológico, o Templo de Zeus, Arco de Adriano e Catedral Metropolitana.

Das músicas que eu cantava na minha mocidade e ouvia em discos e emissoras de rádio, uma delas ficou na minha memória
Falando das Rosas de Istambul:

No apartamento azul
Dos nossos corações
As rosas de Istambul
Em jarras do Japão
Num sonho oriental
De mágico esplendor
Aurora boreal
Aurora do amor.

Naturalmente, levado pela melodia e letra dessa gravação, nos arroubos da mocidade, vida afora, levava comigo o sonho de conhecer um dia, Istambul, na Turquia. Esse desejo foi concretizado.

Após ter-me despedido da terra dos grandes pensadores, chegamos à cidade prometida.

Às vezes sonhamos com coisas e ao conhecê-las, nos desapontam, não foi o que aconteceu com Istambul. Ao atravessar a cidade, saindo do aeroporto, senti a sensação de ser uma cidade linda e excêntrica, costumes bem diferentes dos europeus, de nós, brasileiros, poucas mulheres nas ruas, povo educado e bom. A belíssima Mesquita Azul, outras também de estilo gótico, de construções medievais, ruas movimentadas, homens altos e elegantes. Cidade com museus riquíssimos, de beleza sem igual. O Estreito de Bósforo liga o Mar Negro com o Mar de Mármara, separando a Turquia asiática da Turquia européia.

Mas, não encontrei nos bonitos jardins da cidade, as minhas tão sonhadas e perfumadas rosas de Istambul. Indaguei ao nosso intérprete a razão. Disse-me que rosas de aromas acentuados, só na região de Cannes na França, para fabricação de perfumes. Aí respondi: “Sei de fonte segura, por informações de amigos franceses, conhecedores do assunto, que é comum as indústrias francesas de perfumes se abastecerem aqui quando há necessidade, por serem estas, de aroma mais suave”. Respondeu-me que desconhecia o fato.

Nos dias seguintes descobri que existiam, sim, rosas, nos jardins de Istambul, rosas como aquelas tão sonhadas por mim, enamorado, nas minhas serestas de um tempo que passou e que não volta mais.

Despedi-me da cidade das rosas e com os meus sonhos, voamos para Paris num vôo direto de oito horas de duração.

Verdadeiras ou falsas, nossas obras estão condenadas a desaparecer. Que significa, então, o nome do autor?

Orson Welles

CINEMA MUDO

Minha vida de sonhos e fantasias girou sempre em torno de Hollywood.

Ainda criança, quando o prédio do cinema de Pirangi, minha cidade natal, era de madeira, eu já assistia filmes mudos de Tom Mix, meu ídolo, *As Aventuras de Búfalo Bill*.

Depois, vieram Charlie Chaplin, Dorothy Gish, Corine Gniffitt, William Desmond, Hoot Gibson e muitos outros consagrados astros do cinema mudo. Lembro-me dos filmes como, *Tarzan, o Filho das Selvas*, com Elmo Lincoln, *Estudantes Atletas*, *Caixa dos Mistérios* com William Desmond e uma infinidade deles consagrados pela história do cinema mudo.

Os filmes eram sempre assistidos e acompanhados ao piano ou, quando não, por vitrolas e dependendo da movimentação do filme e do enredos, eram tocadas as músicas. Eram comuns as músicas clássicas quando os filmes eram românticos ou trechos de óperas, quando o enredo era de guerra. O menino encarregado de colocar os discos na vitrola, era orientado pelo seu Borges, dono do cinema. Recordo com saudade das músicas de Brahms, como *Dança Húngara nº 5*, nos filmes românticos ou músicas de Frans Lehar em filmes alegres, *Adágio de Albinoni*, quando a mocinha morreu nos braços do mocinho ou no final feliz, quando se casam, eram músicas de Haendel ou Mendelssohn. Nesse desenrolar das películas ouviam-se outros gêneros de músicas.

A parte sonora das películas, só mais tarde, em 1927, começaram a ser produzidas. Antes eram apenas documentários ou pequenos filmes.

O cinema foi inventado no século passado. Não foi um invento que surgisse de repente. Os irmãos Lumière no final do mesmo século, desenvolvendo descobertas anteriores, construíram um aparelho que projetava imagens dotadas de movimento.

Sucessivamente, Os filmes já eram rodados no começo do século, com enredos, pelo francês Mélié e começaram a aparecer nomes como Chaplin e Griffith, nos Estados Unidos.

O cinema, apesar da resistência e artistas ligados à forma de expressão, granjeou popularidade.

Em 1930 começaram a aparecer os filmes em cores. Em 1949 o italiano Duzze, conseguiu o cinema em relevo, mas pode-se afirmar com certeza que foram os irmãos Lumiéri os inventores do cinema. Mélié foi o maior divulgador.

Está provado que no próximo século o homem, muito pouco sairá de seus lares, os cientistas afirmam que a tecnologia avançará de tal forma que tudo será posto dentro dos nossos lares por processos eletrônicos. "O cinema já está."

Já começamos a presenciar a revolução que vai mudar a cabeça do homem. O mundo passará por grandes transformações, as pessoas passando a pensar e cuidar melhor de si.

A população, com mais frequência, está procurando as casas de recuperação.

A Igreja e os cientistas não deveriam subir tanto e, sim, olhar mais para o planeta que envelhece. A ciência evoluiu muito nestes dois últimos séculos, o cinema acompanhou essa evolução, mas o homem, em contra partida, vem destruindo tudo. A natureza em contrapartida está sendo aviltada e a ciência tem poucas respostas para esses males. O grau evolutivo do homem comum é baixíssimo.

As amarguras, os amores pouco profundos sobrevivem. Mas os grandes amores e grandes desgostos acabam destruídos pela sua própria exaltação.

Oscar Wilde - O Retrato de Dorian Gray

CONTEMPLAÇÃO

Ao meu neto Marco Antônio

Eu contemplava as estrelas pensando no amor inatingível.

Ele, tão fugidio como o aroma da flor que se esvai sem podermos alcançá-lo.

É a dor que não se apaga.

É a chama que nos conduz até o fim e nos apanha distraído a olhar as estrelas.

É o amor, doce mel que amarga nossas vidas.

Ele tem o aroma da flor que nos faz adormecer ao som da melodia da dor contra os reveses e as incertezas da vida.

Como cruel é o amor da amada distante e incerto!
Incerto e difícil como os céus, seria a continuidade desse amor.

Um amor fugidio como os tristes dias de minha vida.
Assim, eu contemplava as estrelas.

A felicidade que nos concedemos é maior do que a que nos concede o mundo.

Metrodo

ESTOICISMO

Epiteto, filósofo estoíco nascido no século I, em Hierópolis, na Frígia, foi em Roma escravo de Epafrodito, liberto de Nero. Conta-se que o seu senhor, homem brutal, lhe torcia um dia uma perna num aparelho de tortura. “Olha que a quebras” disse tranquilamente Epiteto. Vendo depois sua predição realizada, se contentou em observar: “Não to dizia eu?”

Suas idéias foram mais tarde condensadas, é um resumo luminoso da doutrina estoíca.

Se de deixas acorrentar pelas cadeias da preocupação contigo mesmo, o mundo imediatamente se transforma num véu para ti.

Rubayat

O céu estrelado acima, e a lei moral dentro de mim... São as duas coisas que me enchem a alma com admiração e reverência sempre novas e sempre crescentes.

Kant, Crítica da Razão Pura

NOTÁVEL PROFESSOR DUBERREINER

Nos anos setenta, para espanto dos fazendeiros, surgiu entre o gado ovino um mal, levando os entendidos a controvérsias, as mais descabíveis. Diziam ser uma moléstia característica da região. Entretanto, não encontravam o remédio contra o mal que dizimava os rebanhos do município.

Os sintomas resumiam-se no seguinte: cara inchada, magreza, amolecimento dos dentes, depauperamento progressivo e, finalmente, a morte.

Os entendidos não sabiam ao certo, como eliminar o inusitado mal. Diziam que o foco da doença concentrava-se na região de Rondonópolis. O certo era que, conforme aumentava o rebanho no Estado de Mato Grosso, simultaneamente, aumentava a doença. Em minha fazenda o problema não era diferente. O aparecimento do suposto mal era proporcional ao aumento do rebanho.

Os veterinários empenhados na cura da doença, nada conseguiam. Enviavam carcaças aos laboratórios de análises, arcadas dentárias para minuciosos exames, alguns acreditavam estar ali a causa do mal.

Como fazendeiro e boticário, sentindo o peso do prejuízo, também tentava descobrir algo sobre o assunto, pude observar que o mal não nascia ali no amolecimento e apodrecimento dos dentes. Aqueles sintomas eram consequências da doença. Tinha minhas dúvidas se era ou não uma doença. Mandei analisar as fezes dos animais e constatavam vermes. Naturalmente os resultados que chegavam às mãos dos veterinários eram os mesmos. Passei a observar as mães dos bezerros afetados e pude verificar que elas também eram portadoras do suposto mal. A diarreia permanente dos bezerros como das vacas levava com todo aquele líquido pastoso, uma quantidade enorme de sais minerais, proteínas e de outros elementos necessários à vida do animal. Cheguei à conclusão de que o mal não era doença, mas, sim, uma grande deficiência orgânica ocasionada pela presença de vermes, que provocava desidratação e desencadeava uma série de complicações, como emagrecimento, cara inchada, diarreias, depauperamento, alterando todo o sistema imunológico dos animais, ocasionando complicações infecciosas, apatia e morte. Em bezerros mais fracos, iniciei o tratamento com aplicações de vermífugo, de soros associados ao complexo vitamínico B, e aplicações de vitamina B12 via intramuscular, sal mineral (Premix) nos cochos, ininterruptamente, e tratamento simultâneo em todo o gado necessitado. Era um tratamento que onerava meu orçamento, mas era o tratamento indicado com sucesso.

Dentro de um ano eu já dominava aquela situação incômoda à saúde do gado em minha fazenda.

Alguns técnicos ligados ao governo central de Brasília estavam interessados em trazer o cientista Duberreiner, homem indicado, que há 10 anos vinha se batendo em torno desse problema, a fim de conhecer os métodos adotados por mim.

Assenti, ao ser procurado pelos técnicos de Rondonópolis, quanto à sua vinda até a minha fazenda.

Nas fazendas vizinhas, como a Santa Escolástica, existia um grande interesse em encontrar um tratamento satisfatório. Estavam usando sistema em forma de piquetes com tratamentos diferenciados sem resultados. O Sr. Ovídio Miranda de Brito, pediu ao seu sobrinho, Marco Antônio, que me procurasse e tomasse conhecimento do novo tratamento.

Um belo dia, chegou à minha casa, num carro oficial, vindo de Brasília, o Dr. Duberrainer. Um cientista sério, homem de poucas palavras. O chofer abriu a porta do carro e solicitou que eu entrasse. Partimos.

Na fazenda, depois de fotografar várias pastagens, encostas e examinar alguns bezerros em tratamento, fazer-me muitas perguntas, disse-me que eu estava no caminho certo, com o inconveniente dos antibióticos aplicados nos bezerros, da sua inutilidade além de oneroso e antieconômico.

Na volta, ambos, mais à vontade, falamos sobre Goethe e de sua obra imortal, "Fausto". Almoçamos e lá se foi o incansável e talentoso cientista alemão, radicado no Brasil a serviço do governo de Brasília, um brasileiro autêntico.

Encantador País!

Teu aspecto, teus solitários bosques, ar puro e balsâmico, tem o poder de dissipar toda sorte de tristezas, menos a perda de esperança.

Carlota Smith

ONDE ESTÃO OS PASSARINHOS?

Quando estou em minha fazenda ou em lugares onde haja floresta, campinas, montes ou cascatas, deparo com a natureza pródiga. Elevo o pensamento aos céus, para minhas meditações, num convite à contemplação das nuvens que passam lá em cima.

Sempre que volto das minhas viagens, vou para lá, onde encontro a paz que a natureza me oferece, paz que não encontro em outro lugar. Na solidão das matas, sinto o encanto da vida, a exaltação do Criador no murmúrio e no canto da floresta, oratório dos meus sonhos. Contemplo o eterno azul do céu na sua beleza que não morre. Mas, teremos que saber cultivar nossos pensamentos, nosso comportamento, com sabedoria e a arte de viver superando os ensinamentos de pessoas preconceituosas,

dos que se arvoram em mestres de sabedoria, sabedores das coisas de Deus e do mundo, numa cansativa sequência de repetições místicas, tolas e ultrapassadas de dogmas dos nossos ancestrais. Vamos sentir e curtir e preservar a natureza, procurando, com nossa contribuição, a continuação das coisas que dizem respeito à vida limpa, digna e harmoniosa. Vejamos o que diz um dos mais famosos astrônomos dos Estados Unidos, Carl Sagan, da NASA: **Para ensinar as pessoas a pensar por si mesmas é necessário desafiar pessoas e instituições poderosas que não querem ver suas crenças questionadas. De fato, a ciência é tratada como algo subversivo, que deve ser controlado.**

As questões primordiais enfrentadas pelo homem não são tecnológicas, a situação dos bilhões de pessoas mais pobres do planeta, as mortes anuais de dez milhões de crianças por doenças facilmente tratáveis, a erosão do solo, a escassez de água, a destruição das florestas tropicais, o aquecimento global, a destruição das camadas de ozônio e a desaceleração no aumento da produção agrícola, a crescente xenofobia e quase ninguém no poder agindo em favor da espécie e do planeta.

Existem abordagens científicas para todas essas questões, mas as limitações da ciência não impedem o progresso. Os impedimentos têm a ver com a preferência de objetivos de curto prazo, com interesses de quem está no poder, com educação medíocre e com pouca disseminação do pensamento cético. Se desejamos continuar a aproveitar os frutos da ciência, devemos aprender como aplicar seus métodos com muito mais disciplina.

“Se quisermos continuar a ser beneficiados pela natureza, é preciso que saibamos respeitá-la e amá-la”, diz o cientista na NASA, Carl Sagan. Por toda parte por onde passei, a natureza está morta ou está morrendo, China, Oriente Médio, Extremo oriente, Europa, Estados Unidos, Rússia e países próximos. Percorri a antiga União Soviética num total de 3 mil quilômetros, passando por Moscou. Na Rússia, aproximadamente dois terços da sua área está reflorestada, plantada pela mão do homem. Mas, sem o canto dos pássaros, sem o chilrear das andorinhas no céu azul soviético. Na Polônia, Tchecoslováquia, Alemanha, Suécia, Dinamarca, Noruega e Finlândia, também não ouvi o canto dos pássaros. Se existem, não os vi. Na Rússia, nas paradas para a refeição, adentrávamos pelas matas, eu, Alaíde e companheiros, na expectativa de encontrarmos vida silvestre, mas, só encontramos o silêncio e a tristeza das matas, pela indiferença e ignorância do homem que a destruiu durante milênios, para revivê-la de forma tão falsa.

**O que pode pensar um brasileiro
de uma floresta sem pássaros?**

O HOMEM NO TEMPO E NO PLANETA

Numa tarde de setembro de 1985, quando procurávamos atravessar a rua São Luiz na cidade de São Paulo, afim de acertarmos preparativos para uma viagem ao Japão, em uma agência de turismo, ouvimos do outro lado daquela tumultuada via paulistana uma voz que parecia partir do interior de um automóvel: - Oh, Zé Roveri!

Naquela confusão de carros provocada pela impaciência do homem moderno, fruto de um século que se esvai num louco grito de desespero, de um planeta perdido no jogo da ciranda dos astros que se expiam entre si, procurando identificar-se, enquanto os cientistas se entreolham e se contradizem, na busca incansável de desvendar os mistérios de outras galáxias com outras vidas, como nos filmes de ficção científica, procurando descobrir tais galáxias com seres vivos, e mais iluminados, esparecidos por perfumes de flores, talvez mais belas que as nossas, planeta cansado, doente, superlotado, poluído, suplicando a um outro astro que o socorra, num grito de dor que poucos homens até agora o escutam, numa sangria, numa agonia... De homens que continuam matando-se como na era tribal, mães atirando seus filhinhos ao fundo de rios, amarrados dentro de automóveis, paixões loucas. O homem está deixando de aspirar oxigênio para aspirar gases venenosos. Esses homens nos seus sonhos quiméricos, com suas megalomanias, de há muito perderam o sentido e o ritmo da eternidade. E nesse frêmito de paixões e loucuras, no trepidar dos motores, na intensidade de suas ameaças, naquela travessia de rua, na ânsia de chegar, poderíamos encontrar o fim de nossa jornada aqui na terra. Novamente a voz ecoou na multidão, naquela rua da "Paulicéia": - Oh, Zé Roveri. - Quem será? Perguntou minha esposa. Na sequência daquela procura, ela apontou um veículo que entre outros carros, procurava atravessar e aproximar-se de nós, já do outro lado da rua. Um moço na direção de um carro fazia sinal para que o esperássemos. Reconhecemos de imediato, era o Olinto, filho do meu amigo Edílio Ridolfo já falecido. Agora, moço feito, doutor em Direito, casado, com sucesso na profissão, morador no Jardim Europa. Perguntamos por sua mãe,

relembramos seu pai, e num relance, meu pensamento voltou no tempo, 35 anos atrás. Lembrança daquele rebento de 9 anos de idade, garoto vivo, nascido de família rica e tradicional de Ribeirão Preto. Naqueles rincões longínquos, de sertões incultos, por lá passava com seu pai a caminho da fazenda de seu avô, Joaquim Moreira, homem que gostava de deixar estampado no rosto, e nos gestos, a sua tradição. Parando em frente à farmácia, da garupa do animal gritava para mim: “Oh, Zé Roveri, você está bem”?

Achava estranho aquele tratamento íntimo, mas o admirava pela sua educação e inteligência. Agora, ali, nos abraçando, a mim e Alaíde, com a ternura de um filho. E perguntava qual a razão da nossa presença naquele intrincado labirinto, daquela tumultuada rua de São Paulo.

Eu me perdia novamente na dimensão do tempo, nas lembranças daqueles velhos tempos de sertão e me sentia outra vez naquela casa de pensão, envolvido numa trama sutil pela dona da pensão, naquela casa de sapé, naquela única rua de onde se avistava a minha farmácia no meio do quarteirão, longe de tudo, da minha cidade, da minha gente, que ficaram para trás, bem longe dali, e eu, sentado na sala daquela casa de taipas ligada a um bolicho. A dona da pensão procurava embebedar-me com tragos de aguardente. Eu sentado de um lado da mesa, ela, do outro lado. Eu, já levado pelas suas artimanhas, já embriagado pelo efeito da bebida, e ela, procurando descobrir em mim algo que tivesse me conduzido àquelas paragens como fugitivo da lei. Naquele sertão brabo, era assim mesmo, quando um forasteiro aportava por lá, era sempre recebido com desconfiança e perguntas maliciosas. Ela, muito astuta e pretensiosa, mulher “padrão mignon” de seus 40 anos, aproximadamente, alguns traços de mulher bonita, de atitudes cretinas. Ao invés de tragar a bebida, atirava a aguardente em um outro copo escondido entre as coxas cobertas pela saia. E fazia com tamanha habilidade, que dava inveja aos maiores malabaristas do Cassino de Monte Carlo.

Eu quase inconsciente, ela “senhora” da situação, me dominava naquela pequena arena de sapé, como um touro já desfalecido. Muito sutil e vulgar, procurava em mim um pecador. Fuga por algum adultério? Aquele boticário de 28 anos de idade, recém chegado, na verdade, estava ali para lutar como profissional e vencer na vida. Mas aquela mulher, baixinha e gordinha, perversa que só ela, imaginava-me um desertor do mundo civilizado.

Quase morto pela overdose, provocada pela bebida, fui levado por um moço meu amigo, formado em odontologia, que

chegara naquela tarde de sua terras e iria pernoitar em minha casa, como de costume, sempre que passava por lá. Aquele moço era o Dr. Edílio Ridolfo. Colocou-me na cama, aplicou-me injeções desintoxicantes na veia, soros, banhos alternados e sustentando as batidas cardíacas com injeções de “coramina”, num esforço incomum para salvar-me.

Dentro da noite, numa vaga percepção de vida, sentia a morte bem próxima. Com confusões mentais, em quase delírio, sentia morrer aos poucos. Por fim, desfaleci, não vi mais nada.

Pela manhã, acordei num estado de debilidade quase que total e com fortes dores de cabeça.

Meu amigo, ao meu lado, vendo-me naquele estado de aparente aniquilamento, com certeza sentia pena daquele moço que a todo custo queria vencer na vida, mas que já encontrava obstáculos pela frente, que não esperava.

Logo depois, já melhor, eu agradecia aos céus pelo pernoite daquele amigo que, com certeza, fora enviado a mim por Deus.

Dentro dessas divagações, fui advertido pelo jovem Olinto:

“Cuidado com essa rua, Zé Roveri. Corre muito dólar por aqui, é lugar de muitas agências de turismo”, disse-me ele. Entregando-me o número do seu telefone, despediu-se.

E lá se foi o jovem Olinto, filho de “Dona Edith”, a super mãe, que sempre soube ser digna, como esposa e como mulher; e do meu querido amigo, Edílio Ridolfo, deixando-nos somente tristeza e saudade.

Enquanto pensávamos no meio de conjurar a tempestade iminente, um criado de Agamenon veio interromper nossas sombrias reflexões e então disse ele: “Ignorais em casa de quem se janta? Na do Trimalcião, na casa de homem opulento, cuja sala de jantar é decorada com um relógio perto do qual um escravo, com uma trombeta na mão, averte da fuga do tempo e da vida”.

Do livro Satiricon, de Petrônio

AS QUATRO ESTAÇÕES

Ao neto Rafael, com ternura

Longe está o verão. As andorinhas partiram para voltar depois.

Chegaram as garças brancas, vermelhas, fugindo do inverno polar.

Longe estão os dias quentes de verão que castiga.

Junto de nós estão as longas noites de inverno.

Acalentados por uma vida de esperanças, havemos de realizar nossos sonhos que se transformarão em realidade.

Quando o outono voltar, plantaremos novas sementes e nascerão novos frutos.

Quando a primavera chegar, com sua excentricidade de cores, num desejo louco pela vida, sonharemos e brincaremos com as flores, assim, como os deuses.

Sonhos iguais às ondas que vão e quando voltam nos despertam mais intensamente para a vida.

24/06/1996

A LONGA NOITE QUE VIRÁ

Só o tempo se encarregará de transformar em pó os desejos, mentiras e frustrações que o homem leva consigo durante toda a vida, de amores esmaecidos da mocidade, em caminhadas de tropeços. O tempo nos ensina o amor pela vida, mas não nos prepara para a chegada final. O passado nos traz a saudade de lugares, de pessoas não esquecidas, de um tempo que se esvai na perplexidade do acaso, transformando-nos cruelmente numa interrogação. Sem sentir a razão de uma natureza que nos encanta, para perdê-la depois na desmemoriada mente que debilita a alma e o talento, que se apaga para se transformar em uma flor, apanhando-nos a sonhar na embriaguez do mundo, numa sequência de êxtases, glórias efêmeras, erros, ânsias pelo poder, conquistas passageiras. Numa amargura, enfraquecendo nossas lembranças, que se definham no tempo, fim de uma série de corridas pelos campos, pelas praias, na busca do amor, do sol, para depois, cair no aniquilamento de valores, sem placas, sem decorações, sem endereço, sem nada, para entrarmos na longa noite e deixarmos para trás uma sociedade do passado, que em nada se prende ao futuro. No tumulto dos jovens que reacendem a vida, sem pensar na morte, de uma vida em flor, com seus encantos, longe do inverno dolente e esmaecido, sem fortuitos logros, sem deparar com a velhice, a olhar as estrelas cintilantes, sem perلustrar o tempo nebuloso do porvir, sem perceber que o amor às vezes define com a mente, descompassada na distância do tempo, sem perceber que as pedras encontradas no caminho, machucam os brios, sem perceber que depois da loucura da mocidade, no limiar da noite

está a interrogação. Vejamos o que diz William Shakespeare: **Morrer, dormir, nada mais... Mas, nesse sonho da morte, que sonhos?**

A terrível pergunta de Hamlet permanece até hoje sem resposta. Ou como na serenidade dos versos de Gibran Khalil Gibran, o consagrado poeta libanês: **Pois aquilo que é ilimitado em vós, mora no castelo do céu, cuja porta é a bruma da aurora e cujas janelas são os cânticos e os silêncios da noite.**

A importância da vida nos leva a meditar entre a beleza desses versos e o sorriso das crianças, da alegria dos jovens e da contemplação dos velhos, de um mundo criado por nós, onde poderemos colocar uma flor ou uma interrogação, como quisermos... Ao nosso bel-prazer.

Os primeiros aguaceiros varrem, de pronto, esses espantalhos sinistros. A decomposição é então, vertiginosa como se devorassem flamas vorazes. E a sucção formidável da terra, arrebatando-lhe, ávida, todos os princípios para a revivência triunfal da flora.

Do livro, Os Sertões - de Euclides da Cunha

MÚSICA DO AMOR E DA VIDA

Esta noite estive ouvindo Bach e Brahms. Senti nas suas músicas a beleza da vida e a eternidade do homem. No encanto de suas melodias, percebi que a vida não é forma, mas, sentimento. Para um mundo ainda não definido para uns, com significado para outros como forma de religião. O homem talvez esteja trilhando por caminhos opostos à amplitude do seu significado. Talvez por não ter atingido o clímax do seu intrincado complexo, talvez por não ter alcançado os páramos da idade da razão, do amor que o leva às profundezas da sua grandiosidade, que o embriaga e lhe dá vida. Como Bach e Brahms, com suas sensibilidades, impressiona-o vivamente e o leva a acreditar na suprema força do Universo.

Schopenhauer na sua amargura, afirmava que a música não tinha sentido, que a razão de um acontecimento nefasto ou por um desapontamento profundo, aquela música que tanto o embalava, passaria a não ter representação nenhuma, chegando a desapreciá-la. Analisando-o profundamente, talvez a opinião tenha um cunho de verdade. Apesar da sua profunda sabedoria, prefiro acreditar na doce melodia da música, que, numa fusão

ardente com o amor, explode como um raio de beleza infinda, que é a vida.

Nos poemas de Platão, como nas páginas de Mozart, como exemplo, encontramos a força da verdade à procura da harmonia dos homens e do amor.

Nas palavras de Erasmo de Rotterdam, o mais ilustre humanista da Renascença, em seu livro Elogio da Loucura, uma exaltação à natureza e à criança: **Antes de tudo, não é verdade que a infância, a primeira idade do homem, é mais alegre e encantadora das idades? Amam-se as crianças, beijam-se, abraçam-se, acariciam-se as crianças. O próprio inimigo não pode deixar de socorrê-las. Por quê? Porque no instante do seu nascimento a natureza, mãe providente, as envolve numa atmosfera de loucura que encanta os que as educam, que lhes compensa o trabalho e atrai sobre tão pequeninos seres a benevolência e a proteção de que sempre necessitam.**

VIAGENS NO TEMPO

Olhando para trás, já no fim de um milênio que definha, ainda vislumbro na amplidão dos anos, lá no infinito da estrada percorrida por mim, sinais de lutas sem tréguas, de dias difíceis, por caminhos íngremes, sempre com a certeza de encontrar dias melhores.

Por idealismo ou talvez por loucura do homem, numa doida disparada contra o tempo, não percebe que bem ali está o terceiro milênio, as crianças não mais brincarão de roda e os velhos não mais falarão do seu tempo. Fim de uma era marcada pelos desapontamentos de uma juventude que decai, que decai vertiginosamente por culpa de uma sociedade desvairada e pais talvez, negligentes. Fim de um tempo de reflexões nervosas e de espírito bruxuleante caracterizado pela violência que ronda e semeia a discórdia neste mundo de procuras vãs. Mas, se nós nos conscientizarmos da proteção e preservação dos costumes, da retidão de pensamento, então havemos de ser como o navegador perdido no mar bravio, que envolto nas ondas furiosas, vislumbra ao longe a presença das alegres gaiotas anunciando o sonhado porto seguro.

Fim de um milênio que morre lento, e nós, frutos de um planeta maluco, encontramos-nos nesse carrossel da loucura onde países ricos dominam o resto do mundo, com uma tecnologia avançada em operações brilhantes no campo da medicina,

engenharia eletrônica, física e nuclear, e em outros setores da vida do homem, onde só os países do primeiro mundo participarão dos eventos e benesses, para depois, como nos personagens de Dante, se perderem no nebuloso inferno da moral decadente, com destino incerto, em tempo de lembranças tristes.

Mas, se o homem nesse século que se avizinha, souber se conduzir num nível de pensamento elevado e acreditar em si próprio sem se deixar levar por idéias escusas e deprimentes, correndo sempre em busca dos seus sonhos, procurando concretizá-los, acenando para uma vida digna, aí, sim, o mundo será salvo. Aos nossos descendentes, os que nos sucederão, a eles entregaremos a flâmula que deverão carregar numa sequência de gerações, entrando para uma vida de lutas, sem a síndrome do medo, da angústia e do terror.

Conversando com os nossos pequeninos pupilos, estes, muito atentos, olham em nossos olhos, procurando seguir-nos. Então teremos de ser dignos para que possamos merecer com os nossos gestos, o olhar desses pequeninos deuses, nossos continuadores.

Nessas viagens pelo tempo, sentimos passar através dos mesmos caminhos, pelas mesmas ruas, os amores enternecidos, as velhas amizades, amigos certos, das horas incertas. Em noites calmas a conversa com amigos como o Filomeno Alário (Filó), como o Augusto Bailão, até altas horas da noite, falando da beleza da mocidade, dos velhos amores, quase sempre levados pelo tempo, em noites de recordações, de planejamentos futuros. Falando da vida, naquelas noites sublimes, para cada um de nós, sentados à beira da calçada em frente à farmácia, numa filosofia que era mais que uma noite de festa, de sonhos amortecidos pela madrugada, sempre nos acordando das nossas fantasias e já mostrando que o dia chegava. Ah! como era bom ter amigos como eles! Hoje, tudo desfeito pelas horas cruéis de tanta irregularidade, tudo é ditado e definido pelo computador.

O meu amigo Filomeno, com certeza, nas marchas e contra marchas da vida, envolto no turbilhão da cidade grande, com o passar dos anos assim, como nos velhos tempos da nossa juventude, deverá estar sentindo tanto quanto eu, que a vida não passa de um sonho, e como nas palavras do imortal Goethe: **Tudo flutuava vagamente nos meus sentidos, e assim sonhando, prossigo na minha viagem através do mundo.**

Mas, como alento, afirmo ao “Filó”, em Ribeirão Preto, que devemos buscar lá no infinito do firmamento, uma estrela que nos conduza ao mundo maravilhoso de Deus.

O Augusto Bailão, lá na minha velha e querida cidade de Pirangi, ainda vadiando pelos caminhos das reminiscências, em pensamentos povoados de imorredouras lembranças, com seus sonhos de homem solitário, filosofando sobre os mistérios do mundo, deve estar se perguntando se a vida é merecedora de ser vivida. Inteligente, intelectual, formado em odontologia, de princípios liberais, um democrata, apesar dos reveses da vida, perdeu a esposa muito jovem e bonita, deixando-o numa grande desolação junto com seus filhos. Augusto não se deu por vencido, vai pisando por caminhos íngremes, relembrando sua juventude, algo que ficou lá trás, no tempo, sussurrando palavras tocadas pela emoção, como uma melodia dos anos 40, do amor que se perdeu:

**Tua imagem permanece imaculada
em minha retina cansada
de chorar por teu amor**

Mas, o tempo não volta e o Augusto sabe disso, as coisas do passado, também não. Então, que adianta ao bom amigo aquela estrela matutina cintilando, se nossas ilusões se perderam no tempo, com um passado de quimeras que feneceram no acaso de uma fantasia, no aceno de alguém que ficou na lembrança dos nossos sonhos, recordações povoadas de sombras, perdidos sentimentos dos anos que se foram na fugacidade da vida e da saudade que nos assalta a todo momento.

Nessas viagens pela vastidão do mundo dos nossos pensamentos, das recordações de outrora, quando o vento bate forte em nosso sofrido rosto, sentimos que o sonho é tão fugidivo como a vida, mas, mesmo assim, temos que render um tributo ao tempo.

Que importa aos caros amigos Augusto e Filó, se depois a vida se esvai numa tarde linda de nossa existência.

O tempo é um grande véu suspenso diante da eternidade para ocultá-lo de nós.

Tertuliano - filósofo cristão de Cartago

A CANÇÃO DA VIDA

E nesse vai-e-vem do nosso viver, no balanço do barco, navegando como um troiano ou um jangadeiro valente contra as ondas encapeladas do destino, eu cantava a canção do meu amor

carregando nos ombros a glória e os destinos dos seus descendentes, como diria Virgílio. Eu cantava alegre, na volta para casa em companhia do filho José Carlos. Madrugada ainda escura, O carro avançava pelo chapadão afora como um valente destróier, faróis acesos, manhã fria de junho de 1968, pretendia chegar ao “Porto Taboado” antes do anoitecer. O menino dormia no banco traseiro do carro. Estrada deserta, de pedregulho, o canto da passarada anunciava o amanhecer, veados, antas, queixadas, lobos guarás, emas, atravessavam a estrada em velocidade, procurando fugir do foco de luz dos faróis. Quero-queros barulhentos voando em ziguezagues diante do carro como a querer impedir a marcha do veículo em defesa do seu território. Já havíamos rodado cem quilômetros e eu pensava na necessidade de mudar-me para perto da fazenda. Mais de mil quilômetros separavam Palmeira d’Oeste de Rondonópolis, quando num determinado ponto da estrada, saiu inesperadamente de uma capoeira, um cavalo em disparada, batendo violentamente na parte lateral de veículo, do lado em que o menino dormia, amassando parcialmente o veículo e caindo ao mesmo tempo o animal, já morto no meio do caminho. Num instante senti uma tragédia, a morte do garoto. Ele dormia com a cabeça do lado onde houve o choque entre o animal e o veículo. Freei o carro. Num relance, senti a vida me fugir. Momentos de expectativa, pânico e desespero, o coração aos saltos, tentando compreender minha desventura bem perto daquela criatura que era tudo para mim. De relance olhei para trás. Meu Deus! O menino dormia calmo, sono profundo, com a cabeça bem afastada da parte lateral do carro. Na violência do impacto, na batida, o animal empurrou a parte lateral do veículo para dentro, mas não atingindo, felizmente, a cabeça do meu filho. Ali, perto daquela criatura, chorei e agradei a Deus pela sua vida, que era a razão do meu viver.

Hoje, eu quero paz de criança dormindo.

Dolores Duran - A Noite do Meu Bem

ZÉ BAIANO

Ainda, num vôo no tempo, meu pensamento volta para as recordações. Como naquela manhã chuvosa de janeiro, atendendo a um chamado do meu capataz, “Chico Pernambuco”. Aluguei o melhor avião do meu amigo José Lourenço dos Santos

(Zé Baiano) e partimos em direção à fazenda em Rondonópolis, sob o comando do melhor piloto da sua equipe.

Uma chuvinha fina e constante era prenúncio de chuvas fortes no período da tarde.

Viajamos naquela manhã, com Alaíde e o meu compadre Bento Damião, homem decidido e valente.

O avião ganhou altura e depois de uma hora de vôo, encontramos tempo bom, com sol. Mesmo assim, o vento não se mostrava muito disposto a nos favorecer. O piloto, moço experiente, dizia que não gostava, em suas viagens, de ouvir conselhos nem palpites de passageiros. Ao pousarmos em Alto Araguaia, após duas horas de vôo, o céu se mostrava carrancudo, anunciando ventos e chuvas fortes. Enquanto o avião era abastecido, o tempo com nuvens escuras anunciava temporal com trovoadas do lado para o qual deveríamos prosseguir viagem. Retornado nosso vôo, o tempo já se encontrava totalmente fechado com nuvens negras e pesadas, ventos fortes de proa, agora sem noção da nossa rota.

Temos de furar essas nuvens, disse o jovem piloto. Mas o tempo não estava para brincadeiras, e nem queria saber se o aviador gostava ou não, de receber conselhos ou orientação de passageiros. O avião roncava aos trancos e a chuva caía para valer, nós, amedrontados, e o piloto, em palpitos de aranha, seguia sem rumo, perdido no negrume das alturas. Meu valente compadre se acovardou, agarrando nas dobras da poltrona do avião com tamanha violência, que arrancava pedaços de algodão de dentro do banco (motivo para gozação da turma da fazenda, posteriormente). O avião em investidas desordenadas em meio à tempestade, dava a impressão de um touro bravo encurralado numa arena. O piloto indicado pelo meu querido amigo “Zé Baiano”, estava desesperado. Como nos trancos da vida e nos solavancos do avião, resolvi dar um palpite, aceito de bom grado pelo aviador.

Acostumado a viajar por aquela região, já conhecia a palma a rota entre São José do Rio Preto e Rondonópolis, e, mesmo sem nenhuma visão, entre o céu e a terra, perdidos num vôo perigoso, com fortes rajadas de ventos e chuvas intensas, pensávamos no que poderia acontecer de pior.

Horas antes, ao atingir a cidade de Alto Araguaia, notei que o avião se distanciava da rota, adentrando o Estado de Goiás, e aí lhe fiz a minha primeira advertência, mostrando-lhe um erro de rota. Temos de voltar e colocar o avião do lado direito do rio Aporé

até atingirmos sua cabeceira com uma guinada para a esquerda, dentro de alguns minutos estaremos em Alto Araguaia.

Seguindo meus conselhos, tudo deu certo. Mas agora, ali, em meio aquela escuridão, o avião se distanciava novamente de sua rota voando em direção a Barra do Garças, com certeza. Da perplexidade à confusão, olhávamos atônitos, pelas janelas do avião, a tempestade que nos ameaçava. Naquele tumulto de motores com trovões e relâmpagos, já nos preparávamos para uma queda fatal do aparelho, quando avistei do lado oposto, lá bem distante, um minúsculo ponto branco. Adverti novamente o piloto do seu erro de rota, concitando-o a voltar e colocar o avião na direção daquele minúsculo ponto branco onde com certeza estaria a cidade de Rondonópolis. Assim fez.

Após quarenta minutos de vôo, chegávamos, finalmente ao nosso destino, deixando para trás a selva indômita que mais tarde seria vencida pelo homem, na busca de seus interesses, assim como eu, em detrimento da natureza, levando a pagar bem caro aos nossos descendentes e inculcando em nós uma constante reafirmação de culpa.

Naquela mesma tarde, seguimos para a minha fazenda, com Alaíde e o meu valente compadre Bento, de verdade, um amigo fiel para o que desse e viesse, mas, não, dentro de um avião em dia de tempestade. Anos depois, morria na cidade de Limeira o meu bravo compadre com 90 anos de idade.

A natureza de vez em quando protesta contra a teimosia dos homens.

Lema de um ecologista “Pau Brasil”

O AMIGO

Numa tarde de domingo, sentado no sofá ali da sala, tentava ler, mas o pensamento dispersivo não permitia. Lembranças de lugares distantes por onde passei, de minha cidade onde nasci. Revivia coisas do passado: infância, adolescência e mocidade, num misto de recordações que povoavam minha cabeça. Lembranças de amigos queridos como o Leonel Mota Júnior, o “Alemão”. Quando nasceu, sua mãe botou-lhe o nome de Leonel, e seu pai botou o apelido de “Alemão”. Era um menino como tantos outros, mas, com uma diferença: era super inteligente. Coursou o Grupo Escolar até os oito anos de idade, quando foi internado no Ginásio São Luiz de Jaboticabal, e em 1935 foi

transferido para São Paulo, onde permaneceu interno no Liceu Franco Brasileiro até 1937. Nessa época, o curso era de cinco anos, depois, feito o “pré” de dois anos de vestibular de faculdade, cuja carreira resolvesse seguir, pré-médico, pré-jurídico etc. “Alemão” optou pelo curso de Direito no Colégio Panamericano, onde fez 2 anos de pré-jurídico, anos 30 e 40. Ia tentar o vestibular na Faculdade do Largo São Francisco, quando surgiram intrigas maldosas, por parte de conhecidos de seu pai, e este lhe chamou a atenção sem motivos. Então, resolveu abandonar os estudos. Mas, continuou sendo um bom filho até a morte de seu pai. Voltou para São Paulo e curtiu o amargor dos dias difíceis, comeu o pão que o diabo amassou.

Começou como office-boy. Tempos depois, já integrado ao ritmo de trabalho da grande metrópole, foi um salto para o sucesso. Possuía um charme de homem de classe, vestia-se com elegância, sempre admirado pelas mulheres, um “gentleman”. Vivia à sua moda, frequentava os salões da fina flor da sociedade paulistana. Fazia-se presente nos bailes chiques do Hotel Esplanada, ponto alto da elite econômica de São Paulo, era ali que marcava presença com seu “smoking”, nas festas de etiquetas, nas noites festivas de sua mocidade. Lembro-me bem de suas excentricidades. Moço de fino gosto pelas boas coisas da vida, profundo conhecedor da arte de vestir-se bem, não se fazendo de rogado. Nas noites de bailes de gala em cidades vizinhas à nossa, como Jaboticabal, exaltada como “Cidade das Rosas”, e Bebedouro, de onde saía pela madrugada, dos clubes mais chiques, e caía na dança em clubes de gafieiras, com a mesma naturalidade, com a mesma elegância, com o mesmo traje a rigor, dançando até ao amanhecer, ao som de melodias como “Face and Face” e Caravana, com as mocinhas simples da periferia, sem se incomodar com as fofocas e murmúrios da alta sociedade, num cerimonial de simplicidade e elegância a fazer inveja às mocinhas das altas rodas sociais da época. Era um grande amigo que buscava na vida tudo que esta lhe oferecia, naquela ilusão de eterna primavera. Vivacidade de moço feliz, cultivando a arte de ser elegante.

Hoje, rico, reside com sua esposa, filhos e netos, no bairro Jardim Europa, bairro nobre da capital paulista.

Lembro-me de sua mãe, “Dona Nenê”, de quando eu era ainda criança, de minha admiração por ela, pela sua bondade. Era adorada pelos filhos, pelo marido e por todos que a conheciam. Lembro-me dela e de minha mãe, juntas, em temporadas pelas estâncias climáticas e balneárias de Poços de Caldas, Araxá,

Caxambu e São Lourenço, onde retemperavam suas forças exauridas na luta do dia-a dia.

Orgulho-me de ter convivido com pessoas como “Dona Nenê”. Por esse motivo, sinto que a vida nada mais é do que um anseio de subir aos céus, em busca das bênçãos dos que se foram e que tanto nos queriam bem.

Do “Seu Leonel”, seu pai, guardo alegres recordações: era um homem temperamental, mas, sabia fazer amigos. Amava seus filhos à sua maneira, mas com especial predileção pelo Leonel Mota Júnior, o “Alemão”.

Você, meu amigo de fé, meu irmão camarada...

Roberto e Erasmo Carlos

A GRANDE MURALHA CHINESA

Quando o astronauta russo afirmou, lá do alto o seu vôo espacial, que a única coisa que pôde observar da lonjura do espaço foi a beleza da grande muralha da China pela sua originalidade, pela sua grandiosidade, pelo seu deslumbramento. Ele estava certo. A grande muralha de cerca e 3.000 km de comprimento, se estende entre a China propriamente dita e a Mongólia e foi construída há 250 anos a.C. para conter as invasões dos mongóis e dos Manchus. A grande muralha, de valor incomparável, como a deslizar entre as montanhas daquele país, numa sinuosidade de rara beleza, resplandecendo, num espetáculo prodigioso, como a mostrar ao próprio homem o verdadeiro sentido de Deus.

Ao percorrer a pé, seis quilômetros de distância, o que o tempo me permitiu, pude contemplar embevecido, aquele feito monumental, deixando-me extasiado diante da imensidão de sua obra, construída sobre pedras, num desafio constante do povo chinês, com seu espírito perseverante e criador, um povo que tem Confúcio como seu mestre e seu deus, fundador de uma religião baseada na moral e de um ideal muito elevado.

Nos dias de hoje, aquela muralha, como estratégia de guerra, está superada, mas como prova de genialidade, é uma obra prima.

Todo conhecimento vem da experiência.

Immanuel Kant - filósofo alemão

NOITES DE MOSCOU

Na minha infância, meus avós contavam-me histórias horrendas da Sibéria, onde degredados de guerra eram levados para lá e morriam de frio, a temperatura atinge 50 graus negativos. Tudo isso, meu avô “Jarim” contava-me, ele que vivera muito tempo em países da Europa e que assistira crueldades por lá e na sua terra natal, a Itália. Nas noites frias de invernos rigorosos, contava-me que ele e toda família iam dormir no estábulo, entre o gado, a fim de se aquecer e não morrer de frio, numa miséria absoluta. Aquelas histórias ficaram gravadas em minha memória por toda a vida. Sibéria para mim, era sinônimo de horror. Até hoje pouco sei sobre aquela região de inverno intenso. Em 1991, fui conhecer a antiga União Soviética, dias antes dos acontecimentos políticos que retalharam todo aquele país. Uma nação que não tinha analfabetos, mas estava na mais completa miséria. Uma cultura histórica brilhante, lindos museus, belos teatros, onde imperam o “ballet” e a música clássica, mas com um povo descontente. Visitamos o famoso Museu Hermitage, o maior do mundo. Para conhecê-lo por inteiro é preciso visitá-lo 8 horas por dia durante 11 anos, na cidade de São Petersburgo.

Antes de alcançarmos aquele país, passamos pela Alemanha, Tchecoslováquia e Polônia.

Em uma das noites em que permanecemos em Moscou, fomos assistir no grande Teatro Tchaikovsky, “O Lago dos Cisnes”, representada, por incrível que pareça, por uma Companhia de Teatro da Sibéria, composta de, aproximadamente, trinta figurantes, jovens de ambos os sexos, de 15 a 17 anos de idade. Um espetáculo deslumbrante jamais visto por nós, acompanhado de uma grande orquestra siberiana, indiscutivelmente belo pela magnificência daquele cenário de danças e de luzes, criando em mim uma realidade visual, até então, nunca vista.

Aqueles jovens com a maestria de quem conhecia profundamente a arte de representar. Um espetáculo inédito para mim, levando-me a refletir sobre a beleza que a criatura humana pode realizar. Uma noite de gala para todos nós brasileiros que ali estavam naquela noite e aqueles pequeninos deuses vindos da região da Sibéria, fizeram apagar em mim, aquela sensação de crueldade e de invernos tenebrosos daquela vasta região soviética, naquela inesquecível noite de Moscou.

Só há três métodos para poder viver: esmolar, sonhar ou produzir algo.

Mirabeau

AS PALAVRAS DE BUDA

Não acrediteis numa coisa apenas por ouvir dizer. Não acrediteis na fé das tradições só porque foram transmitidas por longas gerações. Não acrediteis numa coisa só porque foi repetida por muita gente. Não acrediteis numa coisa só pelo testemunho de um sábio antigo. Não acrediteis numa coisa só porque as probabilidades a favorecem ou porque um longo hábito nos leva a tê-la por verdadeiro. Não acrediteis no que imaginaste pensando que um ser superior o revelou.

O isolamento é um sábio mestre. Revela velhas fraquezas mas cria novas forças, coloca-nos à vontade com nós mesmos em todas as circunstâncias. Ter apenas nós mesmos como companhia constitui uma grande revelação. Configura a oportunidade de conhecermos como somos.

Vernon Howard

A NATUREZA

Do alto do morro, avisto a invernada bem lá em baixo e o Rio Juriguinho em Ziguezagues entre a mata, deslizando serenamente como que a saudar às flores amarelas dos pés de ipês nascidos em suas margens, caindo em seu leito, e que são levadas numa corrida lenta em busca de aventuras passageiras que a vida lhe proporciona. Aquelas flores tão belas, navegando como pequeninos barcos amarelos, enfeitam com sua beleza a corrida alegre e elegante daquele rio, enfeitam a natureza e os nossos dias com suas cores.

Os pés de ipê, flores amarelas, brancas e roxas, balançando ao vento pelas pastagens afora como estrelas salpicando de cores a paisagem deste nosso Brasil, rico e belo, onde o céu é mais da cor do anil. Nos dias tempestuosos, o rio Juriguinho, numa fúria incontida, por força dos vendavais, invade suas margens, levando consigo de roldão enormes árvores e arbustos, nas encontra na volta da bonança, a sua paz, recebendo sempre sorrisos de amor

das nuvens brancas que passam lentas por cima do seu leito, cobrindo de sombras sua alma de nobre.

Olhando os vôos dos pássaros que passam alegres em bando, colorindo o espaço numa barulheira infernal, verdadeiro festival de cores e beleza, fazendo nascer em mim, uma confortadora intenção do bem, sou levado a refletir sobre o amor, unindo-me muito intimamente ao Universo, fascinado com os mistérios e o misticismo do seu firmamento que me comove.

Perdoe-me essa maneira tão minha de silenciar, quando o assunto se refere a divindade.

Goethe

REDENÇÃO

Evocando o passado, enquanto o tempo se arrasta, o homem moderno, sempre voltado para si mesmo, em recordações de triunfos efêmeros, vê o futuro com apreensão. Em intermináveis elegias, pede aos deuses clemência e salvação, omitindo suas faltas de comportamento, em conluio e sortilégios procura destruir seu semelhante, destoando deste modo suas súplicas das preces dos seus deuses. Pobre homem, nem mais sabe o que quer, se a redenção ou a destruição. Que o digam os países super desenvolvidos, mediatistas, calculistas, indiferentes ao mundo que não o seu, do mesmo modo que o tem aos seus pés.

Para eles, como diria o pensador, “pobreza é vergonha”, o que importa é a nobreza, não a nobreza dos seus atos, mas a ostentação, a indiferença. Nos seus isolamentos, insulados no seu mundo do poder, da tradição, nem sempre digna, olha para seus irmãos cá de baixo, com asco. Se Deus está além do nosso bem e do nosso mal, como quer o sábio Spinoza, então, aplausos para eles, neste universo de um Deus bondoso na miséria do mundo, que tanto fundia a cuca do genial Santo Agostinho.

Não acrediteis em coisa alguma apenas pela autoridade dos mais velhos ou dos vossos instrutores. Mas aquilo que por vós mesmos experimentastes, provastes e reconhecestes verdadeiro, aquilo que corresponda ao vosso bem e ao bem dos outros, isso deveis aceitar e por isso, moldar sua conduta.

Buda

JAPÃO, FLERTE, ENCANTAMENTO, DESOLAÇÃO

Ao sairmos de Honolulu, no dia 6 de setembro de 1985, num vôo direto para Tóquio, chegamos impreterivelmente àquela capital no dia 7, apesar de termos voado apenas algumas horas durante o dia, devido à travessia da “Internacional Date Line”.

Em Tóquio, hospedamo-nos no Hotel New Otani, constituído de quatorze blocos, parece ser o maior do mundo. Em seus jardins coloridos, encontra-se a mais variada criação de peixinhos de cores múltiplas, ali o turista fugido do seu stress encontra a paz na natureza, escondida entre a metrópole que não para de crescer, com o seu povo aprimorando sempre a sua cultura aliada ao tradicionalismo oriental, e mostra como exemplo, as ascensoristas do Hotel Otani, as quais, vestidas a rigor, nos esperavam, a porta do hotel, acenando para nós, quando ainda vínhamos distantes pela calçada, avisando-nos que o elevador iria subir. Com muita graça e gentileza esperava-nos para o nobre e gentil vôo até o nosso apartamento num gesto sutil e educado, com gorjeios de pássaros movidos por computadores, por todo o hotel.

Se a China foi o berço da civilização, o Japão é o mundo dos negócios e da fantasia.

Lá, tudo é realizado com aprimoramento, o motorista de táxi nos entrega, ao deixarmos o veículo, uma pequena nota fiscal com suas mãos metidas em luvas de um tecido muito alvo e fino, deixando o brasileiro atônito com tanta gentileza, num gesto que encanta qualquer turista.

Em Tóquio, deparamos com o mais perfeito sistema de distribuição de energia elétrica com uma iluminação feérica, com certeza, uma das mais completas do planeta com jogos de luzes multicoloridas nas ruas, salões e avenidas. Caminhar pelo famoso Centro Comercial de Ginza com reflexos de uma iluminação multicolorida, nos dá a sensação de estarmos vivendo num mundo de sonhos e de luzes, nos domínios da fantasia, com muito mais resplandecência que o mundo do Moulin Rouge ou do Centro Comercial de Nova York.

Tóquio, capital de um país moderno, é uma das cidades mais populosas do mundo, o Centro Administrativo, Financeiro e Econômico do Japão. Seus visitantes extasiam-se com a harmoniosa fusão da milenar cultura japonesa com a mais moderna tecnologia, com destaque para o eletro-eletrônico. Nesta metade do século que finda, o Japão deu um toque de beleza e tecnologia para nenhum turista botar defeito, graças aos esforços do seu povo.

No dia 10 fomos visitar a grande EXPO 85 em Tsukuba. Uma visita ao século XXI. De volta a Tóquio, visitamos em excursão, o Parque Nacional de Nikko, com seus fabulosos Santuários, o Portal sagrado Yokeimon, a região do lago Chuzeniji e a Cascata de Kegon.

No dia 12 visitamos Kamakura e Hakone. Em Kamakura, visitamos a gigantesca estátua de Buda construída há 720 anos. Em Hakone visitamos suas fontes térmicas e estância hidromineral, e nos hospedamos no Hotel Kowaki-En em apartamentos em estilo japonês. No dia seguinte, fomos a Atami onde embarcamos no fabuloso “Trem Bala” até Kioto, sem poder ter visto o belíssimo Monte Fuji, em razão da nebulosidade. Em Kioto, a cidade conhecida como o berço da cultura japonesa, manteve-se por onze séculos como capital do Japão. Em Nara visitamos seus jardins cobertos de cerejeiras, o Pavilhão de Ouro, o Parque dos Cervos Sagrados, e a gigantesca imagem de Buda com mais de 450 toneladas em bronze.

Em Osaka, chegamos no dia 15 pela manhã e lá permanecemos por dois dias, quando visitamos o famoso Shopping Center subterrâneo onde eu pretendia comprar uma Nikon bem moderna e sofisticada, pois a máquina fotográfica que trazia comigo, estava desatualizada. Mas, antes tínhamos que comer. Ali num dos restaurantes do Shopping Center almoçamos. Mas, da minha mesa, notei que lá de uma outra mesa, uma moça de rara beleza acenava-me com sorrisos, seguidamente. Estava entre outras duas lindas moças. Havia naquele gesto, mais um jeito de agradar e saudar, do que mesmo um namorico. Com licença da “Dona Alaíde”, acerquei-me delas, e em conversa tomei conhecimento que eram misses de vários países, e que tinham ido desfilar nas cidades de Tóquio, Kioto e Osaka. Eram misses da França, Alemanha, Inglaterra, Suíça e outros países além do Brasil e Bolívia. A miss deste último país era a mais bela para o meu gosto, e era quem me acenava com sorrisos. Ao sair dali, prometeram pousar ao meu lado para uma foto, não me fiz de rogado. Ao pousar, entre elas, senti-me como um príncipe oriental. Muito garboso entreguei minha velha máquina a um companheiro de viagem, Dr. Rafael, médico, morador em Belo Horizonte, o qual não conseguiu bater a foto em razão da minha máquina fotográfica não dispor de “flash” e chuvejava naquele momento, uma desolação total para mim. Despedimo-nos das belas misses e eu, um tanto desolado parti a procura de uma Nikon que não me proporcionasse dissabores, embora tarde. Quem ria a valer, era

“Dona Alaíde”, do meu desapontamento e da minhas aventuras relâmpagos.

Para trás ficou Osaka, com suas tradições milenares, com seus majestosos templos sagrados, ficaram também os acenos das lindas misses com seus namoricos, levando com eles, sua alegria, sua beleza e sua juventude.

INESQUECÍVEL PROFESSOR

Nos seus oito anos de idade, meu filho José Carlos, tinha como professora, “Dona Vanda”, esposa de um moço também professor, vindos com a família da cidade de Araraquara, transferidos que foram para Palmeira d’Oeste. Aquele moço, chamava-se Benedito Ferraz Bueno, alto, forte, culto, de atitudes rígidas e coerentes. Admirava-o por suas conduta íntegra, como homem, professor, esposo, como pai exemplar e amigo. Difícil era o dia em que não aparecia em minha farmácia para conversarmos sobre o assunto do dia, literatura e política. Não era moço de tergiversação, mas, de decisões, assim era ele. Admirava-o pela sua autenticidade.

Dirigia seus alunos com a mesma dignidade com que dirigia seu lar. Tê-lo como amigo era uma honra.

Por ocasião das crismas na cidade, tornamo-nos compadres, quando seu pupilo mais novo, o Neto, passou a ser nosso afilhado. Retornando à sua cidade com a família, após alguns anos, deixou entre nós uma lacuna que perdura 40 anos de muito sentimento de fraternidade. Nos seus cartões de Boas Festas que ele nos envia por ocasião do Natal está a prova e a força de uma amizade de quase meio século. Percebe-se assim, em sua alma, a pureza de sentimentos que ainda existem em alguns homens. Ao caminhar pela vida com a flâmula ardente da dignidade, um paulista como o compadre Benedito Ferraz Bueno deve ser reverenciado.

Mas a força de uma amizade é a própria força do Criador, dando-nos alento para a vida, força que nos envolve e concretiza nossos sonhos, mesmo sem poder compreendê-la.

O grande rio atinge a grandeza por ser mais baixo do que dezenas de seus afluentes.

Tao Teh King

MINHA ADORADA PROFESSORA

Da minha infância, na escola de “Dona Elza”, minha primeira professora, ocorre-me o meu primeiro dia de aula, levado pelas mãos do meu irmão Artur, moço louro, bonito, de estatura média, o filho preferido de minha mãe. Eu, ainda criança, com apenas sete anos de idade, recebia assim, os primeiros ensinamentos ministrados com muita singeleza, por aquela professora a quem muito aprendemos a amar. Lembro como se fosse hoje, eram dois chalés um ao lado do outro, duas classes independentes. No primeiro dia de aula, numa classe mista, sentaram-me numa carteira junto a uma menina bem maior que eu.

A garota, uma escurinha chamada Geni, filha do Anastácio, conhecido de meu pai, homem de cor negra, limpo, decente e honesto.

A menina Geni, nas manhãs muito frias de inverno, chorava muito, porque seus pés ficavam gelados, impossibilitando-a de estudar. Ela ia à escola descalça, era muito pobre e o seu pai não possuía recursos financeiros para comprar-lhe um par de sapatos. “Dona Elza”, muito bondosa, apanhava folhas de jornais e envolvia seus pés amarrando-os em seguida com barbante, aquecendo-os e conseguindo, deste modo, dar continuidade à aula. Era assim a professora Elza. Alta, óculos de aumento, muito clara, aparentava 40 anos, mas era bem mais nova. Durante aqueles anos, dera à luz um menino que passou a se chamar José Maria. Usava vestidos que iam aos tornozelos. Amávamos a professora Elza com devoção.

No ano seguinte, a escola foi transferida para outro prédio, em outra rua, ao lado da igreja matriz onde funcionariam num só prédio todas as classes, enquanto as autoridades municipais, estaduais e federais procuravam terminar o mais breve possível e definitivamente o prédio do grupo escolar com quatro salas de aulas, funcionando em dois períodos, lá, eu terminaria o meu quarto ano escolar.

O tempo passou, e a minha querida professora voltou para Araraquara, sua cidade natal, onde faleceu. Deixou em mim, tão pequenino, uma profunda tristeza e uma saudade imensa daquela a quem tanto amei e de quem não esquecerei nunca.

**Saudade / Es a ressonância / de uma cantiga sentida / que,
embalando a nossa infância / nos segue por toda a vida.**

(Da Costa e Silva, Pandora)

SONHAREMOS, ANTES DO DIA FINDAR, ANTES DA NOITE CHEGAR

Setembro, 22/1995.

Mais uma primavera que chega.

Mais uma saudade que fica.

Mais uma esperança que morre.

Assim são as primaveras, cheias de alegrias e de cores, anunciando o verão. Mas, se vão. Só não vão as tristezas que a saudade nos deixa. Só não vão as nossas inquietudes dos dias incertos, como uma estrela que se define na lentidão do tempo, no tempo das minhas primaveras, primaveras das verdes campinas da minha terra, onde o sol brilha numa inclemência que me aquece. Com suas noites límpidas, carregadas de estrelas, num céu que me viu nascer, com a lua a me convidar à meditação, que me contou uma história de amor e me ensinou a amar, numa sequência de furtivos anseios que brotaram dentro de mim, numa glorificação dos meus sonhos e deixaram sequelas de eternidade na penumbra dos dias felizes de minha vida. O tempo passa, deixando raízes de uma eterna juventude, cheia de poesias e carinhos, caminhar infindo, na vastidão do mundo, neste velho mundo de fantasias. O homem, em busca de outros sonhos, de outras realidades, procura em outras galáxias, outras alternativas de vida, sem anseios fúteis, onde o amor será eterno, sereno, sem discriminação. Aquele mundo será descoberto, as primaveras serão como as nossas, lindas. Lindas, como as cores da vida, como numa apoteose, a humanidade a entrar no reino das deificações, as crianças serão saudadas com a tênue pureza dos lírios, símbolo da inocência e nunca com a dureza de corações amargurados, combalidos pelos azares desta vida. O homem leva no peito a dor do caminhar solitário e triste. As estações do ano ainda são alegres, a natureza define como uma pétala de rosa caída ao relento, sem rumo, assim, como o homem, no caos das desilusões que ele próprio programou. Só o amor não é programado. Puro como o seu brilho, brota em nós, sem percebermos, sem o amargor da decepção. Dizem os poetas que o amor nos amargura. Discordo. O amor é brilhante como a gotinha de orvalho que reluz na grama dos jardins, na manhãs frias de maio, numa demonstração de beleza que só a natureza pode nos proporcionar. O amor é terno como o olhar das crianças. Mas, se houver angústia? Se houver angústia, é uma prova de

que o amor não foi alcançado. Mas pode ser também um fator de realização. Vejamos o que diz Henri Laborit: **Se a angústia define a impossibilidade de atuar, uma vez vencida, gera uma ação que pode levar à grandes realizações, como acontece com os maiores gênios da pintura e das artes em geral. A angústia pode ser surpreendente fator de criatividade, combatendo o medo e os fantasmas que paralisam o ser humano constantemente.**

Mas, novas auroras virão em novas manhãs orvalhadas no mais puro renascer em nós ou em nossos descendentes.

E no silêncio da tarde, sonharemos, antes do dia findar, antes da noite chegar. Assim enfeitaremos os dias que virão, com poemas de amor. E cantaremos a vida.

Tudo quanto não pode valer como prova, dever-nos-á valer como sentimento.

De Goethe, reafirmando Kant

CHINA, AMEAÇA PARA O OCIDENTE

Pequim é a cidade moderna da China, a capital dos chineses, com cerca de 8.500.000 habitantes. Inicia-se pela imensa Praça Tien An Men, onde foi construído o Mausoléu Mao-Tse-Tung em 1977. Na parte central da antiga cidade imperial, pode-se ver o Palácio Imperial com o riquíssimo Museu do Tesouro Nacional e a antiga residência da dinastia Ming.

Visitamos na periferia da cidade, entre outros monumentos, o Templo do Céu, construído em 1420 e as 13 tumbas de Ming. Além desses tradicionais pontos turísticos, visitamos o lado mais moderno da China, as casas populares e o túnel de refúgio das bombas atômicas, e saborear o famoso “Pato de Pequim”, prato típico chinês. Éramos acompanhados por três guias chineses, uma moça e dois moços. Um deles falava fluentemente o nosso idioma e se dizia descendente dos Samurais, integrantes da nobreza japonesa, cavalheiros, exímios lutadores, com sentimento, de honra muito elevado. Ficou surpreso quando lhe perguntei sobre Confúcio. Interessante, disse ele, só perguntam-me sobre Buda. Falamos da profunda sabedoria daquele grande sábio chinês. Interessante, disse-me, nunca turista algum me solicitou falar de Confúcio, o mais célebre, o mais nobre e o mais profundo pensador chinês. Perguntou da minha profissão, médico? Advogado? Engenheiro?. Respondi: fazendeiro. Boa cultura, parabéns, acrescentou.

Pequim é uma cidade encantadora, com suas ruas largas num estilo bem ocidental, onde se vislumbra com mais vigor a força norte americana, seus hotéis de luxo, ao contrário de Shanghai, onde prepondera o tradicionalismo, com sua arte e seu jeito de ser.

Na Praça da Paz, em Pequim, onde dorme o seu sono eterno, está o grande líder comunista, Mao-Tse-Tung, em deslumbrante Mausoléu, uma forte iluminação toda vermelha cobre aquele monumento e se estende por toda a enorme praça.

No semblante de sua população, percebe-se que o comunismo está morto. Com o povo russo acontece o mesmo, mas nunca serão democratas com estigmas ocidentais, isso não. Sentimos que o liberalismo venceu pela ação.

O povo chinês é alegre, o contrário do homem russo, que traz estampado no rosto tristeza e desencanto.

Viajando pelo Expresso de Shanghai, pude avaliar a força de sua produção. Uma agricultura toda irrigada por sistema de gravidade, um processo primitivo, mas econômico, que se estende ao longo de suas montanhas, com fazendas coletivas, de moradias singelas e bem construídas.

Parafraseando Keiserling, na China, a família e a moralidade funcionam e entre nós, não.

Com o sólido senso de Confúcio e a suavidade de Buda, a China será no futuro um desafio ao Ocidente. Preparemo-nos para nos purificarmos e renovemos os costumes.

Num colossal império que resolveu a questão social com uma população feliz, quase não se observa roubos, reinando a ordem em todos os estados, conduzido por uma grande energia, país sem sofrimento, nem por isso deixa de haver abusos por parte de alguma autoridade.

Eles se aproximam muito do ideal cultural onde são escolhidos os melhores.

Andando pelas ruas de Pequim e de Shanghai, pude observar a alegria das jovens mãezinhas, cada qual com um único filho no colo ou pela mão, como manda a lei. Um sistema de governo da mais alta linha de conduta e de trabalho, motivo pelo qual, o chinês quase não imigra.

A TERRA MÃE A CIDADE DO ANO 2.000 A CIDADE DE RONDON

No tumulto da cidade que cresce com seus prédios altos, desafiando as alturas em busca do sol como os deuses de Tebas, com os pés plantados na terra do índio forte, ela vai transportando obstáculos num grito pátrio que lhe sai da alma. Desembarço rústico, próprio daqueles que cantam o hino de sua tribo, conclamando os homens ao desafio ecológico. Convivência pacífica com o meio ambiente e com os índios que habitam estas terras desde tempos remotos, legítimos donos deste solo, com sua cultura que desmorona por impiedade dos homens “civilizados” deste rincão verde-e- amarelo, a quem este homem muito deve por extrair do seu ventre o seu sustento, e que nem sempre reconhece as dádivas ofertada pela terra mãe.

Mas, o homem de bem se prepara para continuar sua marcha através dos tempos, fincando raízes na terra bendita, raízes de glória, nos conclamando a nos aliarmos à grandeza dos nossos índios incautos que acreditam nos seus deuses, que não nos incomodam e nos respeitam até com dignidade.

Mas, no tumulto da cidade grande, próspera e bela, às vezes no auge da sua balburdia natural, ela se deixa corromper pela intemperança de alguns, ou pela insensatez de alguns de seus dirigentes, esquecendo nas horas difíceis o seu povo desamparado.

Na sua bravura de crescer e de vencer, ela não para. Numa marcha imponente, continua sua saga, galharda como os deuses. Não me canso de exaltar esta terra marrom, onde o imortal Cândido Rondon bebia de sua água e que plantava o progresso na ânsia de mostrar ao mundo (ou a si mesmo) que o homem brasileiro é capaz de remover montanhas, plantando nas mais bravias selvas brasileiras, o poder de integrar, o poder de civilizar, o poder da comunicação. Rondonópolis tem na sua origem o sangue daquele sertanista. Um sertanista que possuía na alma e nas veias o mesmo sangue do índio brasileiro.

Rondonópolis, idade de menina moça, é virtuosa. Nasceu para a glória e para ser bendita, para ser mãe querida dos que por aqui aportam. Com sua permissão me tornei seu filho. Nas minhas preces, invoco em seu favor a proteção divina. Ela, apesar de jovem, já possui uma população de aproximadamente 160 mil habitantes.

Peremptória e decisiva, Rondonópolis acolhe a todos com carinho e está sempre indicando aos mais jovens o caminho para o oeste e ninguém melhor do que ela para mostrar que nós temos lá adiante a Amazônia, uma vasta área ainda não ocupada. E que a gula do estrangeiro é muito grande, e não devemos nem queremos ser desapontados por acontecimentos infaustos no futuro, contrários à nossa vontade.

Não sejamos agourentos, mas também não podemos deixar de nos preocupar com o que é nosso. O homem brasileiro terá de ocupar com urgência a Amazônia com todo o respeito às leis e à natureza.

Sejamos sensatos, uma árvore de aproximadamente 40 metros de altura, de 70 a 80 anos para tornar-se adulta, deve ser respeitada. Ao replantá-la, disse-me um “expert” no assunto, a árvore demoraria todo esse tempo para atingir sua maturidade, mas não encontraria mais ambiente para tornar a ser uma árvore com a de outrora.

Numa terra mãe, numa cidade linda como esta, onde vicejam milhares de garotos, como os meus netos, nascidos aqui, os sonhos se repetirão. Numa alegria sem par a caminho da escola, haverão de cantar, na aurora da vida, o nosso hino de esperança, junto com as avezinhas que nas madrugadas gorjeiam o canto do amanhecer, o canto da natureza.

Essas crianças que são a esperança do futuro, ao ouvirem o canto da passarada, que é o canto da vida, cantarão em coro: Bom dia, Brasil, bom dia, Ano 2.000.

Podemos ter chegado em diferentes navios, mas, hoje, estamos no mesmo barco.

Martin Luther King

DOIS TEMPOS DE SOLIDÃO

O homem tem em sua vida, dois tempos marcantes de solidão. Na adolescência e na velhice. Na adolescência, vive a solidão do enternecimento, dos sonhos, das quimeras que enfeitam a chegada do primeiro amor, num arrebatamento de nostalgias e êxtases, assim, como as pequenas bolhas de sabão que aos poucos se vão e se perdem no espaço. Assim o adolescente, em longos devaneios tão belos como a sua primavera, ora em furtivos soluços, ora como o poeta, a contar estrelas, soturnos pensamentos, que só o tempo pode curar, ele

sonha. Na velhice, uma solidão como nuances que se diferenciam no sofrimento. Solitário, o velho no seu perambular, sozinho, sem a sua companheira que partiu, sem arrimo ou pela perda de parentes e amigos que se foram, vai machucando o velho coração do homem, numa melancolia infinda da própria vida, uma vida palmilhada de sofrimentos e alegria, em constante solidão que o fraqueja, ímpetos de choros convulsivos ou imaginações caprichosas, sempre a querer que prevaleçam suas idéias, num desencontrar constante de pensamentos e privilégio com seus familiares. Nos casos de suicídios, muito raro em nosso país, mas muito comum em países ricos, a situação dos velhos, analisada pelo lado psicológico, é a mesma: solidão.

Mas, como consolo, onde a cultura é aprimorada em países como o Canadá, situação financeira do país amparada por todos os meios de assistência médico-hospitalar, na cura e na profilaxia das enfermidades da velhice, os idosos entram na sequência do “dolce-famiente”, como diziam os italianos. Curtos passeios matinais, de cá pra lá, de lá pra cá, como nos versos do querido e saudoso Lamartine Babo, em busca de algo que alivie sua solidão, uma tristeza que vai apertando dia-a-dia o seu cansado coração, mistura de recordações e desapontamentos que a vida lhe causou,

cutucando-lhe o seu amor próprio as velhas e surradas memórias dos verdores da mocidade. Velhos sonhos que se foram e que jamais voltarão, enfraquecendo seus brios, sua memória, sua fala, seus reflexos, sem ter geriatras psicanalistas que deem jeito nessa dor constante a apertar, a dilacerar os pobres e cansados músculos do seu coração. A solidão da velhice só tem um amparo, ou um consolo: cair sob a proteção de um asilo condigno, como no Canadá: os adolescentes, aos 16 anos sentem-se obrigados a deixar o seu lar em busca de vida própria, por força dos costumes e os velhos são internados em asilos à altura dos países super evoluídos, verdadeiros hotéis cinco estrelas. Lá, poderão falar a mesma “linguagem”, dos mesmos perdidos sonhos, das mesmas lembranças da juventude, da mocidade e dos seu ídolos, mitos do cinema e do teatro, de suas músicas, dos devaneios pelos enternecidos amores que se foram, das serestas, das grandes alegrias, dos grandes teatros, das grandes angústias dos velhos tempos em que o imortal Goethe, em prosa e verso, fazia e ainda faz aflorar nos corações, a saudade das “sombras vaporosas” que se diluíam no tempo para voltarem depois em outros corações. A angústia, uma solidão em dois tempos, faz o coração do homem sentir-se ao relento, em profunda amargura, como um grito de dor

da alma, de quem muito trabalhou e muito amou, sem nunca pedir recompensa ao seu trabalho, amor que entregou inteiramente a alguém.

E aqui no Brasil, os dias dos nossos solitários e angustiados velhinhos, como estão?

Nem eu mesmo sei ao certo, só sei que se vão muito cedo, desnutridos, a caminhar pelas ruas, pelas estradas, ao léu, a morrer do coração, de câncer, como parias a pechinchar suas magras e vergonhosas aposentadorias. Morrem de desilusão, discriminados até pelas suas próprias famílias, na sua grande maioria, levando na alma a sua dor. São as agruras do tempo que tudo destrói, são os desenganos pelas paixões adormecidas, das intemperanças, as rejeições acumuladas pelo tempo, a pedir tréguas à sociedade, a fim de assumir sua condição própria de velho, solicitar um lugar ao sol para que possa morrer com dignidade, numa solidão que o infelicita, quando ainda lhe resta um pouco de lucidez.

Na complexidade do Universo, que infunde medo e perplexidade ao homem que o pesquisa e o deslumbra em sua extensão, sem nada entender desse complexo que o torna confuso, estereotipado, sem entender o seu pequeno planeta, onde o vício, que entorpece a mente do homem, está a bater em seu ouvido como “emoção nacional” na perplexidade do inútil. E no rol dos que chegam para a vida sem temores às vicissitudes do tempo, sentindo no deslanchar dos anos a redenção que trazem durante gerações, o ser humano presencia atônito, pesquisa, medita e, por fim, é levado a descrever no maior mito interpretado pelo homem, o que mais se aproxima da verdade do mundo, uma força que transcende ao homem com seus devaneios inúteis, uma fantasia que o compense para a vida, ofuscado pela perplexidade da sua própria razão de viver.

Que teme uma alma em paz consigo?

E um feliz destino envelhecer e morrer no meio daqueles com os quais se cresceu e combateu.

Enfim, sede modestos e audazes, amar, pensar, trabalhar, comandar todas essas ações são difíceis e não chegareis no curso da vossa existência terrestre a fazer nenhuma delas tão perfeitamente quanto vossa adolescência sonhara. Mas, tão árduas quanto possam parecer, não são.

Entretanto, impossíveis. Antes de vós as gerações inumeráveis dos homens as realizaram, bem ou mal, atravessaram entre dois

desertos de sombras, estreita luz da vida. Que temeis? O papel é curto e o público, mortal como vós mesmos.

Do livro - A Arte de Viver - de André Maurois

O DESFILAR DAS MINHAS CANÇÕES

Na tristeza da noite que chega, ao deslanchar do anos que passam, no silêncio da tarde que morre, minha alma se deixa levar no tempo, no tempo das minhas melodias, melodias dos meus verdes anos, dos verdes anos da alegria, da alegria que passou, do tempo da saudade. De uma saudade que é só minha. Das minhas canções, dos meus cantores preferidos, como o “cantor das multidões”, Orlando Silva, Chico Alves, “o rei da voz”, Carlos Galhardo, “o eterno romântico”, uma das vozes mais belas do Brasil, o cantor que estudou canto no Scala de Milão, Sívio Caldas, “o caboclinho querido”, num desfilas de melodias, valsas, sambas canções e marchinhas que eu tanto adorava nos carnavais da minha adolescência, da minha mocidade. Dos sambas canções da cor do Brasil, como Serra da Boa Esperança de Lamartine Babo. Foi Ela, do consagrado Ari Barroso, na voz de Francisco Alves, música de uma beleza singular, exaltada pelo grande apresentador Cid Moreira, num programa do MEC, Serrana, com Sívio Caldas, a beleza da música popular brasileira.

O Carinhoso, de Pixinguinha e João de Barro, símbolo da nossa MPB, que furando as nuvens do tempo, atingiu a alma das crianças, dessas mesmas criancinhas que, embaladas no seu canto, não sabem que Carinhoso reina há mais de 50 anos sem ligar para o tempo que corre, sem se despedaçar na orgia do mundo. Tudo porque ela é muito linda e vai passando pela voz e o coração das crianças, de geração a geração, assim como a verdade imortal do imortal universo que expia cauteloso os nossos conturbados dias, das tristes tardes de nossas vidas. É como o amanhecer das crianças, voando, voando, de tal forma que o próprio tempo esquece de rodar e rodar. Assim, a música passeia em torno de nós, aloja-se em nós, nos aquece e nos dá vida, vida de lembranças tantas, que só os clássicos nos proporcionam, numa dança de sons que nos eleva e enobrece a alma. Não importa seja a valsa Rosa, de Pixinguinha, ou Capricho nº 24 de Paganini, não importa, contanto que seja bonita, que seja boa música, que possa levar a alma humana aos píncaros da grandeza de Deus.

Foram-se os meus ídolos, ficaram suas músicas. Que importa o tempo que passa e que já nos ameaça. A vida é para ser vivida intensamente e com alegria, como pregava Jesus Cristo às multidões.

Cristo, no seu canto de paz, proclamava o amor. A música, com sua melodia, nos leva à vida.

Carmem Miranda, morreu sorrindo e feliz, ela cantava a vida. O seu chorinho Polichinelo é uma obra prima. Se ninguém, no mundo de hoje, o conhece é uma pena, autoria de Gadé e Almanir Grego. Ainda bem que os norte-americanos se lembram dela, exaltam sua memória e carregam com eles pelos teatros e por todo seu mundo artístico, o canto de Carmem, voz de Carmem, as roupas de Carmem, nome inesquecível de Carmem e têm Carmem em seus corações. E nós? O que fizemos até hoje por ela? Quase nada. Dizem que existe um pequeno museu, quase não o conhecemos. Somos mesmo um povo de curta memória. Aqui neste país, nem sequer citam mais os nomes dos compositores das músicas. Que o digam os produtores de novelas e outros bichos mais.

Quando alguém falar por aí dos sucessos do passado caem de pau no saudosista, só que, nos carnavais de hoje, não sabem cantar outras músicas a não ser as velhas marchinhas como Alláh-la-ô, de Nássara e Haroldo Lobo ou A Jardineira de autoria de Benedito Lacerda e Humberto Porto.

Não estou me referindo especificamente aos nossos moços, pois que, quando o veterano Carlos Galhardo se apresentou há alguns anos, antes de morrer, aqui na cidade de Rondonópolis, foi uma consagração. O Clube Rondonópolis estava com sua sala de espetáculos completamente lotada por jovens que o aplaudiam calorosamente, solicitando com efusão outras páginas do seu repertório e até de outros cantores da velha guarda.

Carmem Miranda, a pequena notável, deveria estar em cada coração brasileiro, mas, não está. Deveria ser expoente da música popular brasileira, mas não é. A marchinha Taí, de autoria de Joubert de Carvalho, uma criação de Carmem Miranda, deveria ser cantada nas escolas pela pureza dos seus versos e de sua música, uma música com quase 70 anos de existência, que resiste ao tempo, nos encantando com sua singela melodia.

Quando ainda adolescente, eu gostava de conversar com minha cunhada Amélia, do Olívio. Ela sempre soube falar com entusiasmo das nossas músicas, da nossa gente, dos nossos ídolos, da nossa arte. Uma mulher vibrante, estava sempre à procura e acompanhando os acontecimentos da época. Hoje,

quando vou a São Paulo, não me furto de visitá-la. Sempre vibrante, com quase 90 anos, sempre a falar do que é nosso, dos nossos ídolos, dos nossos mitos. Uma cultura latente, a daquela mulher.

No Brasil, falar da música romântica e dos velhos cantores é quase proibido. E nos Estados Unidos? Bem, nos Estados Unidos, o cantor Frank Sinatra com 80 anos de idade continua nas paradas de sucesso. Na Argentina, há bem pouco tempo, foi realizada uma pesquisa entre os jovens portenhos, para saber qual o maior e o mais popular cantor argentino de todos os tempos. O vencedor? Carlos Gardel. Na França, Maurice Chevalier é sempre lembrado, assim como Edith Piaff. Em toda a Itália, também cultivam seus ídolos, Caruso, Carlo Butti, Mário Lanza e uma infinidade de estrelas que continuam brilhando mesmo depois de muitas décadas. E os Beatles, na Inglaterra? Bem, os Beatles da década de 60, estão aí para arrasar Para esses, todos batem palmas, não? E como não haveríamos de aplaudi-los, nós também do Brasil?

Então como ficam os nossos ídolos que já se foram? Deles pouca coisa resta. Em raras emissoras de rádio desse imenso Brasil, poderão ser ouvidos alguns dos nossos cantores da velha guarda nas tristes madrugadas, voz vagando no espaço à procura de um sonho ou à procura de nada, como um clamor de dor e de saudade.

Só assim, cantarei sozinho, cantarei baixinho as músicas do meu tempo, as músicas do meu Brasil que se foi...

Esta cabocla que é morena bem trigueira / a mais linda brasileira / norte sul do meu Brasil/ Eu já fiz tudo para ter teu coração /mas embalde, tudo em vão / não mereço teu amor / Ela me disse que pertence à natureza / achei graça na franqueza / disfarçando a minha dor.

Trecho da canção "Serrana" - Criação de Silvio Caldas, de autoria dos compositores Alberto Costa e José Júdice

O CLÃ DESFEITO

Quando as famílias Roveri e Galletti chegaram ao Brasil, procedentes da região mais próspera da Itália, a Lombardia, parte setentrional daquele país, eram compostas das seguintes pessoas, do lado da família Roveri: meus avós, Lázaro Roveri e a

avó Maria, sua esposa, Fernando meu pai, meu tio Antenor e a tia Benedita (“Bite”).

Meu avô Lázaro, homem franzino, inteligente, tinha um olho vazado por uma pedra quando trabalhava na construção de uma estrada de ferro, na França. Possuidor de uma memória invejável, era constantemente procurado pelos engenheiros incumbidos da construção do sistema elétrico subterrâneo, nos canteiros do jardim de Pirangi, era um excelente matemático.

Muito pequeno ainda, eu gostava de sentar-me no chão ao seu lado, e ele sentado em uma cadeira, apoiado por uma bengala, narrava sua vida na Itália.

Do lado da família Galletti, o clã era composto ao todo de um lado por 4 mulheres: Adelaide, minha mãe, tia Mariana, tia Anunciata e tia Madalena, pelo lado dos homens: tio Fidélis, tio João e tio Belarmino, o mais moço.

Minha mãe Adelaide que era Galletti, casou com meu pai que era Roveri, e minha tia “Bite”, que era Roveri, casou-se com meu tio Fidélis, que era Galletti. Assim nasceram os primos irmãos: Artur, Antenor, Agenor e Irma, (filhos do casal Fidélis e Benedita (“Bite”)) e Vítório, Olívio, Antoninho, Alberto, Ermelinda, Artur, João, Mário, José e Elvira (filhos do casal Fernando e Adelaide).

Tia Mariana casou-se com o tio Bruno e tiveram dois filhos: Pedro e Osvaldo.

A tia Madalena casou-se com tio Samuel e nasceram desse casamento: Pedro, Anunciata, Terezinha, Antônio e Vítório.

Do casamento do tio Belarmino com a tia Angelina nasceram: Antônio, João, Ângelo, Alberto, Isolina e Assunta.

Tia Anunciata teve 3 filhas e um filho: a Rosa (esposa do inesquecível “Chico Galli”), Celeste, Albertina e Neldo.

Na consagração de uma luta próspera, em busca da década de 20, duas famílias puderam revelar suas riquezas, com glamour, os rebentos da família Roveri se projetavam no mundo das competições, corridas de automóveis de Barretos a São Paulo, lua-de-mel em Poços de Caldas, ponto alto para lazer das famílias ricas da época, como Campos do Jordão, Ilha Porchat, recanto paradisíaco dos Barões do Café e de outras extravagâncias como vinhos e frutas importadas, peças de seda chinesa, pedestais do mais fino mármore de Carrara, jarros do Japão que ornamentavam as salas de jantar e de visitas, principalmente na residência do meu tio Fidélis, onde se concentravam a maior riqueza, carrões sofisticados como um Oldsmobile de sua preferência, com os mais refinados requisitos da tecnologia norte americana.

Em casa da tia “Bite” eu me deslumbrava com as obras primas da arte de porcelana chinesa, num desfile de jogos de pratos, xícaras e bules bem branquinhos, mesclados de um vermelho incandescente, filetes de ouro nos bordos, na mais pura harmonia de cores, levando-me ao encantamento, quase a um deslumbramento. Perdido em sonhos, na quietude daquele ambiente, no verdor dos meus anos, perdido nas nuances daquelas cores, mergulhava em mim mesmo em êxtase, com reflexos de tanta vida, a sonhar os mistérios do mundo. Ia assim, num arrebatamento que só as crianças sabem descortinar com autenticidade, na beleza do azul do céu, do ouro, do amarelo, do verde do mar e de tantas outras cores a confundir-lhes a razão, numa sequência de descobertas que só a natureza e a arte lhes proporcionam, na dança do mundo, na busca de sua identidade, e aos poucos revelando em si, a felicidade que o inspira, para cair na dor que fortalece o espírito.

Perplexo, perdia-me em devaneios, naquela casa de minha tia, carregada de surpresas para aquele menino introvertido que desconhecia os dogmas da vida, procurando se afirmar e crer, perdido em fantasias e caprichos da imaginação.

Duas famílias, um clã de italianos que bem merecia toda aquela riqueza tirada da terra, nas carpas de café, como colonos, até atingirem o estrelato como homens ricos. Mas o fim da década de 20 se aproximava e chegava ao fim a era do café. A avalanche se desprendia com violência total no auge da inconveniente monocultura.

Durante o curso promissor, acontecera o pior, meu tio Fidélis morrera num desastre de automóvel, balançando daí por diante a estrutura daquelas duas famílias tão unidas, já esbarrando no caos, porque era ele o timoneiro de todos. Para onde ia seu barco o resto do grupo o seguia, com exceção do meu tio João que sempre morou longe dali. No início dos anos 30, perdeu a vida ao atravessar os trilhos da estrada de ferro entre Taquaritinga e Jaboticabal com seu automóvel, deixando minha tia “Luizinha” desolada com seus filhos: Euclides, Lino, Mário, Pedro e Irma.

Assim caminhavam as duas famílias para o fim da década de 20 num encontro brutal com a “grande débâcle” que assolou o mundo, de 1928 a 1929, levando de roldão toda a economia daqueles que tanto lutaram para adquiri-la.

Minha avó, Maria Galletti, morou com tia Mariana, até sua morte, na parte baixa da cidade atrás da igreja matriz. Quando criança, constantemente sentia dores de dente. Minha mãe me mandava procurar minha avó Maria, a nona, lá na casa da tia

Mariana a fim de que ela me benzesse. Uma velha com quase 100 anos de idade, alta, gorda e cega, cegueira provocada por catarata. Benzia-me com um raminho de arruda, à meia voz e curava de verdade a minha dor de dente. Então, lá ia eu correndo rua afora, alegre, sem me ocupar com o motivo da cura, sem atinar para o que Freud, no seu universo poderia mais tarde, opinar sobre as causas dos sofrimentos da humanidade.

Em meus sonhos de criança, não pensava na dor, sonhava só com a vida. Assim como as falenas nas manhãs de primavera ao sol ardente, enamoram-se da vida, eu, um infante enamorado das estrelas, corria para a vida.

O tempo, todavia, não para de ouvir os lamentos dos que perderam seus entes queridos, nem para aplacar a dor dos que muito amaram e ficaram sós.

A caminhada prosseguia lenta, sofrida, sem tréguas, à procura de outros rumos ao longo da existência. Assim, aquelas famílias caminhavam ao capricho da sorte.

Meu tio Antenor, morava em frente à farmácia do Antoninho, meu cunhado. Possuía um armazém e vivia de sua renda. Minha tia “Tina”, havia falecido, deixando cinco filhos: Nestor, Armando, Antônio, Valdir e Walter. Do seu segundo casamento nasceram quatro filhos: Osmar, Durval, Elza e Dalva.

Tempos difíceis pesavam sobre aquela gente, mortes de tios e tias iam acontecendo e as famílias se desgastando. Novas gerações despontavam, trazendo em seu bojo, uma plêiade de gente: médicos, advogados, engenheiros, professores, farmacêuticos e arquitetos, no renascer de um novo mundo, de novas lutas, de novas vidas, de novas esperanças.

Acontecimentos nefastos deixaram marcas profundas nas pessoas que restaram daquelas famílias, marcas indeléveis como o acontecimento nos anos 20, da morte do primo irmão Antenor, o mais velho da família do meu tio Fidélis. Jovem muito vivo, ainda um adolescente, criatura que era a alegria de todos, trazia na alma a luz da vida a dar beijos e abraços em todos, que chegava de férias, numa felicidade igual. Morreu de um modo tão imprevisível, sem que alguém jamais pensasse em uma morte tão súbita e cruel.

Estudava no Colégio São Luiz de Jaboticabal com seu irmão Artur (“Tudim”), quando certo dia, a família recebeu um telefonema avisando de sua doença repentina. Foram buscá-lo, morreu entre aqueles que o queriam bem. Ficaram duas versões sobre sua morte, sem que ninguém chegasse a nenhuma conclusão: meningite ou um possível tobo levado numa acrobacia mal

sucedida no pátio da escola, afetando o cérebro. A cidade inteira chorou. No funeral, seu corpo foi levado ao cemitério por quatro alunos do mesmo colégio onde estudava, alunos com uniforme de gala, todo branco, luvas brancas, baionetas, quepes brancos, correias de verniz pretas em sua volta, e com a bandeira do colégio, branca e vermelha, cobrindo o seu caixão, numa cena emocionante e inesquecível. Uma criatura que trazia na alma a felicidade do mundo: Artur Roveri Galletti.

Querer é essencialmente sofrer. E como viver é querer, toda a existência é essencialmente dor.

Artur Schopenhauer - filósofo alemão

LÁ EU MORARIA

Quando me perguntam onde eu gostaria de morar por lugares onde passei, respondo: Moraria na ilha de Santorini nas ilhas gregas. Moraria em Jericó a 20 quilômetros de Jerusalém, não muito longe do rio Jordão, com um oásis na entrada da cidade, lugar calmo, sonolento, com sabor de sagrado onde eu beberia água límpida e pura de uma bica ali existente, lá eu moraria. Em contraste com Jericó, eu moraria num lugar paradisíaco na outra parte do mundo, numa ilha do Havaí, em Honolulu, lá eu moraria. Moraria em Beverly Hills, entre os meus mitos, alguns já falecidos como “Rodolfo Valentino”, o astro da minha infância, Charlie Chaplin, Gary Cooper e tantos outros como Frank Sinatra no rol dos vivos, lá eu moraria, para passar a vida correndo com o meu carrão pelos free ways de Hollywood ao centro de Los Angeles, vendo passar em disparada as mansões como a de “Rodolfo Valentino”. Moraria em Copenhague, na Dinamarca. Moraria em Quebec, no Canadá, entre o moderno e o medieval, um país que arrastará consigo a hegemonia do mundo dentro de algum tempo. Moraria na Itália, junto aos Apeninos, entre as parreiras e macieiras, numa “dolce vita”. Moraria na floresta amazônica entre as matas virgens, e lá eu moraria.

É agradável anunciar a queda dos grandes impérios. Isso nos consola da nossa pequenez.

Voltaire

DIA DAS MÃES

Neste dia, dia que é seu, Mãe querida, a senhora que governa o mundo, aqui vai minha singela homenagem:

Virgem pura “in excelsis”.
Mãe venerável,
Rainha nossa eleita,
Tu que aos deuses te igualas,
Soberana do mundo,
Dá que eu possa, contemplando-te,
No azul da tenda celeste,
Extasiar-me em teus arcanos.
Todo elevado intento
Seja posto a teu serviço
Virgem, Mãe, Rainha
E Deusa, concede-nos
A tua graça!

Fausto - de Goethe

E num rasgo de fulgurante beleza, numa apoteose do amor, transcrevo trechos da obra de Rabindranath Tagore, “Lua Crescente”, “O Princípio”.

“De onde vim? Onde me apanhaste? - perguntou o menino à sua mãe.

Ela respondeu entre chorando e rindo, a apertar o filho contra o peito.

Estavas escondido no meu coração como um desejo dele, meu querido.

Estavas nas bonecas, nos brinquedos de minha infância e todas as manhãs, quando eu fazia de argila a imagem do meu deus, era a ti que eu fazia e desfazia.

Estavas no mesmo santuário do deus do nosso lar e, ao adorá-lo, era a ti que eu adorava.

Viveste em todas as minhas esperanças e em todos os meus amores, na minha vida, na vida de minha mãe.

No regaço do espírito imortal que rege o nosso lar, fostes nutrido durante séculos.

Quando na meninice meu coração abria suas pétalas, pairava em torno dele como uma fragrância...

A tua terna suavidade floresceu no meu corpo jovem, como um clarão no céu antes do sol.

Predileto do céu, irmão gêmeo da luz da manhã, baixaste ao rio da vida deste mundo e, afinal, ancoraste no meu coração.

Quando fito o teu rosto, esmaga-me o mistério. Tu, que pertences a tudo, te tornaste meu.

Que medo eu tenho de te perder... É por isso que eu te estreito em meu seio

Ah, que milagre envolveu o tesouro do mundo nestes meus tão frágeis braços”?

TEMPOS DE VACAS MAGRAS

Hoje, dia 8 de dezembro de 1995, data do meu aniversário. Estou na fazenda com os meus vaqueiros “correndo” invernadas, vistoriando o gado que pasta calmo. Uma vida feliz para mim junto à minha família e aos meus vaqueiros, todos trabalhando com prazer, contando piadas, os mais novos azucrinando a paciência dos mais velhos, cada qual querendo ser mais macho que o outro, todos muito engraçados e me fazem rir. Enfim, trabalhando divertindo, e divertindo trabalhando, é o lema dessa gente simples possuidora de um senso crítico incrível, que ao mesmo tempo que trabalha, tira “sarro” uns aos outros.

“Donizete, vamos derrubar aquele boi que esta ali, mancando”. “Vamos ver se ele tem alguma “novidade no casco”. “Nego, jogue o laço nesse boi e ajude o Eleazer a derrubá-lo”. “Zezinho segure o boi pelo chifre, cuidado para não se machucar”. É assim a vida no campo.

Tempos de vacas magras para nós criadores, preço da carne muito baixo. Mercosul concorrente, aftosa não erradicada em alguns estados da federação. Dificuldade de exportação por causa da valorização do Real, sem condições de competição no mercado internacional. Assim vamos aguentando os trancos e saracoteios do mercado consumidor. A meta é produzir bem e barato, para termos condições de competir, o que não é fácil, principalmente por causa da forte pressão por parte da maioria da classe médica contra o uso da carne bovina, a maior fonte de proteína vermelha do planeta, de onde se extrai de rezes abatidas em frigoríficos, a vitamina B12, indicada nas anemias e nas doenças reumáticas, muito particularmente nas artrites e nas convalescenças das pessoas idosas e das crianças.

Descendo para o almoço, fui recebido com palmas e “parabéns a você” pelo meu neto Rafael e pela turma da casa. Marco e Fernando não estavam presentes. O Marco já está com

dezoito anos, e não esconde sua preferência pelo campo, trocou os estudos pela compra de bois, com sucesso, apesar da sua incontestável inteligência, mas mesmo assim, aguardamos sua volta aos estudos. “E o Fernando, onde está?” perguntei. “Está ajudando no transporte de uma boiada, a convite do seu amiguinho, Olavo Neto, para a fazenda Morro Alto”, falou-me sua mãe Adelice. “São três marchas por terra, e não há inconveniente nenhum, pois os peões são muito cautelosos”, afirmou ela. “Como pode um menino, de apenas 13 anos, viajar no lombo de um cavalo, dormindo à beira de córregos ou em choça, em estradas desertas, quando deveria estar se preparando para os exames escolares de fim de ano?” perguntei. “Ele já concluiu suas provas e foi aprovado com boas notas.” “E as lições de inglês?” “Também vai muito bem”, disse-me ela.

O Fernando é vice-campeão nacional na prova de “team roping” em Londrina/PR, tri-campeão estadual em tambor. Possui uma infinidade de troféus em diversas modalidades de provas, ótimo jogador de futebol, monta como gente grande, e costuma esquiar em Salt Lake City, sempre que lhe é possível, junto com os seus irmãos, Marcos e Rafael.

Enfrentando desafios que a vida nos proporciona, e encarando o mundo por um lado mais amplo, enquanto a humanidade sempre tropeçando nas incoerências que encontra pelo caminho, nós, do campo, vamos com os nossos sonhos em busca de novos horizontes, novas formas de trabalho, sempre com a alegria que a natureza nos proporciona.

Onde estão o passado e o futuro, se é verdade que existem?

Santo Agostinho (354-430) - teólogo e filósofo cristão

MEUS NETOS, NOSSOS NETOS

As pessoas que sempre sonharam ter um filho talvez nunca pensaram o que representam os netos em nossas vidas.

São eles, criaturas do mais profundo amor, nos querem bem com muita pureza, sem nada pedir em troca, nos amam e pronto. Por parte dos avós não é muito diferente, os avós amam seus netos, da mesma forma, sem tensões e interesse outros no tempo que os separa é enorme e, assim envolvemo-nos com eles nas suas fantasias, nos seus sonhos, nos seus encantamentos. O mundo deles fica sendo nosso, também.

A história dos netos é sempre um fato notável. Na infância, na inocência dos seus pensamentos, a criança sonha com o mundo e o descobre aos poucos, na sua amplidão. Eles, ao nascerem, passam a pertencer à natureza, a semelhança de Deus, na sua doçura e na sua singeleza, e quando nos envolvemos com suas alegrias, recomeçamos a viver.

Quando meus netos crescerem, irei vê-los sempre crianças, com a mesma graça dos que se encantam com as coisas belas do mundo, numa criação personificada com o Criador na sua mais ampla magnificência e amplidão pelo infinito afora.

Hoje, quando os vejo, percebo a vida em seus olhinhos, como uma flor a desabrochar, envolvidos com a natureza. O tempo passa, as borrascas também, as primaveras continuam enfeitando os sonhos dessas crianças. Então a emoção nos invade ao falarmos dessas criaturas que nos fascinam, frutos dos tumultos e o esplendor das almas femininas, como uma estrela a brilhar.

Aqui fica uma advertência aos pais de nossos netos: Na vida, temos que ser vitoriosos. Essas criaturinhas não os perdoarão nunca se não forem vencedores. Na infância, eles os têm como heróis, mas, na idade adulta virão as cobranças, não tenham dúvidas. Para eles, nessa idade, vocês deixarão de ser heróis para serem empresários campeões. Assim exige a vida moderna, segundo o que os modernos mestres nos ensinam.

Para ser o que eles exigem, antes de tudo, vocês terão de convencer a si próprios da educação e do comportamento a ser adotado. Como? Vejamos, por alguns instantes, o que diz o grande sábio chinês, o mestre Confúcio:

“Os grandes antigos, quando queriam revelar e propagar as mais altas virtudes, punham em ordem seus estados. Antes de porem seus estados em ordem punham em ordem suas famílias. Antes de porem em ordem suas famílias, punham em ordem a si próprios. Antes de porem em ordem a si próprios, aperfeiçoavam suas almas. Antes de aperfeiçoarem suas almas, procuravam ser sinceros em seus pensamentos e ampliavam ao máximo os seus conhecimentos. Essa ampliação dos conhecimentos decorre da investigação das coisas, ou de vê-las como elas são. Quando as coisas são assim investigadas, o conhecimento se torna completo. Quando os pensamentos são sinceros, a alma se torna perfeita. Quando a alma se torna perfeita, o homem está em ordem. Quando o homem está em ordem, sua família também fica em ordem. Quando sua família está em ordem, o estado que ele dirige

pode cair em ordem. É quando os estados caem em ordem o mundo inteiro goza de paz e felicidade”.

Roberto Shinyashiski, no seu livro “Revolução dos Campeões”, diz:

Uma rosa não exala perfume porque alguém irá puni-la, ela simplesmente

O faz porque é a única maneira que conhece de existir.

Não desperdice sua vida, procurando a aprovação dos outros. O importante é estar de bem com você mesmo.

Sucesso é ser feliz.

Sucesso é quando as crianças sorriem para você e os cachorros abanam o rabo quando você chega. Vitória é quando sua filha tem orgulho de você.

Exitos é quando você acorda e o dia não pesa em seus ombros.

Para quem quer tornar sua vida feliz, e para quem deseja que seu filho continue chamando-o de “Pai Herói”, nas palavras do grande mestre Confúcio está a viga mestra para quem deseja a paz para si e para sua família.

As crianças são o símbolo da pureza e da paz. A nós cabe a tarefa de prepará-los para o futuro. Tudo dependerá de nós para que seus nomes se perpetuem no tempo. Com ardor cultuaremos a dignidade e a honradez para que sejamos mercedores da admiração desses nossos pequeninos pupilos, aos quais, entregaremos a tocha ardente do bem, numa sequência de segurança e bem estar que, felizes, levarão, para orgulho desta nação.

Filhos, sois para os homens o encanto da alma.

Menandro, poeta grego

DIREITOS HUMANOS

Em Bangkok, a capital considerada a Veneza do Oriente, quando lá estive, senti a disparidade do contraste (assim como no Brasil), uma camada da população rica, outra muito pobre. Fiquei encantado com o que vi lá. Um país independente há 600 anos e com um fabuloso acervo histórico e cultural, como o grande Palácio e a antiga sede da costa do Velho Sião. Visitamos para encantamento dos nossos olhos, o Templo Wat Phra Keo com seu famoso Buda de Esmeralda, o Panteon dos Reis e a Sala da

Coroação, verdadeiras jóias raras não encontradas sequer em países como a China e Japão, isto é, para o meu gosto.

Em uma das noites que permanecemos naquela capital, fomos assistir a uma apresentação de sexo explícito em um pequeno teatro onde se exibia, num pequeno tablado, um casal de jovens tailandeses. Acompanhou-me naquela noite um moço da cidade de São Paulo. Eles apresentavam-se três vezes durante a noite, se não me falha a memória. Na consumação do ato sexual e como autenticidade do espetáculo o jovem moço exibia o pênis ainda em estado de ereção e de ejaculação. Uma cena exótica. Três ejaculações por noite, o jovem casal suave de fazer dó. O moço que me acompanhava permaneceu o tempo todo da exibição, perplexo, não ria, estava chocado com tanto escândalo para seus sentimentos. Na volta ao hotel não pronunciou uma só palavra. A exibição com certeza mexeu com os brios do rapaz. Coisas do mundo moderno. Exibição idêntica eu já havia assistido em Paris. Em minhas viagens procuro inteirar-me de tudo que instrua ou destrua a formação da juventude. E pergunto-me: e a defesa e proteção dos mais fracos? Será que existe? Ou será como dizia o célebre filósofo grego Platão, que “a justiça nada mais é do que a conveniência do mais forte?”

A justiça nada mais é do que a conveniência do mais forte.

Platão - filósofo grego

OS DIAS QUE SE FORAM

Naquela manhã, as chuvas recrudesciam sem prenúncio de bonança. Corria o ano de 1946.

À noite chovera muito e o tempo indicava mais chuva no decorrer do dia. Eram as chuvas de verão. Eu, um obstinado, mas sem condições de sobrevivência naquela lonjura, a vastidão, o silêncio e o vazio, antepunham-se às minhas esperanças. Esperanças, que havia muito de quimérico. Incerto como todo sonho, eu começava a perceber as minhas vãs fantasias, a razão das minhas buscas inúteis...

Chovia a cântaros. O tempo corria preguiçoso, impregnado de monotonia, nada indicando um futuro próspero. Ainda assim, numa resolução estóica, trazia comigo uma vontade imensa de vencer. Sentia o que havia de mais doloroso em mim, a saudade. O sofrimento é amargo, quando estamos longe das pessoas que

amamos, reacendendo, então, as lembranças que nos perseguem.

A chuva caía e eu meditava. Logo adiante, na mesma e única rua, alguns casebres foram construídos no decorrer dos meses em que eu havia chegado, míseras famílias ali se alojavam na mais extrema escassez de alimentos.

Um homem atravessa a rua em direção à minha farmácia.

- Bom dia, senhor.

- Bom dia, respondi.

- Venho em busca de recursos, falou.

- Doença?

- Sim, minha mulher não consegue dar à luz, a criança não quer nascer.

- Onde o senhor mora?

- Logo ali, na ponta da rua, naquele barraco.

- Bem, vamos lá.

Dentro de alguns minutos estava eu lá com alguns medicamentos à mão e muita vontade de trabalhar.

- Entre moço. Disse-me.

Ao entrar no quarto, deparei espantado, com uma mulher ainda jovem, de pé, e, com as mãos apoiadas na parede, e uma perna de um feto dependurada, exposta, entre as pernas, o resto do corpo ainda por nascer.

Uma goteira insistente caía no meio do quarto.

A mulher gemia, e eu, pasmo, diante daquela mulher, sem saber, de momento, o que deveria ser feito, um caso de distócia (posição e apresentação viciosa do feto).

Lembrei-me do doutor Clementino Canabrava Filho, quando me ensinava como proceder em casos semelhantes. Ele sabia muito bem o que eu poderia enfrentar naqueles sertões incertos, sem recurso médico. Dizia-me sempre, quando o acompanhava nas suas visitas a doentes, pelos sítios e fazendas da região onde morávamos, para que eu nunca tomasse uma posição precipitada sobre qualquer mal, sem que tivesse certeza do que estivesse fazendo.

Eu e o marido a colocamos na cama, voltei à farmácia para consultar meu velho Chernoviz e trazer mais medicamentos e material de desinfecção. A mulher muito magra, facilitava em parte o meu trabalho. Mas era um parto, que teria de ser feito por médico da categoria do Dr. Canabrava e não por um boticário de província.

Numa renhida luta para poder salvá-la e se possível salvar a criança, eu seguia conscientemente os conselhos do meu mestre.

Minutos antes eu advertia o marido, da conveniência de conduzi-la para a cidade de Jales, a um médico parteiro. Mas, eu sabia muito bem da impossibilidade de levá-la para fora daqueles confins por não possuir um veículo sequer no lugarejo.

Então, propus-me àquela tarefa praticamente inédita e cruel para mim. E lá fui com muita atenção ao trabalho que requeria conhecimento e muita cautela, levando-me a repetir mentalmente as palavras do espanhol Mira Y Lopez: Suave na forma, firme no propósito.

Depois de 5 horas de árdua tarefa, consegui recolocar a criança na posição correta, salvar a parturiente e a criança. Minha missão estava cumprida, mas pedi, encarecidamente, a Deus, para que não me aprontasse outra.

Diz o ditado árabe que “quem salva uma vida salva o mundo”.

Se a vitória nos for denegada será porque não somos nem dignos nem capazes de obter vitória.

Anatole France - poeta e literato francês

A PRIMAVERA DA VIDA

Chovera à noite. A manhã surgira radiante. A fresca do amanhecer dava a sensação da eternidade.

Suave e pura como o beijo de uma criança, tão bela como os candelabros prateados da igreja de minha aldeia, refletindo esplendores áuricos, salpicados de reflexos multicoloridos, numa confusão de luzes enfeixadas por um raio de sol que invadia os vitrais da capela.

Naquela manhã, eu sentia a doce eternidade da ilusão.

Vagueando de um lugar para outro, entre as nuances primaveris, num pensamento de cores tão belas como a vida, como as crianças nos primeiros passos, a querer alcançar o infinito, numa inquieta investigação do todo, a fitar o céu, perlustrando o espaço sideral. E eu, num perpetuar de loucuras mil, loucas quimeras, loucura de querer, ânsia de outros sonhos, sonhos não alcançados, assim como as glaucas ondas do meu cérebro fantasiado de Pierrô, em embarcações bizarras, em loucas maresias, em terra distantes.

Eu sentia a fantasia da vida.

Eu passeava pelo jardim que a vida valia a pena ser vivida. A manhã era tão bela como as rosas do rosal em flor de um vermelho rubro como os afrescos de Pompéia, perdidos na lonjura do tempo e na beleza que se esvai. Eu sonhava com a felicidade, mas a felicidade é como o sol da primavera que ao se esconder nas lindas tardes das flores, parece nos dizer adeus. Sólon, um dos sete sábios da Grécia, foi perguntado por Crespo, o último rei da Lídia, célebre por suas riquezas e embriagado de sua felicidade, se conhecia alguém mais feliz do que ele. O sábio ateniense respondeu que a ninguém antes de morrer se podia dar o nome de felicidade. O mesmo acontecendo com um velho rabi de velha lenda muito bela a quem um aluno em visita pergunta: “Rabi, outrora havia homens que viam Deus face a face, porque não acontece mais isso”? O Rabi respondeu: “Porque ninguém mais hoje em dia é capaz de inclinar-se convenientemente”.

Naquele momento, diante da beleza das flores, senti em vida, a felicidade.

Como na paisagem dos sonhos, como na serenidade do mar, no silêncio das matas, no canto materno das mães queridas que embalam seus filhinhos que nascem dos mistérios da natureza, num doce cantar, num doce embalar, que nos encanta com seus divinos poderes maternos, numa missão sublime a ser contemplada, a ser reverenciada como um sentimento de santidade. Assim como no poema de Rabindranath Tagore:

Será como a estrela fiel lá em cima, quando a noite escura tombar sobre a tua estrada. A minha canção pousará nas pupilas de teus olhos e levará a tua vista até o teu coração vivo.

No embalo deste poema, eu auscultava meu coração solitário.

Como na beleza dos vãos altos das gaivotas sobre o mar, a querer alcançar o apogeu, como numa estoica conduta de Antígona, de uma nobreza do mais alto grau de dignidade humana, transporta o seu coração às bordas do desconhecido, como doce canção de amor.

Assim Deus criou a Primavera.

Eu vo-lo digo: É preciso ter um caos dentro de si para dar a luz uma estrela cintilante.

Frederico Nietzsche - filósofo alemão

A VIDA

Como na beleza de um corcel em disparada pelos campos, numa alegria incontida, anunciando chuvas próximas, como que a agradecer a natureza, na frescura do vento que precede o doce cair da chuva, como na fúria das águas impelidas pela força maior das tempestades, como na calmaria das águas que correm lentas ao som do cantar alegre dos Ben-te-vis e da beleza desengonçada dos tucanos, às suas margens, trazendo-me doces recordações da minha infância distante à beira dos riachos, em um mundo existencialista que só as crianças e os pássaros compreendem no seu viver solto, sem amarras, nem preconceitos, sem sentimentos pré-concebidos, sem nenhuma religiosidade banal dos homens, que se dizem mestres, sem nada temer, sem nada pedir, que vêm ao mundo, não pela vontade do homem, mas para participar da vontade do Criador.

A vida é isso, viver, sentir as coisas, voar, voar mais alto ainda, ir aos píncaros da sábia maneira de viver, sem rodeios, sem maquinações. Viver, simplesmente. Viver se possível como todo animal irracional, como as avezinhas que se agasalham ao se aproximar o vendaval, porque elas sabem por intuição que logo atrás vem a bonança, como a andorinha teimosa, que, em vôos mirabolantes e volteios miraculosos, em impetuoso vôo, ganham o azul do céu a proclamar sua força, para lá de cima, se enamorar das belezas do mundo, voltar à tardinha, para repousar no alto do campanário da igreja ao som do repicar dos sinos, à hora da Ave Maria.

VELHOS TEMPOS, VELHOS AMIGOS

Como nos contos das Mil e Uma Noites, ponho-me a recordar da minha infância, as tradicionais festas promovidas pelas famílias árabes de Pirangi com seus costumes seculares que me fascinavam. Acompanhados pela minha mãe, com meus dois irmãos, Zico e Mário, íamos a festas de batizados e casamentos, e nos deliciávamos com suas danças, músicas e fartas mesas de comida.

Em frente à nossa casa, na rua Campos Sales, ficava a residência do Miguel Sabbag, velho amigo da família com enorme loja de tecidos e de sedas importadas.

Todas as manhãs o Miguel Sabbag costumava passear pela calçada em frente à loja a passos lentos com suas filhinhas, Loriz e Esmeralda, a conversar com elas. Hoje elas moram na cidade de São Paulo, sendo Loriz, professora e tradutora da língua inglesa.

Nós, de casa, o admirávamos pela sua educação e pelos modos como tratava as pessoas. A sua residência era enorme, bem arejada, muito bem cuidada por “Dona Salime”, sua esposa, toda pavimentada e revestida de ladrilhos e mosaicos importados, ornada de flores, flores dispostas nas janelas, dando um toque colorido de elegância e beleza, ornamentada com cortinas de rendas, muito brancas, deixando transparecer pela abertura daquelas janelas tão alvas, o aconchegante ambiente familiar, sustentado por tantas alegrias.

Alguns anos depois o senhor Miguel Sabbag mudou-se com a família para São José do Rio Preto, onde nasceu a Ivone, sua terceira filha. Sua residência e a loja foram vendidas a uma família composta de quatro irmãos, todos solteiros: Alfredo, Nemer, Alberto e Espiridião, verdadeiros campeões de vendas; sendo este último, posteriormente criador das Casas Buri.

Naquela mesma rua, naquele recanto iluminado pelo Criador, moravam também as famílias Marasco, Mota, Marconato, Colombeli, Couto, Gambuggi, Choueri, Seba, do meu inesquecível amigo Anício, que nos deixou tão cedo, moço de estatura elevada, goleiro do Pirangi Atlético Clube no final da década de 30, pianista amador, improvisador de valsas e marchinhas carnavalescas. Sempre que lhe solicitava, ele executava uma melodia norte americana de minha preferência denominada “Luar no Colorado”. E numa emoção muito sutil, relembrava os meus tempos de criança, da época do cinema mudo, ao som de um piano.

Em outros pontos da minha pequena cidade outras famílias completavam o elo que nos unia a toda aquela gente tão querida como as famílias Bailão, Marino, Atala, Amato, Polachine, Bernardo da Fonseca, Passalongo, Giraldi, Buck, Prates, da amiga Lola Prates (Dolores), esposa do meu grande amigo de infância Domingos Fini, o “Minguinho”, residentes em Paranavaí no Paraná, a família Crespo do meu amigo Waldemar Crespo, Cantídio Ribeiro, Labela e Guerra, famílias Piteli, Rossi e “Dona Cotinha Sampaio”, família Vanzato, família do Sr. Sebastião Camargo, muitas delas, hoje ausentes, outras desfeitas pela perda de seus ancestrais.

Nesta hora, em que a imaginação se perde na solidão da noite, nas recordações dos dias felizes em que vivi junto àquela

gente tão cara, hoje tão longe de todos, e o tempo tão longe de nós, a emoção me invade com tantas evocações de um passado que não voltará nunca mais.

Miséria e injustiça acabarão por desaparecer, se for permitido à pura luz da razão penetrar nas cavernas escuras da ignorância, da superstição e do ódio.

Erasmus de Roterdã - filósofo holandês, autor de "Elogio da Loucura"

CRENDICES E SENTIMENTOS

Certa feita, lá pelos anos 60, manhã quente de verão, na fazenda, preparava-me para dar uma volta pelas invernadas em meu cavalo pantaneiro, quando surgiu na volta da estrada, meu vizinho, Sr. Moura, que vinha em busca de recursos para a mulher do seu empreiteiro que estava para dar a luz.

Naquele tempo, eu mantinha pequena farmácia em uma das repartições da tulha para atender moradores da região.

- Bom dia, "seu" José.

- Bom dia, senhor Moura, o que o traz por aqui tão cedo?

- É a mulher do meu empreiteiro que está aos gritos e não consegue dar à luz. A parteira há dois dias está lá, mas não está dando jeito, não. Diz que tem que ser levada para Rondonópolis, mas não encontrei nenhuma condução.

- E o primeiro parto? Indaguei.

- Sim, respondeu. Qual é a sua idade? Quarenta anos. Tanto pior, pensei.

- Senhor Moura, também acho conveniente procurar recursos na cidade. Ele insistiu: queria que o senhor desse um pulo até lá e a examinasse. Sabemos que o senhor entende muito de parto. Sua presença vai ser muito importante, e trouxe comigo um cavalo para o senhor.

"A mulher vai morrer por falta de assistência". Atendendo seu pedido, coloquei numa bolsa de couro alguns medicamentos que provavelmente seriam usados e partimos.

A casa da parturiente ficava do outro lado do rio, lá em cima da serra, a uns três quilômetros distante da minha fazenda.

Subimos a serra, e de longe já se avistava algumas pessoas em frente à casa do empreiteiro.

Do lado de fora, já se ouvia os gemidos da parturiente. Ao entrar no quarto deparei estarrecido com o que vi: a mulher

deitada em uma cama de casal, o marido à sua cabeceira sentado sobre as pernas cruzadas, como um brâmane, um moço magro, alto, moreno, aparentando 36 anos, cabelos desgrehados, segurando a cabeça da mulher, o pai chorando ao seu redor, a parteira muito aflita, com ares de conhecedora do assunto, dava por encerrado o seu trabalho, pois nada mais seria possível fazer. Disse-me que a mulher deveria ser transportada para Rondonópolis, a 65 quilômetros de distância. Mas, como levá-la, se nem sequer havia um caminhão para conduzi-la? Uma verdadeira barafunda existia naquele quarto. A mãe, implorando a Deus para que não “levasse” sua filha. Muitas pessoas no quarto, num vozeiro infernal. O pior, uma outra cena dantesca com a qual me deparei durante as minhas andanças pelos sertões: haviam colocado sobre o ventre da parturiente, um arreio de montaria, numa incrível credence para acelerar o parto, ao mesmo tempo em que a mulher assoprava com força na boca de uma garrafa vazia no intuito de ajudar no trabalho do parto.

- Se querem que eu examine essa mulher, exijo que todos se retirem do quarto.

Mas, a parteira continuava afirmando que a mulher teria que ser retirada dali, nem que fosse numa rede até encontrar recursos. “Então nada me resta fazer, vou-me embora”, disse-lhes. Mas o Sr. Moura insistiu para que eu a examinasse. Assenti, mas ordenei que retirassem a garrafa de suas mãos e o arreio colocado sobre o seu ventre. Que o marido descesse da cama e fosse para o quintal a fim de manear um pouco o pesado ambiente daquele quarto. Procurei acalmar a mulher e orientei como se portar durante o parto. Solicitei uma bacia com água morna e sabão e a desinfetei com uma solução de Lysoform.

Logo me propus a verificar a posição em que se encontrava o feto e o motivo da demora do nascimento da criança. Depois de leves apalpações sobre o abdome, para certificar-me da posição, untei a mão com vaselina, e com muito cuidado dei o primeiro toque. Constatei que a criança estava na posição correta, sem nenhuma anormalidade aparente. Procurei acalmar a parturiente, dizendo-lhe que aquelas dores que aumentavam a cada instante eram contrações do útero para expulsar o feto, sinal evidente de que a criança iria nascer dentro de uma hora, e que, ao invés de chorar, ajudasse no nascimento da criança, fazendo força com a boca fechada durante as contrações uterinas para auxiliar na descida. Uma forma empírica, mas um meio que eu dispunha naquela ocasião para facilitar o trabalho de parto.

Meia hora depois do segundo toque, notei que a criança se deslocava naturalmente, era uma questão de tempo.

Passada uma hora, avisei os familiares e a parteira que a criança nasceria dentro de 40 minutos, e que eu teria de ir embora. “Mas, o senhor não pode fazer isso”, disseram-me. Respondi que a criança nasceria sem a minha presença, porque estava tudo normal e tinha muito o que fazer na fazenda. Afirmei-lhes que quando eu estiver chegando em casa a criança estará nascendo. “Fiquem calmos e tenham confiança no que estou dizendo”.

Para fazer tal afirmação, teria que ter plena certeza sobre o que dizia.

Esse sentimento de responsabilidade sempre trago comigo, sentimento de solidariedade para com os necessitados, uma forma de ter a palavra como verdade. Na minha volta, quando já passava pela ponte, ouvi tiros de espingarda, anunciando o nascimento da criança.

Tudo estava resolvido naquela manhã de sol de verão, de modo especial, para um farmacêutico que estava predestinado a ser parteiro, muito a contra gosto, e que nunca teve a idéia voltada para tal profissão em suas andanças por estes sertões afora, mas, sim, por força das circunstâncias.

É nesses solavancos da vida que nos fazem as vezes de herói, outras vezes de fugitivo ou renegado, de desbravador ou aventureiro, levando-nos finalmente, a ser fazendeiro, com mania de escrever um livro, de viver cem anos, de continuar viajando pelo mundo e conhecer pessoas. Apesar de apreciar um mundo que se desmorona aos poucos, tão complicado, tão destituído de valores reais, ia eu numa esvairada tentativa de sentir as belezas desta terra tão minha, de gente tão maluca, que rouba aposentado, que rouba o povo, como nos tempos medievais, neste país que amo tanto, país verde-amarelo, “gigante pela própria natureza”, onde o homem de bem ainda sonha com um mundo melhor. Ele venera sua pátria como um evangelista em intermináveis meditações nos obeliscos de Tebas, onde os deuses o levam rumo ao sol, muito além dos horizontes, numa quietude que o envolve com a alma do mundo e o faz perder noção do tempo e da dor. Nestes tristes dias em que se ouve dizer que países como a Rússia serão capazes de destruir toda a Europa em seis dias, com algumas de suas poderosas bombas, só podemos exclamar que é terrível!

E também nós, brasileiros, que ainda não temos muito juízo, estamos quase na mesma onda, salvo uma plêiade de homens

dignos, a todo momento implorando a Deus para a volta do mundo à influência do grande amor, o amor salvação de humanidade.

É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito...

Albert Einstein

VIDA SELVAGEM: A ONÇA E OS PÁSSAROS MADRUGADORES

Na fresca manhã de fim de inverno, a onça mata sua sede à beira da barragem.

Absorta, no seu universo, envolvida com sua imagem refletida nas águas claras e calmas do açude, não me pressentia do outro lado da represa. Ali, sentado na relva verde, observo-a, cauteloso. Ela, imóvel, de olhar sereno, levanta a cabeça, olha para os lados e vê em mim, um estranho. Com seu olhar ferino e sua alma selvagem, encara-me até com certa serenidade. Fita-me por alguns instantes e põe-se a andar, passos lentos e macios, pisando as folhas secas causando um barulho sutil. Manhã fresca de agosto, quando os deuses ainda dormiam na madrugada da região amazônica.

A fera fitava-me com seu olhar manso, e, eu ali, sem defesa, imóvel, preocupado com o que poderia acontecer. Só para lembrar, o animal selvagem só ataca o homem quando sente fome ou quando acossado e sempre foge se possível. Mas este animal com seu porte soberbo, indiferente, caminha de volta ao seu ninho, ao encontro do seu parceiro ou dos seus filhotes, aos poucos desaparecendo entre as brumas da manhã.

O sertão, só quem o desvirgina o compreende. Com sua luz que surge dos verdes prados, do murmúrio das matas, tocadas pela leve brisa matinal, onde o canto dos pássaros se destaca com o trinar dos curiós, dos pintassilgos, entre outros lá em cima do ingazeiro, árvore frondosa nascida da terra farta. Neste país onde o tordo vai descansar às nove horas da noite e abandona o sono pelas duas da manhã, equivale sua atividade a dezenove horas de trabalho.

Durante esse tempo dá de comer a seus filhotes cerca de 200 vezes.

O melro começa a trabalhar na mesma hora que o tordo, mas vai descansar duas horas antes, dedica dezesseis horas para

o trabalho, unicamente para arranjar sustento aos seus dependentes.

A araponga sai para o trabalho às três da manhã e trabalha até as nove horas da noite, buscando insetos para seus filhotes, cerca de quatrocentos vôos diários.

Então, por que não nos encantar com as belezas deste país? Com suas cataratas, cascatas e rios caudalosos?

Que não destruam nossa fauna, nossa flora, nossos pássaros. Neste quadro deslumbrante, mas que está sendo ameaçado aos poucos por pessoas inescrupulosas, o tráfico de pássaros é comparado ao contrabando de tóxicos no valor de quatro bilhões de dólares por ano.

Os pássaros são muito madrugadores. Mal desponta a aurora já se ouvem seus trinos. Seus cantos se sucedem quase sempre na mesma ordem. Isto permitiu a alguns naturalistas estabelecer uma classificação que toma por ponto de referência o nascer do sol.

O horário ornitológico se baseia num dia de primavera, claro e luminoso.

O mau tempo, como é natural, pode alterar este curioso relógio,. Antes do amanhecer, quando ainda é noite, cantam o rouxinol e a calhandra. Um hora e meia antes do sol nascer, cantam a carriça, a calhandra do campo e a codorniz.

Uma antes: faisão, melro, cuco, carriça de cabeça preta e o verdilhão.

Meia hora antes: araponga, tordilhão e moscarete de colar.

Ao sair do sol, pintassilgo, pardal, estornilho vermelho.

Durante o resto da manhã, os pássaros cessam seus cantos na mesma ordem que começaram.

O imortal escritor José de Alencar, no seu romance Iracema, num trecho da sua obra prima, diz: **Quando o sabiá canta, é o tempo do amor.**

Estamos no tempo do amor e da responsabilidade. Mas, o homem, quase sempre pusilânime e egoísta, envolto num misticismo que não leva a nada, esquece as dádivas de Deus, ao olhar os vôos alegres dos pássaros nas madrugadas brasileiras, repletas de simbolismo, plenas de afinidade com a alma do mundo, pessoas pretensiosas e desonestas levam o homens de brio a chorar a perda de uma natureza que se despedaça aos poucos, num desmonte total por culpa de gananciosos e inescrupulosos, sem atinar para o futuro dos seus descendentes.

Na manhã calma de agosto, olhando para o firmamento, sentia-me como Temudgin, de que Deus é o “Eterno Céu Azul”.

Agora, ali, a confundir-me em reflexões, contemplo o renascer de mais um dia com seu esplendor que se renova para alegria de um provinciano como eu, que se sentia inebriado como Greso, a felicidade em vida, naquele recanto dos confins da minha fazenda, onde a vida civilizada termina e começa a vida selvagem, numa representação perfeita da verdadeira essência de Deus.

A alma tem ilusões como o pássaro tem asas. É isso que a sustenta.

Victor Hugo, escritor francês

AGRADECIMENTO FINAL

Estou agradecendo aos céus numa emoção presente por ter nascido de uma mulher que a todo custo queria que seu filho continuasse os estudos e fizesse farmácia, mas não alcançou seus objetivos. Sobreveio a grande crise econômica de 1928 e 1929, com efeitos funestos não só para o Brasil, como para o resto do mundo, impedindo deste modo a realização dos seus sonhos de ver o seu pupilo formado. Tudo em vão, morreu conformada. Quanto a mim, ainda um adolescente, não me dei por vencido, fui trabalhar com meu cunhado Antoninho, em sua farmácia lá no centro da cidade, pois morávamos numa modesta casinha de periferia.

Sem deixar minhas ilusões rolaem por terra com a grande crise, que persistia. Por que chorar perdidas ilusões, diria Charlie Chaplin: **A vida é muito curta para não ser vivida intensamente**; e por que não buscar outras alternativas, a não ser no trabalho?

Neste livro, todas as vezes que invoco as estrelas do céu azul, nas minhas divagações, nas minhas fantasias e nos meus sonhos, é dentro de mim que as encontro, verdadeiramente, como estímulo à vida, assim como a minha força de viver encontra apoio nas forças do universo. Em suma, nunca esperar pelo consolo de alguém, mas pela nossa força psíquica, onde obteremos a tranquilidade perene e verdadeira, assegurando-nos uma proteção íntima, que nos libertará dos sofrimentos. Somos quase sempre subordinados aos caprichos das paixões e fantasias exteriores criadas por nós, numa ciranda de desencantos.

Assim como Cristo, o divino legislador da igualdade, Platão e Confúcio, sempre reconheceram que o mundo maravilhoso está dentro de nós mesmos, assim como a estrela cintilante de

Nietzsche, que, numa mescla de sofrimentos e de conhecimentos, surge como o verdadeiro universo do nosso ser.

Schopenhauer, no seu livro *O Mundo Como Vontade e Poder*, uma leitura odiada por muitos, na página 84, diz: O homem está sempre constricto às próprias forças em qualquer caso, sem excetuar o mais importante. Em vão cria deuses para obter-lhes com súplicas ou adulações, aquilo que somente sua força interior pode lhe dar.

Envolvido na amplitude desses pensamentos, surge o esplendor do êxito de minha vida, o equilíbrio e a serenidade.

No simbolismo que encerra toda esta minha narrativa, reafirmo: Procuremos na doce loucura do amor, no seu mais amplo sentido, a verdadeira essência de Deus.

Assim, como no tempo redescoberto de Proust, vou caminhando pelo universo dos meus sonhos entre a fragrância das matas, no canto alegre dos pássaros, no fragor do vento que sopra lerdo na cálida tarde que cai lentamente.

Um dos sinais da maturidade espiritual é a capacidade de sentir-se confortavelmente sozinho.

Soren Kierkegaard - filósofo dinamarquês

É um feliz destino envelhecer e morrer no meio daqueles com os quais se cresceu e combateu.

André Maurois - "A Arte de Viver"

HOMENAGEM AO GÊNIO

Aparecereis de novo, oh! sombras vaporosas.
Que os meus olhos enchestes, outrora, radiosas?
Consegurei por fim reter-vos junto a mim?
Meu coração se inclina às seduções assim?
Que atração exerceis. Conseguis, de uma a uma,
Manter-me envolto em sonhos, mergulhado em bruma.
Renova-se o meu ser miraculosamente,
Bafejado do sopro que exalais ardente.

Convosco vêm lembranças velhas e distantes,
Sombras da adolescência, alegres, deslumbrantes,
Como lendas antigas que o tempo não apagasse.
Reacende em mim o amor, a amizade renasce,
Logo desperta a dor, repete-se a dorlência,
Do curso complicado e duro da existência.
Renascem os de outrora, as horas juvenis,
E felizes, que o tempo preservar não quis.

Os meus cantos de agora, estes não são amados,
Por quantos os ouviam, outrora, deslumbrados,
Dissiparam-se os sons tão bons e tão amigos.
Já se perdem bem longe os seus ecos antigos,
Meus cânticos de hoje os quer a multidão,
Seu aplauso e clamor me ferem o coração.
Os meus velhos cantos tanto admiraram,
Perdidos pelo mundo enfim se dispersaram.

Assalta-me a saudade em tudo o que é passado,
Daquele mundo suave e espiritual, amado;
Paira ainda no ar, harmonioso, um canto,
Qual som de harpa eólica, as cordas vão vibrando.
Domina-me a emoção e não contenho o pranto.
Meu rude coração logo se abranda, enquanto,
A realidade atual se torna mais distante,
E o passado renasce, ardente, impressionante.

Johann Wolfgang Goethe

**ONDE CANTA O SABIÁ
(MEMÓRIAS)**

José Roveri

Rua Dr. Otávio Pitaluga, 929
Centro - 78700-170 - Rondonópolis - MT

Impressão:

São Francisco Gráfica e Editora Ltda.
Rua José Bonifácio, 787 - 14010-050- Ribeirão Preto - SP

Capa:

Adonis Simões Paiva
Rua Margarida, 89
14091-070- Ribeirão Preto - SP

Edição de texto:

Wilson Rover
Rua Margarida, 81
14091-070 - Ribeirão Preto - SP

Editoração, Diagramação e Artes Finais:

JJ & Angelis
Rua Javari, 4385 - 14061-310 - Ribeirão Preto - SP

CONSIDERAÇÕES

Esta edição realizada no ano de 2025 foi autorizada por José Carlos Roveri, filho do autor.

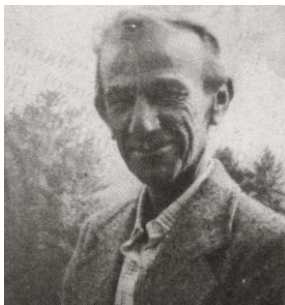
O livro, **“Onde canta o sabiá - sonhos de um boticário do sertão”**, é componente fundamental para o registro da história de Palmeira d’Oeste. Publicado no ano de 1996, poucos exemplares existem em Palmeira d’Oeste.

Com o objetivo de ampliar o acesso, de pessoas e entidades, a esta importante obra, tomei a iniciativa de realizar este trabalho publicando nos formatos, impresso e “ebook” (disponibilizado no link: <https://skalafm.org.br/biblioteca/>).

Hermenegildo Jose Ferreira

JOSÉ ROVERI PROTAGONISTAS DA HISTÓRIA DE PALMEIRA D'OESTE

Por: Hermenegildo Jose Ferreira



José Roveri

José Roveri é personagem de fundamental importância para o desenvolvimento da cidade de Palmeira d'Oeste. Nasceu em Pirangi, Estado de São Paulo em 8 de dezembro de 1917, filho caçula de família rica. Perdeu seu pai aos 4 anos de idade.

Com a crise internacional de 1929 as riquezas da família, assim como de tantas outras, rolaram água abaixo. Mas o pior estava ainda por acontecer, sua mãe Adelaide e um irmão foram acometidos pelo "Mal de Hansen" e tiveram que ser internados e isolados. Naquela época essa era uma doença terrível e estigmatizante. Foi, então, morar com a sua irmã Ermelinda que havia se casado com o Antoninho, um farmacêutico; dele ganhou o gosto pela leitura e pela sua profissão de farmacêutico.

Quando Concluiu seu curso de farmácia (Provisionamento) pensou em procurar novos rumos. Sua irmã e seu cunhado não queriam de modo algum que ele se embrenhasse pelo sertão. Acreditando no ditado que diz: **"vale mais ser dono de um barco do que comandante de um navio"**, recusou o convite de uma importante rede de farmácias para comandar uma de suas unidades, e aos 28 anos, aceitou a proposta de seu primo Ângelo Galetti de montar uma farmácia numa vilazinha que estava se formando além da vila de Jales. Não possuía sequer estradas, uma vila naquele resto de sertão bravo de terras boas para a agricultura.

Em janeiro de 1945 a vila pode contar com o seu segundo morador e com a sua primeira farmácia, conduzida por um profissional qualificado, culto e determinado. A farmácia e também sua residência era um imóvel modesto de madeira localizado onde

atualmente esta o Ginásio de Esportes Sérgio Neves Ponce na Avenida Antônio Fernandes Garcia em frente ao número 4955.

Casou-se com Alaíde Ribeiro em 10 de junho de 1948. José Carlos Roveri, único filho, nasceria em 1953. Conta Esmeraldo Antônio Ribeiro, seu cunhado, que para realizar o casamento foi preciso vir da Vila de Jales, numa “chimbica” alugada, o escrevente de cartório era, “Manoel Pantaleão”.

José Roveri organizou e presidiu a comissão para lutar pela emancipação política de Palmeira d’Oeste. Ele e muitos outros trabalharam muito, por anos na década de 1950 e finalmente em dezembro de 1958 foi criado o Município de Palmeira d’Oeste.



Parte da comissão que lutou pela emancipação de Palmeira d’Oeste em visita ao governador Jânio Quadros. Década de 1950. da esquerda para a direita: Juvenal Vicente de Oliveira, Antônio Fredi, Carlos José da Graça Veiga Carlson, José Roveri e Bráulino Martins Gonçalves.

A luz da lamparina ou do lampião era a luz que iluminava o interior das casas nas noites do sertão. Havia sido assim aqui também, até José Roveri, junto com alguns amigos batalhadores da época, conseguir com a colaboração do Deputado Federal Aloysio Nunes Ferreira instalar um gerador de energia elétrica movido por um motor a óleo diesel. O gerador foi instalado num amplo terreno localizado na Rua XV de Novembro na altura do número 5070. Funcionava quase todos os dias das 17:00 às 23:00 horas. Quando ocorria quebra no sistema, a manutenção era difícil e às vezes demorava alguns dias para ser consertado.

Com o progresso do município, ele prosperou. Comprou um lote na Rua Brasil, nº 4879. Construiu na frente um salão amplo para instalar a sua nova farmácia e no fundo sua residência.

No tempo que o café “valia ouro” adquiriu uma pequena propriedade onde produzia café. Perseverante e sonhador adquiriu, mais tarde, uma fazenda bruta em Rondonópolis, Estado do Mato Grosso. Esta fazenda viria a ser considerada uma fazenda modelo, uma fazenda exemplar, e seria divulgada por ordem do governo federal em filmes por todo o Brasil.

A história de José Roveri caminha junto com a história de Palmeira d'Oeste até julho de 1971, quando ele “novamente voou, voou bem mais alto” e mudou-se para Rondonópolis.

Escreveu este livro de memórias: **“Onde canta o sabiá - sonhos de um boticário do sertão”**, obra de leitura muito agradável. É o sertão vivido por José Roveri. Em parte desse livro ele conta fatos que levaram uma vilazinha do sertão a tornar-se uma cidade. Foi um dos protagonistas da história de Palmeira d'Oeste. É descrito pelos que tiveram a felicidade de conviver com ele como sendo um homem desbravador, incansável, elétrico, um serelepe!

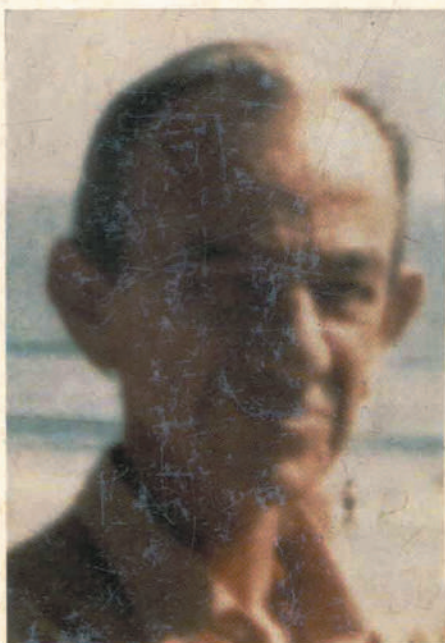
José Roveri faleceu no dia 05 de setembro de 2003, aos 85 anos de idade, na Cidade de Cuiabá, Estado do Mato Grosso.

José Roveri, honrosamente, ocupa a cadeira nº 1, como Acadêmico Patrono da APELe (Academia Palmeirense Etê de Letras Escapadas).

ÍNDICE

Onde canta o sabiá	1
Quando o sabiá canta, é tempo do amor	2
Abraços	3
Dedicatória	4
Prefácio	5
Prólogo	6
Despertar para a Vida	7
Adeus, Amigos	8
Uma Odisséia	9
Destino: Boticário	11
Picado de Cobra	11
Os primeiros dias	13
Fama de Boticário	15
Fratura Exposta	17
Herói do Sertão	17
Alegria do Amanhecer	20
Novos Tempos	21
O Filho da Bailarina	22
Adeus à Mãe Adelaide	24
A Garota da Mudança	25
O Menino Chegou	26
Pantaleão, o Prefeito	28
Diabo no Corpo	29
Como as Andorinhas	30
Rivalidade Mortal	32
Os Amigos	35
Novos Heróis do Sertão	36
A Viagem	37
O Fordéco	38
O Alemão	39
Brasília: Nova Era	41
Junto de Deus	43
A Ponte e as Enchentes	44
Portal da Amazônia	45
Proposta e Recordações	46
Afinal, Rondonópolis	49
O Passado e a Psicanálise	50
Bonita Como a Flor	51
Círcos e Palhaços	52
O Facínora	54
Chatô, o Rei do Brasil	57
Carta de Natal ao Antoninho	58
Ciranda Louca do Homem à Procura da Identidade	61
Volta à Palmeira d'Oeste	62
Ninguém para Chorar por "Quelé"	63
O Inferno Sedutor	65
Lençol Verde da Solidão	66
O Riacho	68
Vivaldi e as Novilhas	70
Viagens	71
A Volta e a Epopéia do Negro no Brasil	73
Meu Neto, Minhas Flores	75
Deus	75
Volta ao Passado	76
O Índio	77
Minha Terra, Minha Gente	78

O Índio e sua Cultura	80
Apocalipse	81
Relembrando	82
Nasce uma Estrela	83
Exaltação aos Moços	84
Advertência dos Militares	85
Whitman, o Gênio	87
Lepera e Gardel	88
A Volta ao Mundo	90
Egito	91
Cinema Mudo	95
Contemplação	96
Estoicismo	97
Notável Professor Deberreiner	97
Onde Estão os Passarinhos?	99
O Homem no Tempo e no Planeta	101
As Quatro Estações	103
A Longa Noite que Virá	104
Música do Amor e da Vida	105
Viagens do Tempo	106
A Canção da Vida	108
Zé Baiano	109
O Amigo	111
A Grande Muralha Chinesa	113
Noites de Moscou	114
As Palvaras de Buda	115
A Natureza	115
Redenção	116
Japão, Flerte, Encantamento, Desolação	117
Inesquecível Professor	119
Minha Adorada Professora	120
Sonharemos, Antes do Dia Findar, Antes da Noite Chegar	121
China, Ameaça para o Ocidente	122
A Terra Mãe - A Cidade do ano 2000 - A Cidade de Rondon	124
Dois Tempos de Solidão	125
O Desfile das Minhas Canções	128
O Clã Desfeito	130
Lá eu Moraria	134
Dia das Mães	135
Tempos de Vacas Magras	136
Meus Netos, Nossos Netos	137
Direitos Humanos	139
Os Dias que se Foram	140
A Primavera da Vida	142
A Vida	144
Velhos Tempos, Velhos Amigos	144
Credences e Sentimentos	146
Vida Selvagem: a Onça e os Pássaros Madrugadores	149
Agradecimento Final	151
Homenagem ao Gênio	153
Créditos da primeira edição	154
Considerações	155
José Roveri - Protagonistas da História de Palmeira d'Oeste	156



José Roveri é natural de Pirangi e se considera um dos fundadores de Palmeira D'Oeste, no Estado de São Paulo. Iniciado no ramo de farmácia, manipulando e vendendo remédios, no sertão teve de virar médico muitas vezes e acabou criador de gado em Rondonópolis. Ali vive até hoje ao lado da família. É um desbravador incansável, elétrico, um serelepe, apesar de estar beirando os 80 anos.